a revista para quem gosta de cinema

SET

Editora Abril

Drogas, cadeia e sexo pago: as carreiras em perigo de Charlie Sheen, Robert Downey Jr. e Christian Slater

29 novos vídeos comentados

RITA HAYWORTH

A vida dramática da mais linda estrela dos anos 40

ROBERT REDFORD

Ele detesta que possam pensar que ele é um loiro burro

GODZILLA!

Acaba o mistério e o monstro aparece. Veja se valeu a pena na página 14

Julho, 1998 - Ed. 133 - Ano 12 - Nº 7 - R$ 5,70 / 5633

ISSN 0104-1592

BRASIL

Diretor estreante traz irmã de Coppola e Elliott Gould

novidades de férias

- **Perdidos no Espaço** chega ao cinema
- **Mulan:** Disney lança seu novo desenho

VOCÊ TERIA CORAGEM DE ABANDONAR SEU PRÓPRIO FILHO? A MÃE DESSA CRIANÇA TEVE.

Uma criança sem passado. Uma mãe sem futuro.

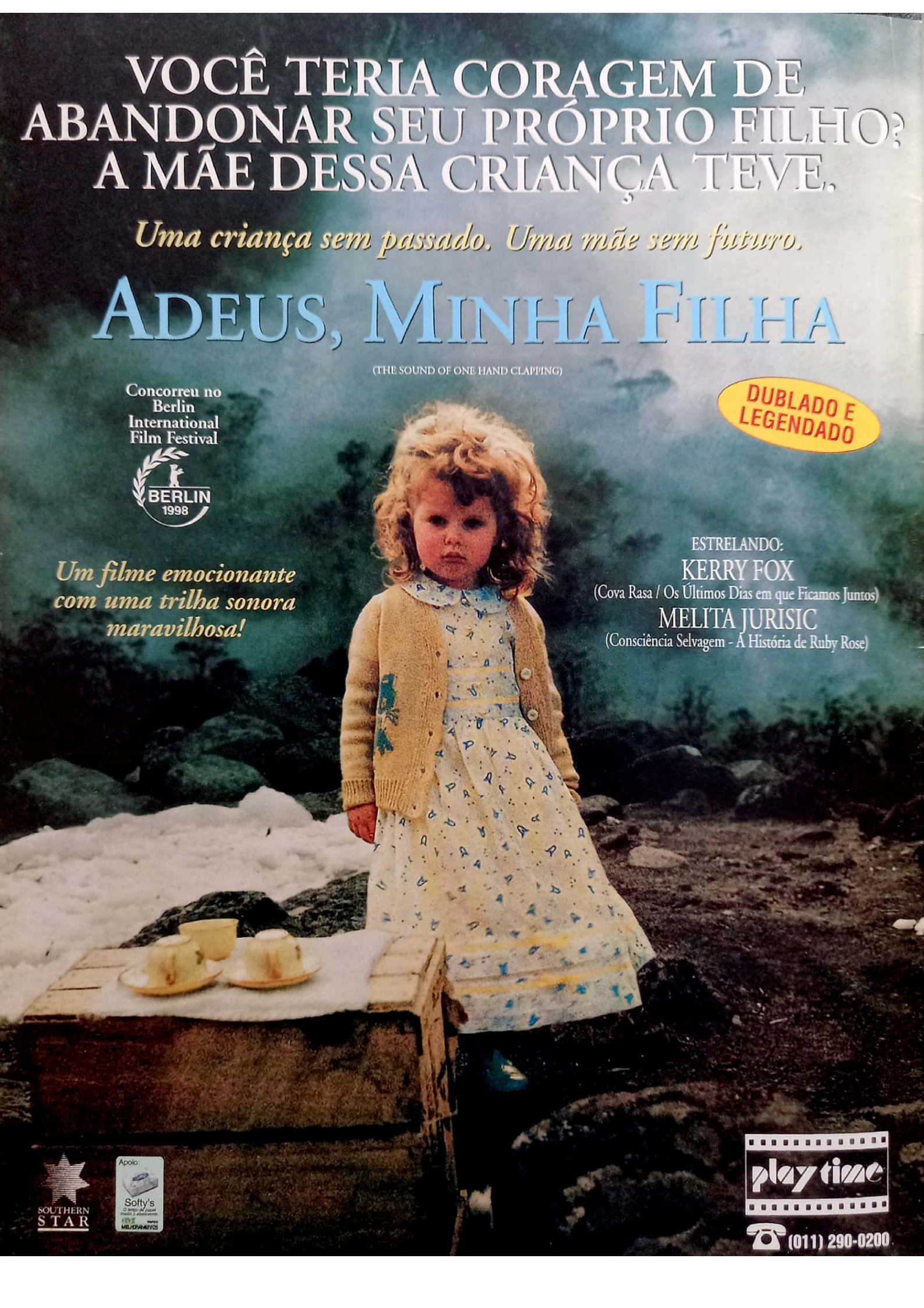
ADEUS, MINHA FILHA

(THE SOUND OF ONE HAND CLAPPING)

Concorreu no Berlin International Film Festival

BERLIN 1998

DUBLADO E LEGENDADO



Um filme emocionante com uma trilha sonora maravilhosa!

ESTRELANDO:

KERRY FOX

(Cova Rasa / Os Últimos Dias em que Ficamos Juntos)

MELITA JURISIC

(Consciência Selvagem - A História de Ruby Rose)

SOUTHERN STAR

Apoio: Softy's

play time

(011) 290-0200

NESTA edição

Na Capa:
Godzilla (AP)

Warner/New Line

14 GODZILLA
Ele é maior que o Cristo Redentor, e sua pata tem o tamanho de um ônibus: não é à toa que esta nova encarnação do velho monstro japonês está pronta para causar o maior estrago em Nova York – e na bilheteria

Columbia

22 PERDIDOS NO ESPAÇO
O seriado cult dos anos 60 chega à tela grande com um elenco escolhido a dedo e efeitos especiais de última geração

26 MULAN E MUITO MAIS
A Disney lança um novo e belíssimo desenho, um papagaio falante conquista as platéias e Eddie Murphy conversa com bichos: julho é um mês para passar no cinema

Columbia Buena Vista

30 ROBERT REDFORD
O astro conta por que não tem medo de ficar velho e por que detesta que o chamem de bonito

36 DE HOLLYWOOD PARA O INFERNO
Drogas, sexo e mais drogas: por que Charlie Sheen, Robert Downey Jr. e Christian Slater não saem das manchetes

Divulgação

42 OSCAR DE CASA NOVA
A maior festa do cinema vira o milênio em uma sede digna dos grandes cenários hollywoodianos

44 RITA HAYWORTH
Linda demais, infeliz demais: a atormentada vida da estrela mais gloriosa dos anos 40

52 UM SONHO NO CAROÇO DO ABACATE
Um diretor estreante, dois veteranos atores americanos e um título muito estranho: nós fomos ao set de filmagens conferir um longa nacional que está saindo do forno

Warner

sempre em SET

5 TAKES Uma volta pelo mundo do cinema

56 HOLLYWOOD BOULEVARD
As lembranças de Dulce Damasceno de Brito

57 VIDEOLANÇAMENTOS Al Pacino seduz Keanu Reeves (e a platéia) em *O Advogado do Diabo*

63 MAIS TAKES E a voltinha pelo cinema continua

68 CARTAS Os leitores dizem o que pensam

70 NOSTALGIA Uma imagem para guardar

*Consulte sua operadora sobre a disponibilidade dos canais, preço e condições de instalação. Programação sujeita a alterações.

Em julho o Telecine apresenta Coração de Dragão. Um lançamento inédito na TV brasileira, pela primeira vez no Telecine 1. Só nos cinco canais Telecine* você tem sempre um bom filme começando. Neste mês são 744 filmes, dos mais variados gêneros, todos com som original, legendados e sem intervalos. Quem não tem Telecine não tem cinema. E acaba deixando o coração vazio de emoções.

Assine já NET, Multicanal ou Sky - 0800-992211.

TELE 1 CINE ESTRÉIAS, FILMES NOVOS, INÉDITOS NA TV BRASILEIRA.

TELE 2 CINE AÇÃO, SUSPENSE, POLICIAL, FICÇÃO CIENTÍFICA, WESTERN.

TELE 3 CINE DRAMA, ROMANCE, MUSICAL.

TELE 4 CINE COMÉDIA, AVENTURA, INFANTIL, FANTASIA.

TELE 5 CINE CLÁSSICOS, CULT.

TELECINE. ISTO É CINEMA

TAKES

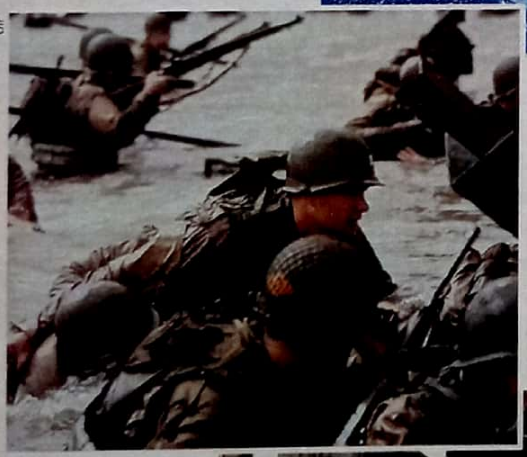
O VERÃO PEGA FOGO

O mês de julho marca a temporada mais animal do cinema americano

Columbia Buena Vista

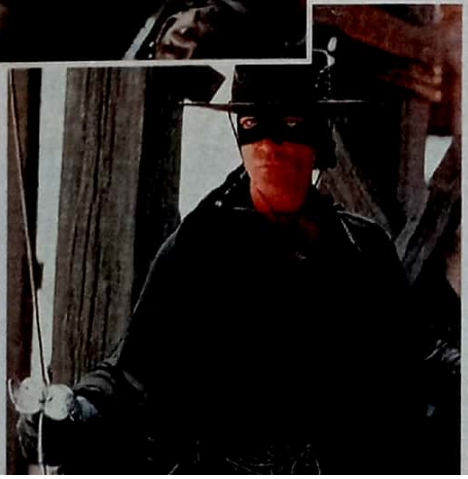
UIP

Será que *Armageddon* (*acima*) pode superar a bilheteria de *Impacto Profundo* (*ao lado*)?



UIP

Steven Spielberg vai à guerra em *O Resgate do Soldado Ryan*



Columbia TriStar

Antonio Banderas é o protagonista da aventura *A Máscara do Zorro*

Que agosto que nada: para o cinema americano, julho é que é o mês do cachorro louco – e dos filmes milionários, quando a temporada do verão esquenta de verdade. No mês passado, as telas americanas foram invadidas por garotinhas chinesas (*Mulan*), conspirações governamentais (*Arquivo X – O Filme*) e até por Harrison Ford sem camisa (*Six Days, Seven Nights*), mas é em julho que as superproduções têm de provar sua força, para que possam superar os arrasa-quarteirões que estão em cartaz.

É em julho, por exemplo, que Steven Spielberg poderá mostrar que ainda é o maior diretor em atividade no cinema americano. Ele diz que retirou do drama de guerra *O Resgate do Soldado Ryan* – que traz Tom Hanks à frente do elenco – toda a baba emocional e duas cenas cômicas para se concentrar nos horrores da guerra. Spielberg é também o produtor de *A Máscara do Zorro*, dirigido pelo mesmo Martin Campbell que deu nova vida a James Bond com *007 Contra Goldeneye*. No filme, o Zorro original (Anthony Hopkins) passa o manto do justiceiro para um ladrão (Antonio Banderas), na tentativa de resgatar sua filha das mãos de um vilão. Depois de ter sua estréia adiada em diversas ocasiões, o filme chega cheio de moral: as exibições-teste agradaram bastante à platéia.

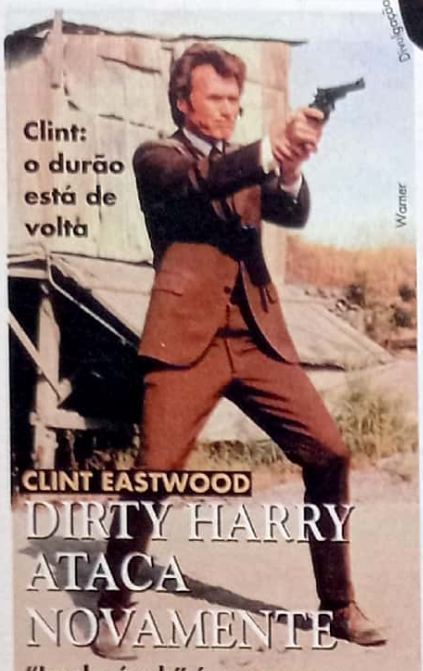
Mas o enigma mais aguardado do verão ianque é *Armageddon*, protagonizado por Bruce Willis, Ben Affleck e um asteróide do tamanho do Texas. Os especialistas gringos tinham o filme como o maior sucesso do verão, até que a excelente – e inesperada – recepção a *Impacto Profundo* (que estreou no final de maio com um roteiro semelhante) deixou os executivos da Touchstone, produtora de *Armageddon*, de cabelos em pé. Para piorar, o filme foi recebido às gargalhadas no Festival de Cannes, onde cinqüenta minutos da produção foram exibidos para jornalistas. O resultado dessa peleja só será mesmo conhecido depois da estréia de *Armageddon* em 4 de julho, o feriado da Independência americana – data que, aliás, funcionou às mil maravilhas para *Homens de Preto*, que se tornou o maior sucesso do verão passado. ■

TAKES

MR. T

LUTANDO PELA VIDA

Alguém se lembra do grandalhão Mr. T? Na década passada ele ficou famoso ao enfrentar Sylvester Stallone em *Rocky 3* e protagonizar a série *Esquadrão Classe A*, mas praticamente sumiu de cena nos anos 90. Agora Mr. T – ou melhor, Lawrence Tero – está de volta às manchetes, mas não como astro de filmes de ação: aos 45 anos, ele está combatendo o câncer. Numa entrevista concedida à TV americana no final de maio, Mr. T confessou que o tratamento o deixou na lona, mas ainda assim não queria dinheiro ou compaixão: "Quero que as pessoas sintam-se bem e otimistas depois desta entrevista". Seu último papel no cinema foi uma ponta como piloto de helicóptero na comédia *Duro de Espiar*.



Clint: o durão está de volta

Warner

CLINT EASTWOOD

DIRTY HARRY ATACA NOVAMENTE

"Implacável" é pouco para definir o policial Dirty Harry Callahan, imortalizado por Clint Eastwood como o tira mais durão das telas. Uma década depois de *Dirty Harry na Lista Negra*, Clint disse à *Cinescape* que está interessado em retomar o personagem. Mas o astro deixou claro que um novo filme só será possível se o roteiro levar em conta sua idade: aposentado, Harry seria obrigado a tirar a poeira de seu 44 para combater os bandidões.

Kevin: ele quer distância dos futuros apocalípticos

Warner

KEVIN COSTNER

COM OS PÉS NO CHÃO

Parece que a sucessão de fracassos conseguiu colocar um pouco de juízo na cabeça de Kevin Costner. Depois da derrota retumbante de *O Mensageiro*, ele decidiu trabalhar só como ator no drama *Message in a Bottle* e deve protagonizar também o thriller político *Thirteen Days*. Neste último, ambientado em 1962, Costner interpreta um militar que integra um pequeno grupo – liderado pelo então presidente americano John Kennedy – obrigado a lidar com a instalação de mísseis soviéticos em território cubano, uma crise que quase detonou a Terceira Guerra Mundial. Depois de *Waterworld* e *O Mensageiro*, isso é o mais perto de um futuro apocalíptico a que Costner se atreve a chegar.

Columbia Buena Vista

Banderas: morte na neblina

CAÇADORES DA NÉVOA

AMEAÇA SOBRENATURAL

Parece que não são apenas as misteriosas criaturas devoradoras de mortos que complicam a vida dos protagonistas de *Caçadores da Névoa*, o novo filme do diretor John McTiernan – de *Duro de Matar*. Depois que a estréia americana do filme baseado no romance *Eaters of the Dead*, de Michael Crichton, foi adiada de abril para outubro deste ano, surgiram rumores de que o elenco havia sido convocado às pressas para rodar um novo final, já que o original havia sido rejeitado pela platéia em exibições-teste. Além disso, o orçamento de *Caçadores* pode ter estourado os 60 milhões de dólares iniciais, chegando a astronômicos 150 milhões. A estréia de *Caçadores da Névoa* no Brasil está prevista para novembro deste ano.

Divulgação

Harrison e Michelle: juntinhos no cinema

HARRISON FORD E MICHELLE PFEIFFER

CORAÇÕES APAIXONADOS

Harrison Ford está ficando velho – mas isso não significa que está menos charmoso. Depois do novo *Six Days, Seven Nights*, ele fará par com a maravilhosa Michelle Pfeiffer em *Random Hearts*, do diretor Sidney Pollack – que dirigiu o astro na refilmagem de *Sabrina*. Para garantir o sucesso do projeto – já que o histórico do astro com filmes românticos não é dos mais animadores –, Harrison interpretará um detetive, garantindo a dose necessária de ação e dando ao público o herói relutante que eles gostam de ver.

COMO É MESMO O NOME DELE?

ELIJAH WOOD

ESTE MENINO VAI LONGE

Ele é considerado, por unanimidade, um dos melhores atores mirins surgidos nos últimos anos. Precoce, Elijah Wood começou sua carreira ainda pequeno, apresentando-se em desfiles e comerciais de TV regionais – ele nasceu no estado de Iowa. Em 1988, aos sete anos, mudou-se com a família para Los Angeles e, no ano seguinte, participou de um clipe de Paula Abdul e fez uma ponta em *De Volta para o Futuro 2*. Em seguida, o ator interpretou o neto de Armin Mueller-Stahl em *Avalon* e conseguiu seu primeiro papel de destaque em *Paraíso*. Ele agradou ao público e à crítica em *Radio Flyer* e na aventura *Eternamente Jovem*, ao lado de Mel Gibson. Em 1993, fez *O Anjo Malvado*, uma curiosa parceria com o então astro Macaulay Culkin. Um ano depois, Elijah comprovou seu prestígio como um dos apresentadores do Oscar, substituindo o próprio Macaulay. Por ironia, foi o ano em que esteve à frente de dois fracassos de bilheteria, *O Anjo da Guarda* e *A Árvore dos Sonhos*. Passando pelas mudanças típicas da adolescência, ele sumiu do mapa por um tempo, fato que a nova versão de *Flipper*, outro fracasso, não conseguiu contornar. Agora, aos dezessete anos, ele dá novo fôlego à carreira: depois de sua elogiada participação em *Tempestade de Gelo*, de Ang Lee, Elijah é um dos astros do arrasa-quarteirão *Impacto Profundo* e fará parte de *The Faculty*, o novo roteiro de Kevin Williamson (de *Pânico*), com direção de Robert Rodriguez. Ao que tudo indica, ele não será mais um ator mirim a desaparecer com o passar dos anos.

VIRGINIA MADSEN

EQUILÍBRIO PERFEITO

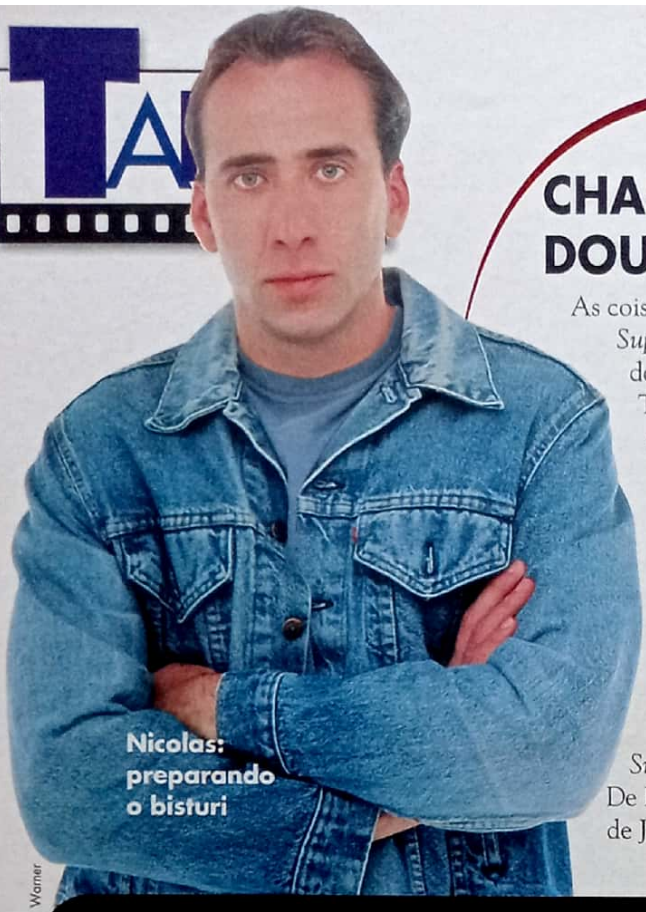
Deve ser difícil conciliar beleza e talento, mas a atriz Virginia Madsen tem conseguido alcançar um equilíbrio perfeito nessa equação. Desde que estreou no cinema aos vinte anos, na comédia *Uma Questão de Classe*, Virginia procurou participar de filmes radicalmente diferentes, como a ficção *Duna*, o terror *O Mistério de Candyman* e o drama *Fantasmas do Passado*. Ela foi vista recentemente em *O Homem que Fazia Chover*, de Francis Ford Coppola, e está trabalhando em três novos filmes: o drama *Ambushed*, a comédia *McClintock's Peach* (ao lado de Ben Stiller e Mike Myers) e *The Florentine*, ao lado do irmão Michael Madsen – que se recusa a ver qualquer filme no qual sua irmã apareça sem roupas. Do lado de cá, não vemos o menor problema...

Virginia: seu irmão não quer vê-la nua

THE BIBLE

A MAIOR HISTÓRIA DA TERRA

Parece que a televisão americana está seguindo os passos do cinema, com produções cada vez mais caras e recheadas de astros. Depois do sucesso de *The Odissey* e da recente minissérie *Merlin*, a rede NBC está planejando um épico de doze horas de duração baseado nas histórias do Velho Testamento, culminando com o nascimento de Cristo. O projeto, batizado *The Bible*, será exibido em seis episódios coordenados pelo produtor e diretor Richard Attenborough. O preço da empreitada: 150 milhões de dólares, o dobro do orçamento de qualquer projeto já feito para as telinhas gringas.



Nicolas: preparando o bisturi

Warner

NICOLAS CAGE

CHAMANDO O DOUTOR CAGE

As coisas não andam nada bem para *Superman Reborn*, a nova aventura do Homem de Aço a ser dirigida por Tim Burton. E o astro Nicolas Cage não parece disposto a esperar que o filme saia do papel: ele já pensa em juntar-se ao diretor Martin Scorsese no drama *Bringing Out the Dead*. O filme mostra um médico de Nova York que fica à beira da loucura depois de causar acidentalmente a morte de uma jovem, passando a ser perseguido por seu espírito. Nic está com dois filmes prontinhos: o thriller *Snake Eyes*, sob o comando de Brian De Palma, e o policial *8 Millimeter*, de Joel Schumacher.

Lumiere

A PERGUNTA

"Qual é o homem dos seus sonhos?"

A RESPOSTA

"As minhas grandes paixões na vida são chá e livros, e qualquer homem que possa me dar tanto conforto e complexidade quanto eles será perfeito."

Da atriz **Minnie Driver**, *mostrando ao mundo o motivo (será mesmo?) pelo qual não consegue manter um namorado*

MATT DAMON E BEN AFFLECK

INVERSÃO DE PAPÉIS

Matt Damon e Ben Affleck, a dupla por trás do drama *Gênio Indomável*, está metamorfoseando seu recém-adquirido prestígio em Hollywood em lucro. Eles assinaram um contrato para iniciar sua própria produtora com a Miramax, estúdio responsável por *Gênio Indomável*. O primeiro fruto desse acordo será a comédia romântica *Like a Rock*, mais uma vez escrita por Matt e Ben. A diferença entre a nova produção e o filme que os lançou ao estrelato? Desta vez o nome de Ben Affleck é o primeiro nos créditos.

Lumiere

Ben e Matt: o que eles tocam vira ouro

Os Flintstones: novo filme está a caminho

OS FLINTSTONES

DE VOLTA PARA O PASSADO

Já estava demorando para que *Os Flintstones*, de 1994, ganhasse uma continuação – mas desta vez as coisas vão estar um pouco diferentes na cidade de Bedrock. O novo filme será ambientado alguns anos antes da comédia estrelada por John Goodman, e por isso trará atores mais jovens nos papéis de Fred, Wilma, Barney e Betty. A Universal quer o comediante Drew Carrey na pele do fanfarrão Fred Flintstone, liderando a nova aventura que poderá se passar na capital do jogo da Idade da Pedra, a esfuziante Rock Vegas – onde o visual cinzento das casas feitas de rocha dá lugar a cassinos de pedras preciosas. As filmagens de *The Flintstones in Viva Rock Vegas* deverão ser iniciadas ainda neste ano.

LINDA HAMILTON

TROCADA POR OUTRA

Divulgação

Enquanto James Cameron é só alegria, sua ex-mulher Linda Hamilton amarga a dor de ter sido trocada por outra. A "outra" em questão é a atriz Suzy Amis, que interpreta a neta da heroína Rose em *Titanic*. O curioso é que Cameron só oficializou sua união com Linda durante as filmagens do seu épico, quando já estava olhando comprido para Suzy. O diretor, que tem uma filha de cinco anos com a ex, deixou a mansão do casal e está morando com sua nova companheira, enquanto Linda não esconde a mágoa da separação. Hmmm, será que isso diminui as chances de haver um terceiro *Exterminador do Futuro*?

WILL SMITH

O HOMEM DA MARCA

A agenda de Will Smith está lotada pelo menos até o próximo milênio. O astro está afogado em novos projetos e não parece disposto a descansar – principalmente quando o convite para um novo filme parte da dupla Roland Emmerich e Dean Devlin, que deu a Will sua grande chance com *Independence Day*. Ele será o protagonista de *The Mark*, a adaptação dos quadrinhos de Rob Liefeld, que mostra um sujeito comum adquirindo poderes sobre-humanos depois que um moribundo transfere uma estranha marca para sua mão – o que significa efeitos especiais bem legais e Nova York sendo destruída pela milionésima vez nesta década.

Divulgação

Will Smith: marcado para ganhar muita grana

Europa

Leo: matando por dinheiro

LEONARDO DiCAPRIO

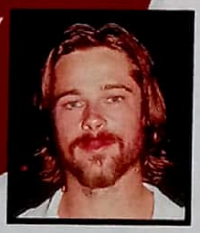
DE MOCINHO A PSICOPATA

O novo filme do "muso" das adolescentes, Leonardo DiCaprio, pegou todo mundo de surpresa. Depois de muita especulação, Leo decidiu protagonizar a adaptação do polêmico romance *American Psycho*, no papel de um jovem executivo que descobre o prazer de matar com crueldade. O livro, escrito em 1991 por Bret Easton Ellis , chocou o público com descrições detalhadas dos rituais de tortura perpetrados pelo protagonista, o yuppie nova-iorquino Patrick Bateman, que chacina dezoito pessoas, incluindo mulheres e crianças. A reação mais inflamada ao anúncio foi a da porta-voz da Organização Nacional das Mulheres, sediada nos Estados Unidos. Ela achou uma "afronta" o bonitinho Leo ter associado seu nome a um filme tão violento, e acredita que *American Psycho* terá "um efeito perturbador sobre adolescentes e outros fãs". O astro, que vai receber 21 milhões de dólares pelo papel, não parece estar muito preocupado.

BRAD PITT

À BEIRA DA LOUCURA

A cada filme que faz, o astro Brad Pitt tenta se distanciar um pouco mais de sua imagem de gostosão. Depois de interpretar a Morte no ainda inédito *Meet Joe Black*, Brad vai fundo na loucura em *Laws of Madness*, sobre um estudante de Direito que vê sua vida transformada em caos ao ser diagnosticado como esquizofrênico. Antes de *Laws of Madness*, porém, o astro volta a ser dirigido por David Fincher, de *Seven*, em *The Fight Club*, ao lado do excelente Edward Norton.



PSICOSE

AS PRÓXIMAS VÍTIMAS

O diretor Gus Van Sant, que sentiu o gostinho da fama depois da indicação ao Oscar por *Gênio Indomável*, fechou o elenco de sua refilmagem do clássico de terror *Psicose*, de Alfred Hitchcock. Anne Heche e Julianne Moore vão assumir os personagens que foram de Janet Leigh e Vera Miles, enquanto o doidão Norman Bates, imortalizado pelo igualmente doidão Anthony Perkins, será interpretado por Vince Vaughn, que foi visto pela última vez combatendo dinossauros em *O Mundo Perdido*. Viggo Mortensen e William C. Macy completam o elenco. O novo *Psicose* chega às telas ianques no final deste ano.

FALANDO SÉRIO

"Quando um ator faz um drama e se sai bem, ele é sempre elogiado. Mas, se ele faz comédia, nunca recebe o mesmo reconhecimento – mesmo que fazer rir seja mais difícil do que qualquer outra coisa."

Do ator **Leslie Nielsen**, *explicando por que nunca vai ganhar um Oscar*

TAKES

CANNES 98

A última edição do festival é encerrada sem grandes surpresas

Roberto Benigni comemora o Grande Prêmio do Júri por *La Vita É Bella*

A premiação do 51º Festival de Cannes, realizado de 13 a 24 de maio, não deixou ninguém surpreso. A Palma de Ouro foi para *Mia Eoniotita Ke Mia Mera* – ou *A Eternidade e um Dia* –, do grego Theo Angelopoulos. O filme, considerado por unanimidade o melhor exibido durante o festival, conta a história de um homem à beira da morte e sua amizade com um menino albanês – tudo entrecortado por considerações sobre a infância, o tempo e as memórias, bem ao gosto de Angelopoulos. Há três anos, ele saiu bastante decepcionado da França ao perder a Palma de Ouro para o drama *Underground* e ficar apenas com o Grande Prêmio do Júri – uma espécie de premiação para o segundo lugar – pelo filme *Um Olhar a Cada Dia*. Emocionado, o cineasta ficou sem palavras este ano ao receber a premiação máxima de Cannes das mãos do presidente do júri, o cineasta Martin Scorsese: "Não tenho o que dizer... é um momento inesquecível".

Se o diretor grego foi discreto ao receber seu troféu, o mesmo não pode ser dito do italiano Roberto Benigni, vencedor do Grande Prêmio do Júri pela comédia *La Vita É Bella* – ou *A Vida É Bela* –, definido pelo próprio diretor como "um filme de um comediante sobre o Holocausto". Ele deixou o protocolo da festa em casa e, ao subir no palco, abraçou a atriz Isabelle Huppert e rodopiou com ela, beijou cada um dos membros do júri e se atirou aos pés de Martin Scorsese. *A Vida É Bela*, por sinal, foi o filme mais bem recebido pelo público em Cannes.

O cinema hollywoodiano contou com um representante de peso no evento: *Godzilla*, de Roland Emmerich, encerrou a festa, provocando reações diversas entre o público. Já Sharon Stone, em Cannes para lançar *The Mighty*, distribuiu sorrisos, dançou com um repórter, posou para fotos e não desgrudou do maridão, o jornalista Phil Bronstein. E o californiano Todd Haynes deixou o festival com um largo sorriso: seu filme, o aguardadíssimo *Velvet Goldmine*, que mostra a ascensão e queda de um astro de *glam rock* no início dos anos 70, até sua redescoberta por um jornalista em 1984, ganhou o prêmio de contribuição artística.

Já o Brasil, que não apresentava um filme em Cannes desde o malfadado *Kuarup*, de Ruy Guerra, ficou mais uma vez a ver navios. *Coração Iluminado*, de Hector Babenco, que encerrou a mostra competitiva, foi vaiado ao final da exibição para os jornalistas. Já na sessão de gala o filme foi recebido com aplausos moderados e a promessa de Babenco de que vai retornar à sala de edição para dar uns retoques em *Coração* antes de seu lançamento comercial. ■

OS PRINCIPAIS VENCEDORES

PALMA DE OURO
***A Eternidade e um Dia*, de Theo Angelopoulos**

GRANDE PRÊMIO DO JÚRI
***A Vida É Bela*, de Roberto Benigni**

DIREÇÃO
John Boorman, por *The General*

ROTEIRO
Hal Hartley, por *Henry Fool*

ATOR
Peter Mullan, por *My Name Is Joe*, de Ken Loach

ATRIZ
Elodie Bouchez e Natacha Regnier, por *La Vie Rêvée des Anges*, de Erick Zonca

PRÊMIO ESPECIAL DO JÚRI
***La Classe de Neige*, de Claude Miller, e *Festen*, de Thomas Vinterberg**

CÂMERA D'OR
***Slam*, de Marc Levin**

PALMA DE OURO DE CURTA-METRAGEM
***L'Interview*, de Xavier Giannoli**

PRÊMIO DO JÚRI DE CURTA-METRAGEM
***Horseshoe*, de David Lodge, e *Gasman*, de Lynne Ramsay**

O diretor Theo Angelopoulos, premiado por *A Eternidade e um Dia*

mais TAKES na pág. 63

DUBLADO E LEGENDADO
WILLIAM FORSYTHE
(A Rocha)
JAMES LeGROS
(Quatro Mulheres e um Destino)
ELIZABETH PEÑA
(Free Willy 2)
NUNCA DÊ CARONA A UM ESTRANHO
(THE PASS)
Pode custar sua vida.
UM THRILLER QUE VAI DEIXAR VOCÊ ARREPIADO.
SOMENTE NA SUA LOCADORA!
play time

DIRECT
Robert
REDFORD
Michelle
PFEIFFER
Lumière

"Qualquer Dia, Vão Acabar Fazendo A Festa do Oscar na Nossa Sala"

Rodolfo R. A. Araújo e Victória H. M. Araújo, economista e administradora de empresas, assinantes da DIRECTV™

"And the Oscar goes to... Rodolfo R. A. Araújo." Do jeito que andam as coisas na casa do Rodolfo e da Victória H. M. Araújo não vai ser difícil ouvir essa frase. Todo dia eles têm alguma superprodução acontecendo na sala, que por sinal já está virando um ponto de encontro do pessoalzinho mais badalado de Hollywood.

A Michelle Pfeiffer, o Robert Redford e muitos outros disputam para ver quem vai entrar na casa deles.

E não é só o Oscar que pode acontecer por lá. Campeonatos nacionais e internacionais de futebol, basquete, tênis, shows de rock, concertos internacionais, grandes festas. Com tanta agitação, é lógico que os maiores jornalistas do mundo também têm que estar presentes. Até um satélite exclusivo está voltado para a casa deles! E tudo isso porque eles são assinantes da DIRECTV.

DIRECTV faz parte da vida do Rodolfo e da Victória. Graças a ela, o casal tem acesso à melhor programação de televisão do mundo. Com a DIRECTV, qualquer pessoa pode ter 97 canais com som de CD e imagem de cinema. É uma programação que tem um pouquinho de tudo: canais de áudio, de pay-per-view, infantis e adultos. O assinante transforma a sua TV em uma verdadeira máquina de diversão via satélite.

DIRECTV faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem prefere se divertir estudando a semântica dos prolóquios da Índia Antiga, no original, em sânscrito.

Faz parte da vida de quem assiste TV - além da DIRECTV, a TVA, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril; faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,8 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5,4 milhões de fitas de vídeo, 13 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

Abril

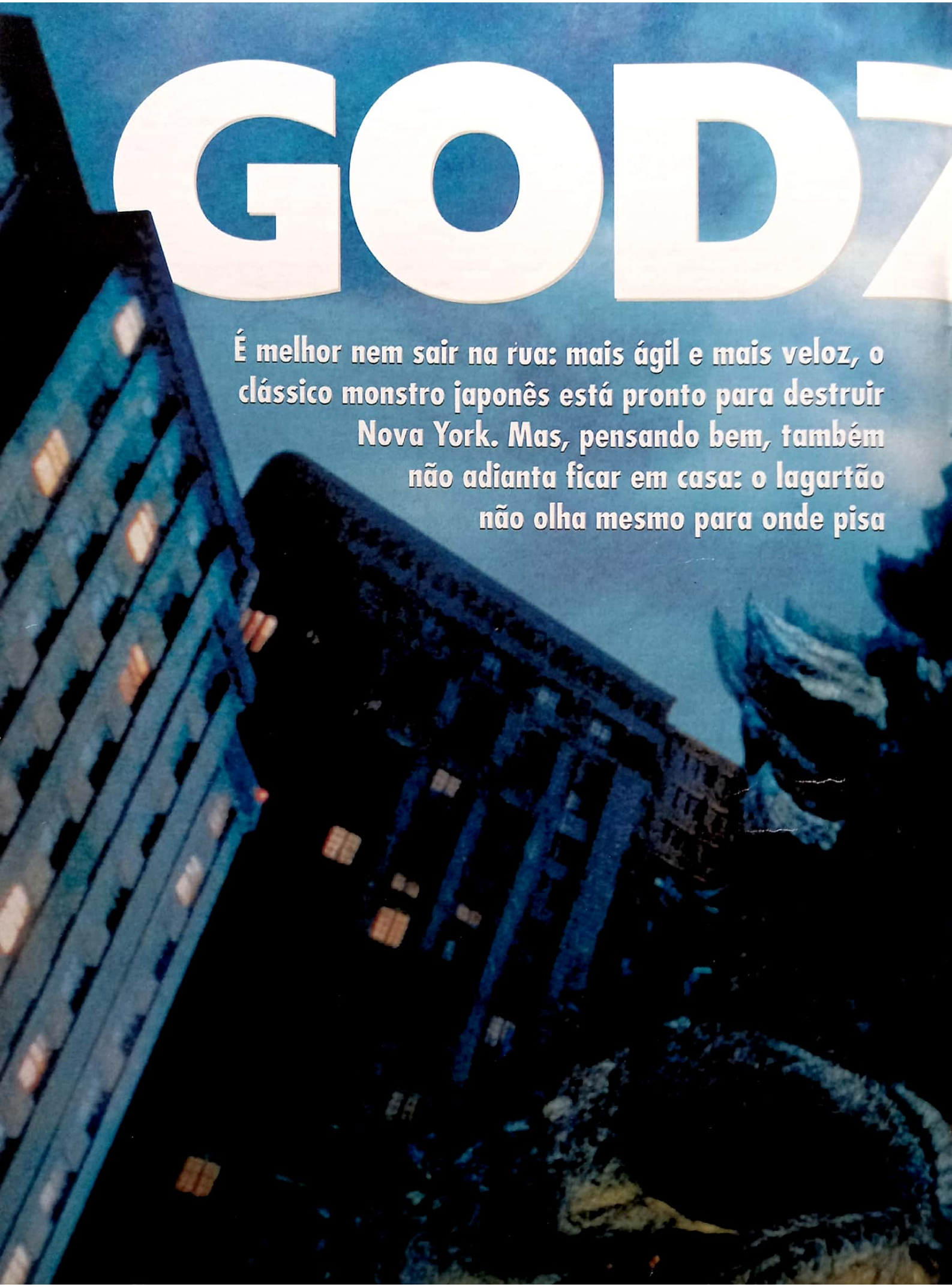
Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · Quatro Rodas · DIRECTV · PLAYBOY · ESPN BRASIL · info · Abril Jovem · manequim · CLAUDIA · MTV

Guia Quatro Rodas · FLUIR · DIGISAT · SET · VIP · CAPRICHO · Ilistel · SHOWBIZZ · ELLE · Abril Vídeo · DATA LISTAS · Pato Donald

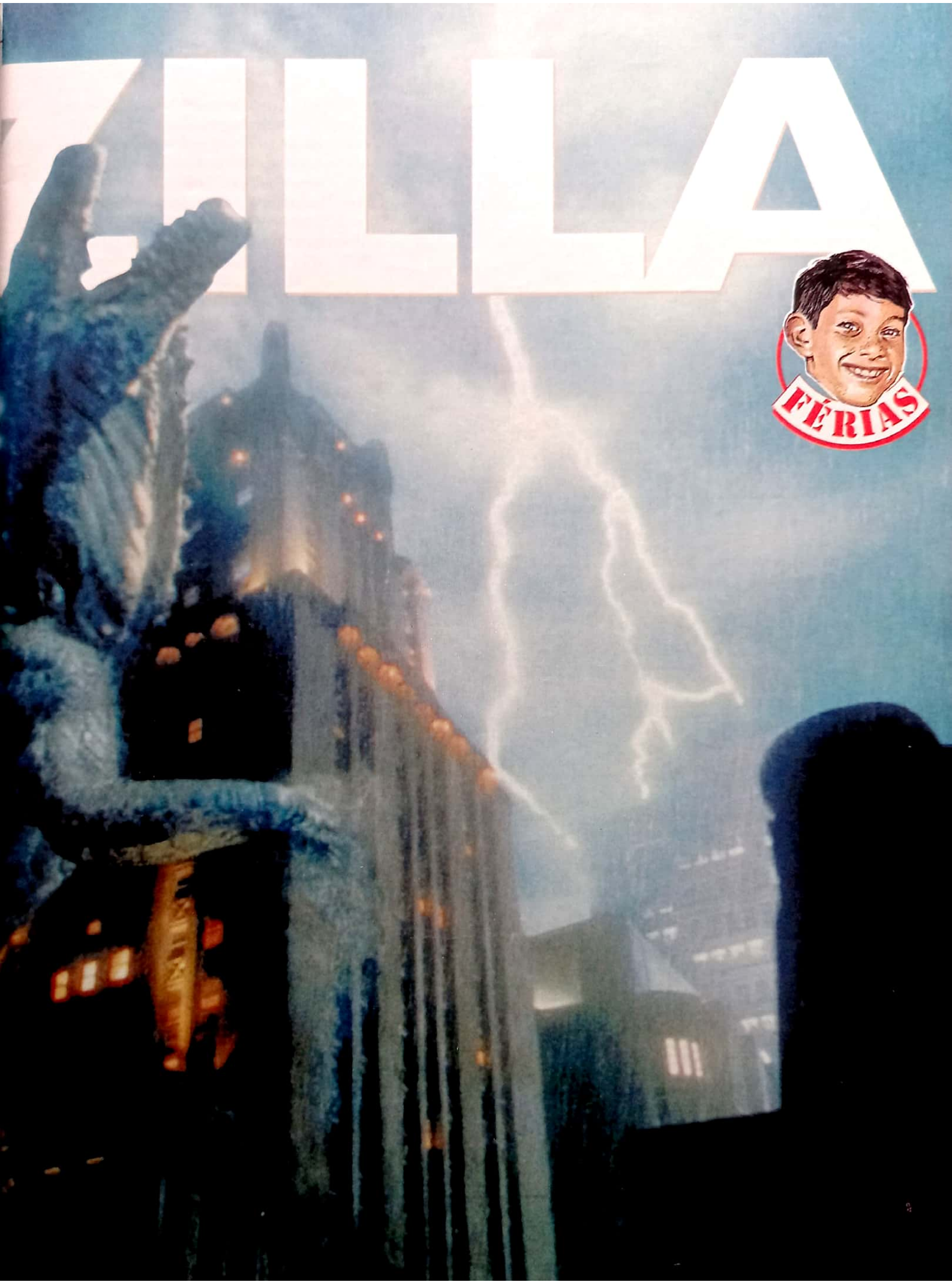
HBO BRASIL · Ação GAMES · Arquitetura & Construção · MusiClub · contigo! · ESCOLA · SUPER INTERESSANTE · BravoBrasil · HOROSCOPO · AD Arte e Decoração · UNIVERSO ONLINE · Terra · EURO CHANNEL

CARAS · Viagem · BOA FORMA · CASA · carícia · CMT · Saúde! · ALMANAQUE ABRIL · Abril Coleções · AnaMaria · NOVA · PLACAR



GODZ

É melhor nem sair na rua: mais ágil e mais veloz, o clássico monstro japonês está pronto para destruir Nova York. Mas, pensando bem, também não adianta ficar em casa: o lagartão não olha mesmo para onde pisa


ZILLA
FÉRIAS

No novo *Godzilla*, aqueles velhos dublês fantasiados com roupas de borracha dão lugar a efeitos especiais espetaculares

A nova versão de *Godzilla* chega às telas causando um estrago de dar inveja a *King Kong*. O diretor Roland Emmerich e o produtor Dean Devlin, os mesmos que criaram *Independence Day*, fizeram o que o famoso gorilão tentou mas não conseguiu: destruir Nova York. E, a julgar pela bilheteria da primeira semana de exibição nos Estados Unidos, o monstro do tamanho de um prédio de vinte andares deve arrasar o país inteiro: foram 74 milhões de dólares coletados nas bilheterias – uma soma abaixo do que esperavam os marqueteiros da Sony, mas ainda assim respeitabilíssima.

O mérito do sucesso cabe aos talentos mercadológicos de Emmerich e Devlin – e, claro, aos estúdios japoneses da Toho, que criaram *Godzilla* há 44 anos e o transformaram no astro de 22 filmes. Mas nenhum deles pode ser comparado à versão hollywoodiana: no lugar de um homem enfiado em uma fantasia entram em cena os melhores efeitos especiais que um orçamento gigante pode comprar. O resultado é um visual capaz de dar um banho até em produções como *Jurassic Park*: o novo Godzilla se movimenta pelas ruas de Nova York com a desenvoltura de um felino, esmagando carros, esgueirando-se por trás de edifícios e aniquilando tudo o que estiver em seu caminho.

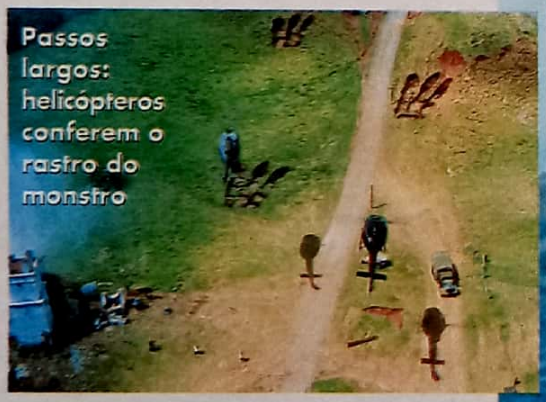
Assistir à versão americana faz com que os Godzillas japoneses pareçam verdadeiras carroças – o monstro é tão real quanto os dentes do cachorro do vizinho. Empregando recursos digitais, Emmerich e Devlin fazem a criatura se movimentar com um realismo espantoso. Mas o que realmente faz a diferença é que a dupla tinha mais balas na agulha do que qualquer versão da Toho. A Sony desembolsou cerca de 125 milhões de dólares no filme, mais outros 50 milhões na campanha de lançamento.

É verdade que o orçamento ficou abaixo de produções como *Titanic* ou o fracassado *Waterworld*. Mesmo assim, a Sony não quis arriscar um prejuízo e fez de *Godzilla* a maior estréia da história. O filme foi lançado em 3.310 cinemas nos Estados Unidos, sendo exibido em 7.363 salas. Nem *Titanic*, que custou o dobro, recebeu tratamento semelhante.

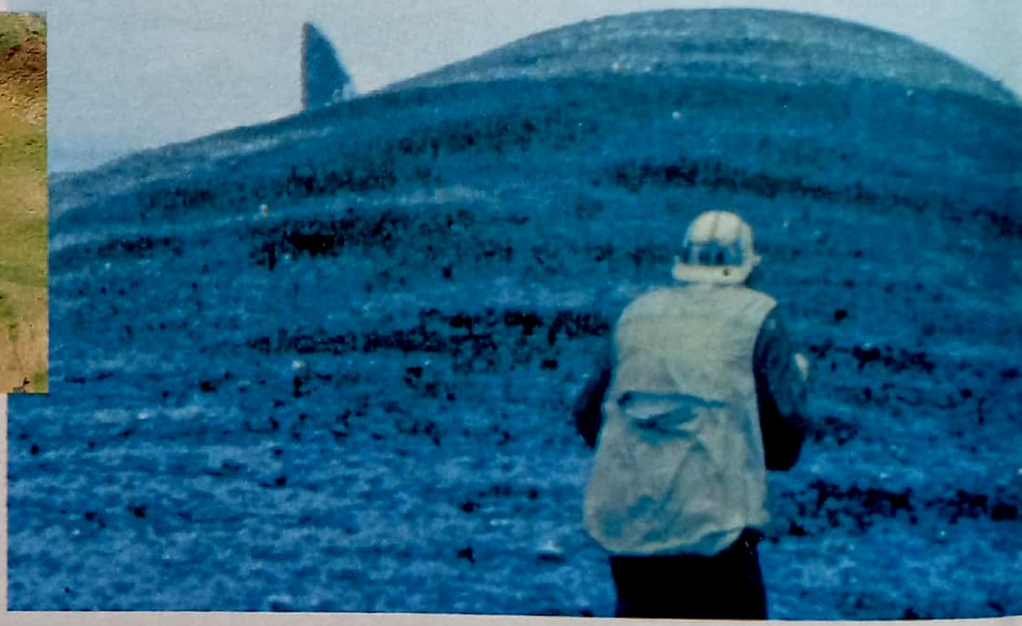
Assim como *Independence Day*, que chegou aos cinemas gringos durante o feriado da Independência de 1996, *Godzilla* também estreou durante uma comemoração nacional. Desta vez foi o Memorial Day, feriado dedicado aos veteranos de guerra americanos e que cai sempre na última segunda-feira de maio. A semelhança estratégica não é mera coincidência, já que os dois filmes mostram a mobilização americana diante de uma tragédia nacional. Além do mais, um feriado prolongado significa mais gente livre para lotar os cinemas.

Mas bem que o resultado poderia ter sido melhor. Mesmo com a arrasadora campanha dedicada a *Godzilla*, a bilheteria da primeira semana ficou abaixo dos 100 milhões previstos pelos criadores do projeto, nem sequer alcançando a cifra de filmes lançados na mesma época em anos anteriores, como *Missão Impossível* (74,9 milhões em 1996) e *O Mundo Perdido* (92,7 milhões no ano passado). Mas *Godzilla* é bem mais do que um filme e já havia se tornado um sucesso antes mesmo da estréia: nunca se viu em Hollywood um esquema de marketing e merchandising tão forte.

Após a exibição para a imprensa mundial no dia 16 de maio, em Nova York, o produtor Dean Devlin não teve



Passos largos: helicópteros conferem o rastro do monstro



Fotos: Columbia TriStar

nenhum pudor em admitir que *Godzilla* é apenas negócio. "Este é um filme para divertir", disse, levando à boca uma bala batizada com o nome da criatura. "Sempre acreditei no marketing e no merchandising como extensões dos filmes. Já temos 220 empresas licenciadas ao redor do mundo e devemos chegar até 260." A Sony confirma que já faturou mais de 150 milhões com os produtos ligados à marca *Godzilla*: são balas, sorvetes, brinquedos e até pilhas. Ou seja, quando chegou às telas, o filme já estava praticamente pago – mesmo com a assombrosa queda de bilheteria em sua segunda semana de exibição, quando despencou para 18 milhões, o equivalente a uma redução de 59% no faturamento. Apesar desses números, e do pessimismo de alguns especialistas, *Godzilla* pode ser qualquer coisa, menos um fracasso.

Mas não foi nenhum estúdio ou produtor quem realmente sofreu na carne os estragos da criatura, e sim Nova York. Assim

Embrafilme

Que peixe é este? Godzilla já chega arrasando ao porto de Nova York

O MONSTRO QUE ADORAVA **DESTRUIR TÓQUIO**

Por causa de Godzilla, Tóquio não deve ser a cidade mais feliz do mundo: a assombrosa criatura já deu as caras por lá 22 vezes – sendo que uma delas foi apenas um passeio rápido, para matar a saudade. A cada visita, o monstro trazia consigo uma onda de destruição pior do que a atual crise econômica que assola o Japão.

Mas Godzilla nem sempre foi Godzilla. Na sua primeira aparição nas telas, em 1954, o monstro criado pelos estúdios da Toho se chamava Gojira – uma tenebrosa mistura das palavras "gorila" e "kujira" ("baleia", em japonês). Vai saber o que as formas do monstro têm em comum com um gorila ou com uma baleia; o nome, na verdade, era o apelido de um dos funcionários da Toho, conhecido por sua dura personalidade. *Gojira* era, também, o mais caro filme japonês feito até aquele momento: a Toho investiu nele cerca de 1 milhão de dólares – 65 milhões em valores atualizados. Nada mal para uma produção tão merreca. *Gojira*, o filme, transformou-se em *Godzilla – King of the Monsters* ao aportar nos cinemas dos Estados Unidos – os japoneses alegam que a mudança foi feita porque os americanos não conseguiam pronunciar o nome original. Para a estréia ianque, a Toho providenciou ainda uma nova montagem e filmou várias cenas com o ator Richard Burr, no papel de um correspondente americano em Tóquio. Nem os brasileiros ficaram de fora: uma das cenas traz um jornalista tupiniquim relatando por telefone a aparição do monstro. Com o sucesso de *Godzilla*, a Toho não pensou duas vezes antes de fazer *Godzilla Raids Again*, de 1959 – no qual Tóquio foi poupada da ira do lagartão, que preferiu destruir a desavisada Osaka.

A partir dos anos 60, a Toho percebeu que Godzilla precisava de algo mais para continuar a render. A criatura deixou então de atuar sozinha, ganhando uma galeria de outros monstros para brigar. Em *King Kong vs. Godzilla*, de 1963, nosso herói saía no braço com o macacão mais famoso do cinema. Mas foi contra Mothra, uma mariposa gigante, que Godzilla protagonizou suas mais terríveis lutas. *Godzilla vs. Mothra*, de 1964, é o mais *camp* de todos os filmes da série: um verdadeiro festival de luta de sumô com roupa de borracha, que se tornou o preferido da equipe do novo *Godzilla*.

O monstro entrou na década de 70 com um fôlego de fazer inveja até a personagens como o agente 007. Ele foi para as páginas das histórias em quadrinhos da Marvel, virou desenho animado e vestiu a roupa (sempre de borracha) do Japão moderno. E, ainda por cima, mudou de caráter, virando o protetor de Tóquio. *Godzilla vs. Megalon*, de 1976, é o primeiro dessa safra. Nele, o lagartão tem de livrar a cidade de uma barata gigante.

Nos anos 80, a Toho parecia não saber mais se Godzilla era mocinho ou bandido. Em *Godzilla 1985*, que comemorou os trinta anos do monstro, ele aparece para colocar Tóquio de cabeça para baixo. Quatro anos depois, em *Godzilla vs. Biollante*, o monstro é a única esperança para acabar com os sonhos de destruição de um cientista maluco. Na última produção japonesa, *Godzilla vs. Desutoroia*, de 1995, o monstro ficou em cima do muro, sem decidir se destruía ou não Tóquio. O filme de Roland Emmerich, por sinal, provocou alívio entre os moradores da capital japonesa: como o contrato entre a Toho e a Sony prevê mais duas continuações, Tóquio está inteiraça e livre do lagartão por, pelo menos, mais uns cinco anos.

como em *Independence Day*, Emmerich e Devlin escolheram a cidade que nunca dorme para servir de playground para a criatura. E não foi só em celulóide que o bicho invadiu a metrópole: não bastasse ser destruída pelo monstro no filme, Nova York serviu de base de lançamento para *Godzilla*. O resultado pôde ser conferido em pôsteres gigantescos por todos os lados, ônibus enfeitados com a marca do filme, promoções em cadeias de *fast food* e até a distribuição gratuita da bala Godzilla nas portas dos cinemas.

Mas a estratégia de marketing mais importante foi a de manter o visual da criatura em segredo desde o início das filmagens, em maio do ano passado, até o lançamento do filme. Matthew Broderick, Jean Reno, Maria Pitillo e Hank Azaria, os protagonistas humanos de *Godzilla*, só foram apresentados ao monstro durante a projeção para a imprensa. Broderick conta que chegou a ver os desenhos e moldes de seu colega de cena, mas ficou só nisso. Já Azaria admite que o segredo já estava previsto em seu contrato. "Emmerich e Devlin esconderam Godzilla até o fim. E nós não podíamos descrever a criatura para ninguém", revela o ator.

Para Devlin, a explicação para tanto mistério é simples. "A trama do filme as pessoas já conhecem: o grande lagarto que invade uma das maiores cidades do mundo, o ataque do exército, o cientista que tenta salvar a pátria", justifica. "Não há nada de diferente. O único fato surpreendente mesmo é a criatura. Por isso não queríamos que fotos de Godzilla fossem colocadas na Internet, acabando com qualquer surpresa."

O projeto teve início em 1995. Emmerich conta que a Sony propôs o roteiro ainda antes dele e Devlin começarem a filmar *Independence Day* – mas a dupla recusou, por medo de não conseguir criar um Godzilla real. "Se o monstro parecesse falso, o filme viraria kitsch. E aí o público iria preferir ver as versões japonesas", raciocina o diretor. O estúdio então amarrou o projeto com o diretor Jan De Bont, de *Twister*, que começou a trabalhar no roteiro e no design da criatura. Quando o orçamento proposto por De Bont encostou nos 150 milhões, porém, a Sony deu para trás.

Foi quando Emmerich e Devlin aceitaram a tarefa de criar um Godzilla para a virada do milênio. Primeiro, a dupla reescreveu o roteiro, dando a Godzilla uma personalidade mais próxima à de um animal do que a de um monstro. "Ele não é bom nem ruim e não sai por aí comendo gente", ironiza Emmerich. "O que acontece é que ele é grande e, às vezes, pisa em cima de algumas pessoas."

Em seguida, lançaram ao designer francês Patrick Tatopoulos – o mesmo que fez os aliens de *Independence Day* – o desafio de criar o novo Godzilla. Em maio de 1996, durante o Festival de Cannes, Emmerich e Devlin foram finalmente apresentados ao monstro, e gostaram do que viram: não mudaram uma escama sequer do bicho concebido pelo artista. Na concepção de Tatopoulos, o chassi da criatura ficou o mesmo, mas a carroceria virou uma mistura de dragão de komodo e tiranossauro. Com as maquetes aprovadas, Emmerich e Devlin voaram para Tóquio para encontrar-se com os executivos da Toho, com a missão de convencer os proprietários da marca a ceder-lhes o direito de filmagem. Os japoneses toparam – mas ninguém é capaz de fazer a dupla revelar por quanto.

As filmagens em Nova York foram a parte mais difícil do trabalho. "Criar o monstro e dar vida a ele em computador foram grandes desafios", explica Emmerich. "Mas controlar toda aquela produ-

O visual de Godzilla era segredo de estado: nem os atores sabiam que cara tinha o bicho

Jean Reno e Matthew Broderick: combatendo a ameaça do lagartão

ção, com até sete câmeras rodando ao mesmo tempo, foi desgastante." Por causa do gigantismo da produção, que contava com uma equipe diária de quinhentas pessoas, a prefeitura de Nova York só autorizou filmagens noturnas. Assim, os sets eram montados diariamente às oito da noite e desmontados às seis da manhã.

Mas o que realmente interessava a todos os nova-iorquinos – ver o monstro zanzando pela cidade – não foi possível. Só depois de terminadas as filmagens é que Godzilla foi inserido na película. Ele é, sem dúvida, a criatura mais virtual já criada pelo cinema. Por conta disso, muitos atores não sabiam o que estavam fazendo em cena e, às vezes, acabavam atirando para o lado errado.

Fotos: Columbia TriStar

Sai da frente: a criatura dá um passeio em Nova York

Se existe uma pergunta que não quer calar é no que, afinal, o Godzilla americano difere do japonês. A resposta é simples: em quase nada. Na verdade, o monstro só passou por uma cirurgia plástica, para virar um produto global. Sai de cena Tóquio e entram os ícones de Nova York; hiper-realismo no lugar do que era kitsch; e as interpretações medíocres dos filmes nipônicos apenas ganharam rostos mais conhecidos – à excessão do francês Jean Reno, o único ator bom de verdade em cena.

O roteiro tem os mesmos elementos do primeiro filme da série, *Gojira*, de 1954 (rebatizado de *Godzilla – King of the Monsters* ao chegar aos cinemas americanos, em 1956): um monstro criado acidentalmente a partir de explosões nucleares. No novo filme também há o cientista brilhante, os jornalistas abelhudos, os militares abismados com a impotência de suas armas e o interminável rastro de destruição.

A chave de toda a trama é o que, afinal, criou Godzilla – mas Emmerich dá essa resposta logo de cara, abrindo o filme com imagens em tom sépia de explosões nucleares e de dragões de komodo. O diretor não perde a chance de lembrar o estilo nacionalista de *Independence Day* –

NA HORA CERTA, NO LUGAR CERTO

Foi uma questão de duas pessoas estarem no mesmo lugar na mesma hora. No final da década passada, o alemão Roland Emmerich era só mais um diretor estrangeiro tentando encontrar seu espaço no cinemão americano. Dean Devlin, por sua vez, era um ator que tentava ser levado a sério como roteirista. E a história poderia ter acabado por aí, se Emmerich não tivesse escalado Devlin para fazer um papel menor na ficção científica *Estação 44*, de 1990. Devlin estava reescrevendo todas as falas de seu personagem quando Emmerich, em vez de dar uma bronca, disse: "Seu trabalho é ótimo. Que tal fazermos filmes juntos?". O resto, como se diz, é história.

Uma história de sucesso, que foi iniciada em *Soldado Universal*, de 1992, uma ficção científica que trazia Jean-Claude Van Damme e Dolph Lundgren como guerreiros biocibernéticos. O filme teve uma boa carreira em todo o mundo, mas, na visão dos engravatados dos grandes estúdios, não passava de uma produção destinada a enfeitar prateleiras de videolocadoras. Esses mesmos engravatados engoliram em seco quando o modesto *StarGate* fez respeitáveis 16 milhões de dólares em seu fim de semana de estréia – e depois mais de 200 milhões no mundo todo. Emmerich e Devlin ainda não haviam percebido que tinham dado um passo enorme para o primeiro time de Hollywood.

Foi quando, em 1996, a dupla regurgitou cada um dos clichês que sustentaram a ficção científica desde os anos 50 para construir uma pequena pérola: *Independence Day*. Com o seu visual de primeira e o orçamento econômico, o filme se tornou um fenômeno, faturando mais de 800 milhões de dólares.

Mesmo com um currículo tão exemplar, Emmerich e Devlin não são visionários como Steven Spielberg ou James Cameron, capazes de desafiar a indústria cinematográfica para realizar seus filmes – mas ninguém nega sua habilidade em criar eventos. Desde *Soldado Universal*, é assim que funciona a fórmula da dupla: Emmerich é o homem que tem as idéias, que cria os conceitos e que faz com que efeitos simples pareçam impressionantes na telona; Devlin é mais detalhista, sempre preocupado em polir os roteiros, além de ter *aquela* lábia para convencer os executivos a dar sinal verde para um projeto.

Além disso, eles são ótimos vendedores. Que o digam os donos de cinemas americanos que viram sete minutos de *Independence Day* em março de 1996 e ficaram de queixo caído. E o bordão de *Godzilla* – "Tamanho É Documento" – talvez seja a frase mais perfeita e pegajosa já criada para vender um filme. Como o próprio Dean Devlin disse: "O cinema é uma democracia perfeita: as pessoas votam com seus dólares. E, enquanto continuarem pagando para ver nossos filmes, continuaremos a fazê-los". Vai um filme aí?

Roland Emmerich e Dean Devlin: amigos do peito

Roberto Sadovski

que garantiu uns milhares de dólares a mais ao filme – e joga toda a culpa nas bombas nucleares detonadas pela França em suas possessões na Polinésia. O novo Godzilla, portanto, não é o dinossauro mutante despertado pelas explosões atômicas detonadas no Japão ao final da Segunda Guerra: ele não passa de um réptil comum, mas com um acentuado complexo de superioridade.

As primeiras vítimas de Godzilla são barcos de pesca no Pacífico. Seu rastro não deixa dúvida de que se trata de um monstruoso desvio da natureza: pegadas descomunais, apresentando altos índices de radioatividade, são encontradas em aldeias no Taiti, nas florestas panamenhas e nas praias jamaicanas. É quando entra em cena Nick Tatopoulos (Matthew Broderick, vivendo um personagem batizado com o nome do criador do visual do monstro), um cientista americano que estuda em Chernobyl os efeitos da radioatividade em minhocas. Sua tese é que a radiação pode fazer com que os animais cresçam descontroladamente. Os americanos não são os únicos interessados no bicho: o governo francês também despacha o agente secreto Philippe Roaché (Jean Reno) em busca da criatura.

Assim como o monstro japonês, o Godzilla americano é um animal urbano de bom gosto – tanto que resolve se fixar em Nova York. É onde a ação tem início: Godzilla passeia pela Madison Avenue, dá uma conferida em Wall Street e, sem querer, esmaga algumas pessoas. O caos está instalado, e o exército monta uma operação de guerra – mas soldados são treinados para a guerra e não para duelar com um lagarto descomunal, que sempre leva a melhor. Mesmo assim, o monstro não é mau e só ataca para se defender. Na verdade, ele passa boa parte do tempo tentando se esconder dos caças e dos tanques por entre os arranha-céus nova-iorquinos.

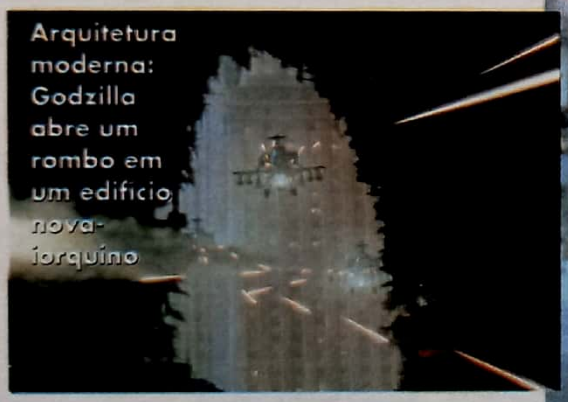
Daí em diante, a trama poderia se resumir à caça ao monstro pelas ruas de Nova York, mas Emmerich e Devlin decidiram apimentar a história com um elemento ainda mais bizarro. O cientista Nick Tatopoulos não acredita que o monstro tenha decidido morar em Nova York apenas pelo visual da cidade. Ele recolhe uma amostra de sangue do lagartão e, acredite: vai até a farmácia da esquina, compra um teste de gravidez e descobre que Godzilla está grávido. Sem querer definir qual é o sexo dos anjos, Nick aposta que o monstro é hermafrodita e foi a Nova York fazer um ninho para sua cria, os babyzillas. Os monstrinhos saem de seus ovos no Madison Square Garden e perseguem os heróis do filme em seqüências idênticas à perseguição dos velociraptores em *Jurassic Park*.

Antes que os dedos acusadores apontem para a dupla responsável pelo filme, lembre-se que o próprio Dean Devlin foi o primeiro a anunciar que não há nada de novo em *Godzilla* além da criatura. E já que o assunto é falta de originalidade, Devlin e Emmerich terminam o filme com um gancho nada sutil para a inevitável continuação – afinal, ninguém sabe ao certo quantos babyzillas nasceram daqueles ovos deixados pelo monstro, ou mesmo se ele foi a única aberração gerada pelos testes nucleares franceses. Será que é mesmo a paixão pelo monstro que move a dupla? Que nada. São os milhões de dólares gerados pela marca Godzilla.

Francisco Marcelino

(EUA, 1998) ***Direção****: Roland Emmerich.* ***Com*** *Matthew Broderick, Jean Reno, Maria Pitillo, Hank Azaria, Kevin Dunn, Michael Lerner, Harry Shearer, Arabella Field, Vicky Lewis. 139 min.*

O que Godzillla quer de Nova York não é a vida cultural: é um ninho para seus babyzillas



Arquitetura moderna: Godzilla abre um rombo em um edifício nova-iorquino

Passinho à frente, por favor: nada é poupado no rota do monstro

Fotos: Columbia TriStar

O TAMANHO DA ENCRENCA

É hora de ter medo: nós colocamos Godzilla em escala para você saber qual a sensação de estar no caminho do monstro

PERDID

john robinson

O ator William Hurt, que é metido a filósofo de botequim, gostou de interpretar o patriarca dos Robinson por achar que ele catalisa as crises típicas de uma família, futurista e espacial ou não. Seu personagem, John Robinson, é um astrofísico brilhante e obcecado pelo trabalho, que passa por cima das vontades de seus semelhantes ao empreender uma ambiciosa viagem com a família em direção ao planeta Alpha Prime. Sua missão é iniciar a colonização do local, permitindo que os terráqueos abandonem o planeta natal, tomado por guerras civis e com recursos naturais quase exauridos.

Fotos: Warner/New Line

major **don** west

Excelente piloto de naves, com experiência estratégica em momentos de perigo, o major Don West entra na missão de colonizar o planeta Alpha Prime meio a contragosto. Interpretado pelo ator Matt LeBlanc (do seriado *Friends*), ele tem duas funções importantes na trama: é uma espécie de guarda-costas da família Robinson, protegendo-a de perigos alienígenas e do dr. Zachary Smith, que surge na história para sabotar a empreitada; e também se apaixonará por Judy Robinson, criando alguns momentos de humor e tímido romance no filme.

judy robinson

Este primeiro trabalho da atriz Heather Graham no universo dos efeitos especiais foi bastante feliz. Além de ter adorado atuar ao lado dos bons atores que integram o elenco, ela ficou satisfeita ao perceber que, nesta versão atualizada de *Perdidos no Espaço*, a filha mais velha dos Robinson não é apenas uma heroína romântica, mas também uma excelente médica, que tenta seguir os passos do pai, a quem tanto admira. Seu conhecimento da natureza será primordial no confronto com as terríveis aranhas espaciais, ou ainda quando a nave Júpiter 2 faz um pouso forçado em um estranho planeta.

penny robinson

Penny é a rebelde da família, o que combina com a personagem que consagrou a atriz Lacey Chabert na TV – ela é a irmã mais nova da série *O Quinteto*. Inquieta e revoltada com o fato de ter de abandonar a Terra, ela pode não ser a caçula do clã, mas é a mais frágil e infantil. É uma especialista em comunicação e registra todas suas experiências em um diário pessoal de pulso. Além disso, Penny protagoniza a porção "fofa" do filme ao se tornar a "mãe" adotiva de Blawp, uma espécie de primata alienígena que é encontrado na misteriosa nave Proteus Probe.

OS NO ESPAÇO

robô

Perigo! Perigo! O famoso robô da série deverá assustar os fãs em sua primeira aparição: com visual diferente e ameaçador, ele contribui para que a nave Júpiter 2 saia de sua rota programada e lance a família nos desconhecidos confins do universo. O garoto Will Robinson consegue recuperar sua programação original, mas ele acaba sendo destruído ao enfrentar as temíveis aranhas alienígenas. Will decide reconstruí-lo, conferindo-lhe um formato próximo ao da telessérie e implementando seu banco de memórias com seus pensamentos.

dr. zachary smith

Há momentos em que o grande Gary Oldman imita a inflexão vocal de Jonathan Harris, o ator que eternizou o vilão covarde da série. Embora seja menos melindroso e bem mais sombrio que seu antecessor, o dr. Smith aqui perpetra o mesmo crime: ele sabota a nave para impedir que os Robinson colonizem o planeta Alpha Prime. Além disso, altera as prioridades do robô, que deverá então eliminar toda a família. Mas, quando tenta sair da Júpiter 2, Smith desmaia e parte para o espaço junto das supostas vítimas.

will robinson

Jack Johnson conseguiu o trabalho que pediu a Deus: fanático por ficção científica desde os primórdios de sua curta existência, este garoto de dez anos se sentiu em um parque de diversões enquanto atuava nos inúmeros e criativos cenários do filme. Tão corajoso quanto o Will Robinson do seriado original, o caçulinha da família agora é também um gênio em tecnologia, talento que usa – em vão – na tentativa de chamar a atenção de seu pai relapso. Will reconstruirá o famoso robô da história.

maureen robinson

Ao contrário da mãe do seriado original, a Maureen Robinson da versão cinematográfica só põe a mesa uma única vez – no começo do filme, ainda na Terra – e não prepara nem uma refeição sequer. Sorte de Mimi Rogers, que pôde explorar melhor a riqueza dramática de sua personagem. Funcionando como o verdadeiro muro de arrimo da família (que parte para o espaço em plena crise doméstica), ela ajuda nas funções básicas da nave e será vital ao monitorar a descida de John e Don ao desconhecido planeta no qual encontram um portal do tempo.

O futuro está muito diferente, mas a diversão é a mesma

A primeira vez que a nave Júpiter 2 decolou para o espaço foi em 15 de setembro de 1965, data da exibição do episódio-piloto de *Perdidos no Espaço*. Já dentro da ficção, o seriado sugeria que a família Robinson havia partido do planeta Terra em outubro de 1997. Santa ingenuidade! O produtor Irwin Allen acreditava que, em 32 anos, o homem já teria desenvolvido a tecnologia necessária para colocar a raça humana no tráfego intergaláctico de naves. Essa idéia, como se sabe, continua sendo uma fantasia. Mas em agosto do ano passado, dois meses antes da decolagem original da Júpiter 2, o longa-metragem *Perdidos no Espaço*, uma superprodução de cerca de 90 milhões de dólares, encerrava suas filmagens. Esse sim é um fato real.

Projeto acalentado desde o começo da década de 90, a versão cinematográfica da telessérie cult só virou realidade quando a produtora independente New Line topou a parada, encarando sua produção mais cara até o momento. O estúdio, porém, exigiu que o roteiro fosse escrito por Akiva Goldsman (*Batman & Robin*) e insistiu no nome de Stephen Hopkins para a direção. Ele já havia realizado *A Hora do Pesadelo 5* →

PERDIDOS NO ESPAÇO

para a New Line e é um ex-quadrinista, o que lhe garante uma proveitosa intimidade com a linguagem pop.

Tanto Goldsman quanto Hopkins decidiram rever episódios da série original. Ficaram decepcionados. Ambos tinham na memória uma série de grandes aventuras e perigos, um elogio à unidade familiar. Excluindo-se a primeira temporada, um tanto mais séria e em preto-e-branco, *Perdidos no Espaço* criou sua fama justamente pelo ridículo das histórias e perigos, pela precariedade dos cenários e dos monstros.

Goldsman escreveu um roteiro fiel à impressão que havia guardado da série. O que saiu de sua cabeça foi uma aventura do tipo "viagem na montanha-russa", com visual estonteante – há cerca de setecentos efeitos gerados por computador, um recorde –, toques sutis de humor e, para além da imaginação, a verdadeira essência que o roteirista buscava: uma história que enfatizasse a necessidade da harmonia familiar na luta pela sobrevivência. Sem deixar de lado um final que permitisse a realização de futuras continuações. A esta altura da corrida espacial, porém, é um tanto difícil prever se haverá mesmo um *Perdidos no Espaço 2* – seu desempenho nos EUA não passou do mediano: 65 milhões de dólares em seis semanas de exibição.

É pena, porque *Perdidos no Espaço* é uma celebração escapista das mais legítimas. Como se não bastasse, o filme promove uma verdadeira viagem no tempo ao escalar alguns dos atores do elenco original para pequenas participações: June Lockhart, que fazia Maureen Robinson, interpreta uma diretora da escola, enquanto Mark Goddard, o antigo Don West, é o general que apresenta o Don West atual a John Robinson. Além disso, a voz do robô ainda é a de Dick Tufeld. Moral da história: Goldsman criou uma divertida ficção científica a partir de um lema clássico do pensamento ocidental – nada se perde, tudo se copia. Apesar de ainda estar perdida no espaço, a família Robinson imita sua formação anterior e diverte a platéia. Sem nenhum perigo.

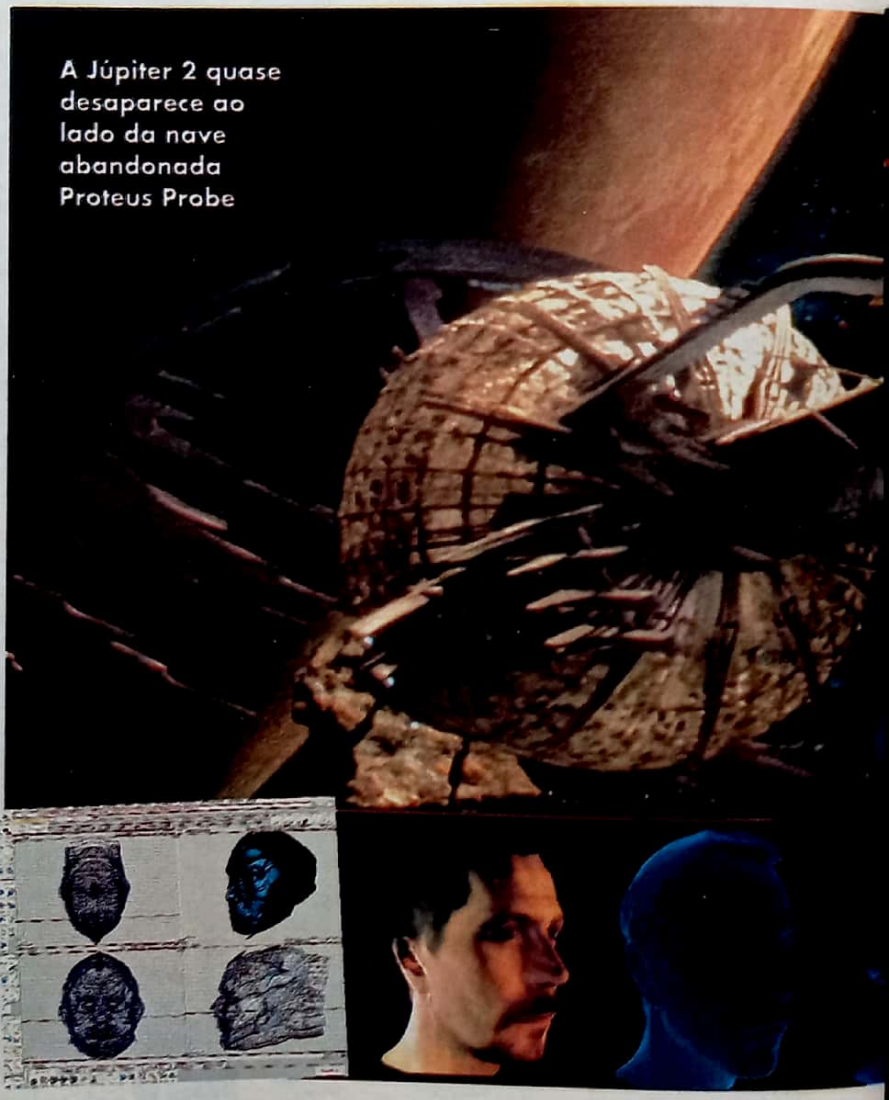
Christian Petermann

Na TV, Guy Williams e June Lockhart salvaram Jonathan Harris (*à esq.*), o garoto Bill Mumy e o robô de várias encrencas

Faça contato imediato com as criat

a nave **jupiter 2**

Como o próprio roteirista e produtor Akiva Goldsman lembrou, a nave Júpiter 2, a nau errante que leva a família Robinson aos quintos do espaço, parecia ter o tamanho de um apartamento de dois quartos na série de TV. Já na versão para a tela grande, a escala é bem diferente: a nave se assemelha, segundo Goldsman, ao Coliseu romano. Na foto, vê-se o momento de sua partida rumo ao desconhecido, onde nenhum homem jamais esteve (ops! seriado errado...). O interior da nave é bem mais sombrio. Como observa o ator Matt LeBlanc, não há linhas retas em sua configuração, e sim um conjunto harmonioso de linhas curvas e objetos ovais e elípticos, nada práticos para uma verdadeira viagem espacial. Os painéis de comando são sofisticados, com direito à visualização holográfica dos sistemas solares. E há até uma enfermaria – afinal de contas, onde mais Judy poderia desempenhar suas funções?



A Júpiter 2 quase desaparece ao lado da nave abandonada Proteus Probe

a **verdadeira face** do dr. smith

Agindo como uma praga que se preze, as aranhas da nave Proteus invadem a Júpiter 2. A única vítima é o dr. Zachary Smith, que é ferido nas costas. Quando ele começa a coçar o machucado de forma insistente, o espectador mais escolado já desconfia que aí tem coisa. Com a pulga atrás da orelha (ainda bem que não é uma aranha!), o fã de ficção científica fica esperando algo acontecer. E, sim, o vilão sofre uma tremenda mutação. Mas o processo é lento, tanto que o resultado da mudança só é visto no clímax do filme, no momento em

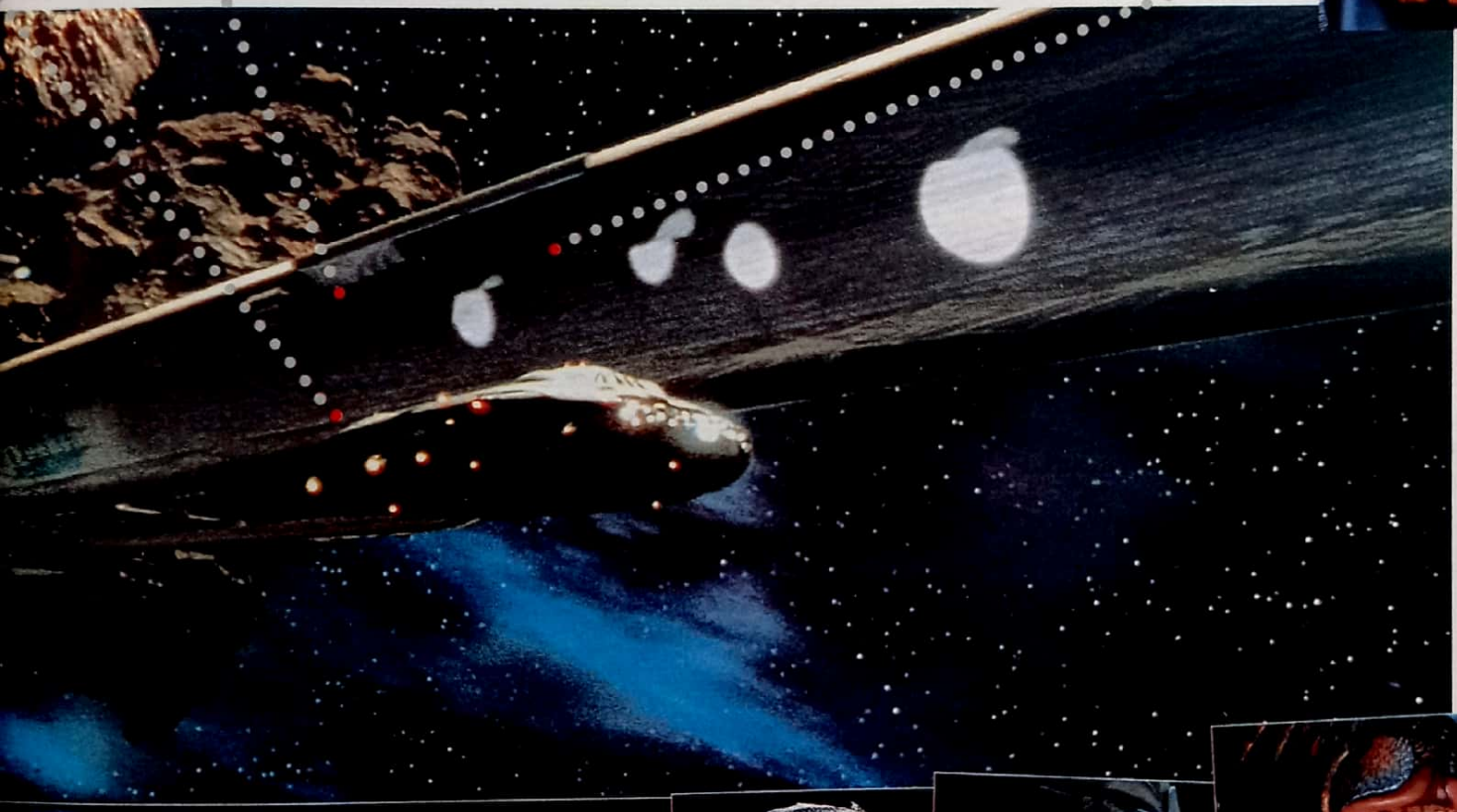
uras do filme e descubra detalhes sobre a trama desta superprodução

as **aranhas** espaciais

Uma verdadeira praga espacial: é isso que a tripulação da Júpiter 2 lamenta encontrar no interior da Proteus Probe, uma misteriosa nave abandonada. Os viajantes enfrentam um terrível exército formado por centenas de aranhas de tamanho avantajado, cujo sangue azul e pastoso é corrosivo (alguém disse *Alien* por aí?). Elas surgem de todos os cantos da nave – e até de sua fuselagem, já que conseguem se deslocar no espaço. Como o diretor Stephen Hopkins mesmo afirma, a Proteus, no fundo, é uma casa assombrada.

blawp, o mascote

Antes de a equipe de reconhecimento – formada por John, Don, Judy, o dr. Smith e a primeira versão do robô – dar de cara com a ameaça aracnídea na nave Proteus, uma outra forma de vida alienígena se manifesta. Dessa vez, porém, pacífica, ainda que muito irrequieta. Criação computadorizada da equipe de Jim Henson (o mestre de *Labirinto* e *Família Dinossauro*), Blawp – como será chamado mais tarde pela garota Penny – é um descendente direto do Bloop da série original e também a arma mais forte da equipe de merchandising para vender produtos baseados no filme. Como se vê, os animais de estimação sobreviverão no futuro.



Fotos: Warner/New Line

que o roteiro de Akiva Goldsman já está explorando diversas linhas temporais (a nave Júpiter 2 faz uma aterrissagem forçada ao lado de um inusitado portal do tempo, que não só transporta viajantes para o futuro ou o passado, como também permite a conexão entre dois tempos diferentes). No esquema acima, acompanha-se o processo gráfico que ajudou o rosto de Gary Oldman a se transformar na "simpática" criatura da última imagem. Quem sabe esta não seja a verdadeira face do malicioso e vilanesco Zachary Smith?

A Disney realiza seu desenho animado mais

As aparências enganam: quem diria que a frágil Mulan, aqui ao lado de seu pai...

MULA

...se tornaria uma valente guerreira, disposta a morrer pela liberdade da China?

Fotos: Columbia Buena Vista

espetacular desde *O Rei Leão*

Algo de muito errado estava acontecendo com a Disney. Depois que *O Rei Leão* se tornou um fenômeno de bilheteria em 1994, o mais tradicional estúdio de animação de Hollywood lançou uma série de produções que, embora mostrassem um refinamento técnico cada vez maior, não marcaram pontos no quesito mais importante: a alma. Com *Pocahontas*, *O Corcunda de Notre-Dame* e *Hércules*, a Disney parecia mais preocupada em vender produtos e criar eventos do que em contar uma boa história. Pior: não havia mais a tradicional magia do estúdio nas telas.

Mas uma adolescente chinesa de muita fibra está conseguindo reverter esse quadro. Ela se chama Mulan e batiza o novo desenho da Disney, que alia a emoção de um bela fábula oriental ao pesado marketing do estúdio do Mickey, vital para o sucesso do filme em meio ao tumultuado verão americano. O resultado é uma produção belíssima, ancorada em uma história emocionante e personagens bem desenvolvidos – e, o melhor de tudo, sem aquela overdose de canções que acaba por desviar a atenção do público.

Mesmo com os pés firmes naquela fórmula que a Disney transformou em regra nas últimas décadas, *Mulan* é uma produção com muita personalidade – o que prova o talento dos diretores Barry Cook e Tony Bancroft. O primeiro é um veterano animador de efeitos especiais que contabiliza em seu currículo o revolucionário *Tron* e a aventura *Captain EO* – produzida por George Lucas, dirigida por Francis Ford Coppola e protagonizada por Michael Jackson. Já Bancroft faz sua estréia em *Mulan* e mostra que ainda vai dar muito o que falar.

Baseado num antigo poema chinês bastante popular em seu país de origem, o filme conta a história de Mulan, uma adolescente de espírito forte, que vive com seus pais na China imperial. Quando a Grande Muralha é atacada pelos bárbaros hunos, decididos a invadir e destruir a nação, o imperador exige que cada família envie um representante para defender a pátria. Sem ter irmãos, e temendo pela vida do pai adoentado, Mulan resolve fugir de casa para, disfarçada de homem, alistar-se no exército. Se for descoberta, será punida com a morte – além de causar a eterna desonra de sua família. Apesar das dificuldades enfrentadas pela menina para manter sua identidade em segredo durante o treinamento, Mulan não está sozinha: ela conta com a ajuda do dragão Mushu, um atrapalhado enviado dos ancestrais da menina. "Interpretado" por Eddie Murphy, Mushu é o personagem mais divertido do filme.

Mesmo tocando em temas delicados como família, tradição e honra, o roteiro de Rita Hsiao e Chris Sanders é simples de seguir e bastante envolvente. Melhor ainda: apesar de retratar com fidelidade a guerra entre a China e o exército de bárbaros, a produção nunca é violenta – a ação é conduzida com leveza, encantando a gurizada sem cansar os adultos.

Mulan põe fim a uma antiga tradição da Disney (e que foi copiada à exaustão por outros estúdios que se aventuram na animação): os vilões engraçadinhos. Ao contrário dos bobocas que antagonizaram os protagonistas de *Aladdin*, *Pocahontas* e *Hércules*, Shan-Yu, o sanguinário líder dos hunos, não possui uma gota sequer de bom humor. Ele é a verdadeira encarnação do mal, um guerreiro implacável que não descansará enquanto não mostrar ao imperador da China que nem a Grande Muralha pode manter suas legiões fora do país. Com a pesada voz do ator Miguel Ferrer, Shan-Yu é um dos vilões mais cruéis que a Disney já levou às telas.

Na verdade, o filme todo é marcado por um realismo nunca antes visto em um produto do estúdio do Mickey. É claro que ainda há aqueles personagens criados sob encomenda para enfeitar as prateleiras das lojas de brinquedos, mas *Mulan* parece tender mais para o artístico e menos para o comercial, com uma suave inspiração oriental. A maior evidência disso é a ausência quase total de canções: se antes as músicas eram uma marca registrada da Disney – na verdade, mais um elemento de marketing destinado a vender milhões de discos e marcar presença na festa do Oscar –, aqui elas ajudam a contar a história, aparecendo apenas quando necessárias.

O homem que não ri: Shan-Yu, o líder dos invasores hunos, é o vilão mais cruel criado pela Disney

Mulan leva outra grande vantagem em cima de *Pocahontas*, *O Corcunda de Notre-Dame* e *Hércules*: a cena do ataque dos hunos ao diminuto exército chinês, com milhares de cavalos inimigos avançando em meio às montanhas geladas, é de cair o queixo. É *aquela* cena memorável que faltou às três produções anteriores da Disney, e que deve ficar na memória do mesmo modo que a dança no salão do castelo em *A Bela e a Fera* ou o estouro da manada de gnus em *O Rei Leão*. E a performance de Eddie Murphy como o dragão Mushu é tão legal quanto a de Robin Williams como o gênio de *Aladdin*. Ele tem os melhores diálogos do filme, protagoniza as situações mais engraçadas e rouba cada cena em que aparece. Eddie deveria ficar esperto: apesar de contar apenas com sua voz, seu personagem em *Mulan* tem mais vitalidade do que qualquer outro que ele tenha representado na última década.

Roberto Sadovski

(EUA, 1998) Direção: Barry Cook e Tony Bancroft. Com as vozes de Ming-Na Wen, Eddie Murphy, B.D. Wong, Miguel Ferrer, George Takei, Soon Tek-Oh, Harvey Fierstein, Jerry Tondo, Gedde Watanabe, Pat Morita.

O papagaio Paulie promete virar um dos mais

Os heróis de *A Espada Mágica* procuram a lendária Excalibur

A ESPADA MÁGICA

Enquanto a Disney explora novos territórios com *Mulan*, outros estúdios que se aventuram na animação provam que ainda têm muito o que aprender. Um bom exemplo é *A Espada Mágica*, o primeiro desenho animado em longa-metragem da Warner. O filme é bem-cuidado, conta com uma animação primorosa e tem personagens carismáticos, mas não passa de uma repetição de tudo o que já estamos cansados de ver nas telas.

A história de *A Espada Mágica* dá continuidade às lendas de Camelot, lar do rei Artur e de seus cavaleiros da Távola Redonda. Anos depois de ter expulso um guerreiro maligno do reino, Artur tem sua espada, a poderosa Excalibur, roubada por uma criatura mística. Kayley, a corajosa filha de um cavaleiro, parte em busca da arma, recebendo a ajuda de um rapaz cego e de um dragão de duas cabeças.

O filme segue à risca a fórmula Disney: uma heroína bonitinha, um vilão falastrão e coadjuvantes engraçadinhos, todos prontos para virar brinquedos – sem falar nas dezenas de canções que testam a paciência do público. As crianças vai curtir de montão. Mas só elas.

(Quest for Camelot, EUA, 1998) Direção: Frederick Du Chau. Com as vozes de Jessalyn Gilsig, Cary Elwes, Gary Oldman, Eric Idle, Don Rickles, Jane Seymour, Pierce Brosnan, Gabriel Byrne, John Gielgud. 85 min.

PAULIE

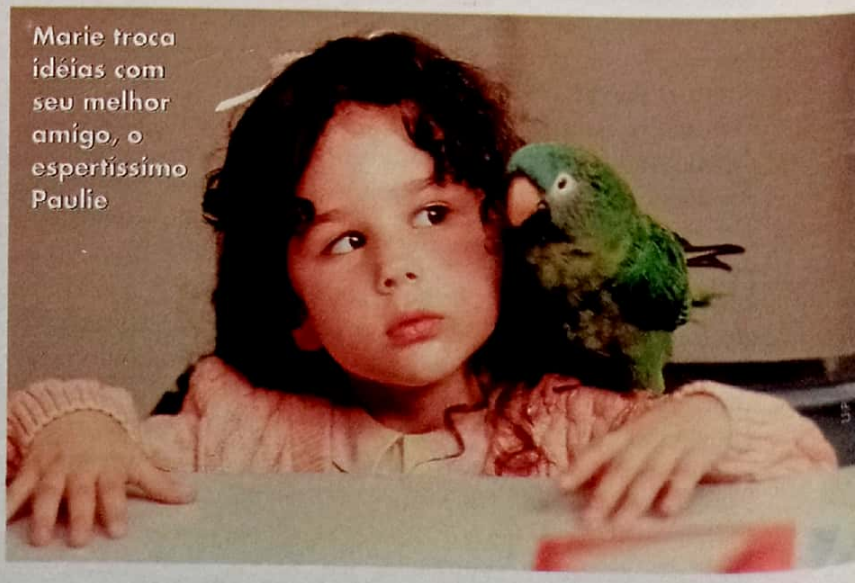
A DreamWorks deixa de lado o pequeno roedor de *Um Ratinho Encrenqueiro* e entra no mundo das criaturas aladas: em *Paulie*, o protagonista que dá título ao filme é um papagaio verde. Esta quarta produção do estúdio de Steven Spielberg é uma grata surpresa, que agradará a espectadores de todas as idades.

Paulie é um papagaio que fala. Ele não solta, porém, apenas aquelas frases prontas e cumprimentos de praxe: ele usa e abusa do inglês (português nas cópias dubladas) e não tem papas na língua – novato na arte do diálogo, diz tudo o que lhe vai à cabeça. Simpatico, o papagaio aos poucos descobre o valor do silêncio.

Paulie, que é o narrador do filme, toma contato com o mundo por intermédio da menina Marie (Hallie Kate Eisenberg), que o criou desde o nascimento. O papagaio a ajuda a superar um sério problema de gagueira. Seus pais, porém, ficam preocupados com a crescente dependência demonstrada por Marie e decidem se livrar de Paulie, que é mandado para o outro lado do país.

Começa a aventura: o papagaio empreende uma inesquecível viagem para retornar aos braços de sua querida dona e tem tempo até de se apaixonar por uma papagaia cantante. O diretor do filme, John Roberts, ficou muito satisfeito com a voz de Paulie (dublado pelo ator Jay Mohr, de *Paixão de Ocasião*). Com essa deliciosa fábula, nasce mais um tipo impagável entre os animais de Hollywood.

(Paulie, EUA, 1998) Direção: John Roberts. Com Gena Rowlands, Tony Shalhoub, Cheech Marin, Bruce Davison, Trini Alvarado, Hallie Kate Eisenberg, Jay Mohr. 87 min.



Marie troca idéias com seu melhor amigo, o espertíssimo Paulie

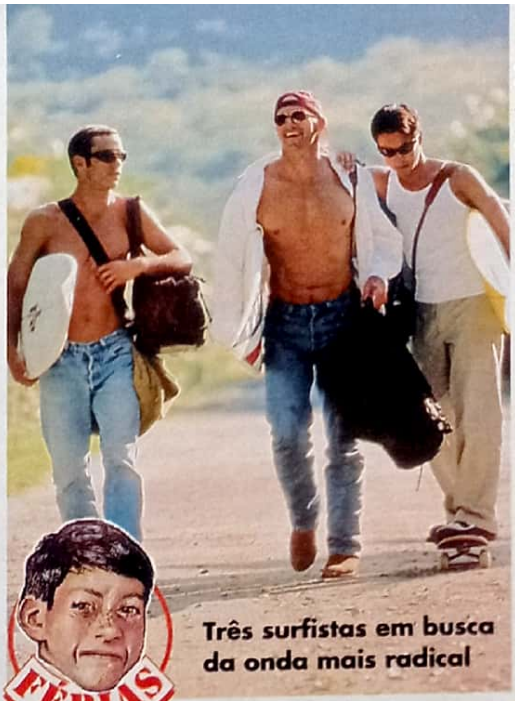
divertidos bichos de Hollywood

IN GOD'S HANDS

Zalman King (de *Orquídea Selvagem*) dirige aqui um filme realizado por surfistas e para surfistas. *In God's Hands* lhe foi proposto pelo jornalista Matt George – que, depois de uma conversa com o veterano Darrick Doerner, desenvolveu esta trama sobre os limites físicos de um surfista. Darrick, a certa altura, afirma que ele próprio, em busca da onda perfeita, esquece ser um mero mortal e coloca tudo "nas mãos de Deus".

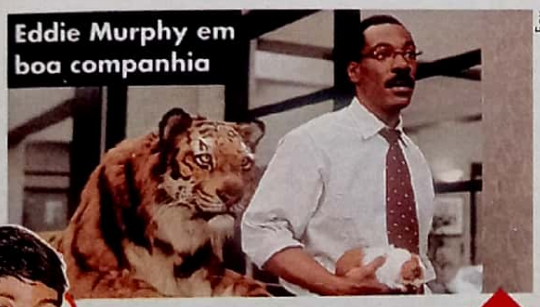
Dramaticamente, o filme é ralo: acompanha a busca de três amigos por um desafio natural cada vez maior. A aventura foi filmada em cenários paradisíacos, como Bali, as ilhas Seychelles, Madagascar e Havaí. Na falta de um bom texto, o estilista visual Zalman King preparou tomadas esportivas impressionantes. Há ainda uma trilha pop de primeira linha, que inclui, entre outros, Fluke, Morphine, George S. Clinton e Spain. Desligue o senso crítico e vá na onda.

(In God's Hands, EUA, 1998) Direção: Zalman King. Com Patrick Shane Dorian, Matt George, Matty Liu. 92 min.



Columbia TriStar

Três surfistas em busca da onda mais radical



Fox

Eddie Murphy em boa companhia

DR. DOLITTLE

Eddie Murphy tenta repetir o sucesso de *O Professor Aloprado* com mais uma refilmagem. Ele assume agora o papel que foi de Rex Harrison no musical de 1967 – só que sem cantar nem dançar. *Doutor Dolittle* é a história de um médico que, às vésperas de desistir do ofício, redescobre sua habilidade de conversar com os animais – um dom que tem desde criança, mas que fora sufocado por ordens do pai.

Murphy consegue uma boa química com os animais falantes, criados pela Jim Henson's Creature Shop (responsável por *Labirinto*). Grandes ou pequenos, os simpáticos coadjuvantes ganharam a voz de atores famosos, como Ving Rhames (o tigre) e John Leguizamo (o rato).

O humor escrachado de Murphy tem lugar garantido com a direção de Betty Thomas, a mesma de *O Rei da Baixaria*. Parece que deu certo: em uma das exibições-teste, uma senhora riu tanto que o projecionista interrompeu o filme para saber se ela estava passando bem.

(Doctor Dolittle, EUA, 1998) Direção: Betty Thomas. Com Eddie Murphy, Richard Schiff, Howard Stern e as vozes de Norm MacDonald, Ving Rhames, Chris Rock, John Leguizamo, Jean Stapleton e Paul Reubens.

FOR ALL – O TRAMPOLIM DA VITÓRIA

Com *For All – O Trampolim da Vitória*, o cinema brasileiro mostra que atingiu uma perfeição técnica de Primeiro Mundo. Mas a produção bem-cuidada e o elenco estelar não são suficientes para sustentar um roteiro pobre, que mistura uma dezena de personagens e situações, não desenvolve nenhum deles e termina sem o mínimo impacto.

A intenção dos diretores Luiz Carlos Lacerda e Buza Ferraz foi das mais nobres: registrar em celulóide a ocupação da cidade de Natal pelo exército americano durante a Segunda Guerra Mundial, por causa de sua localização estratégica – a capital potiguar é o ponto mais próximo da África e da Europa existente nas Américas.

Mas a premissa é mais interessante do que o conteúdo. Na tentativa de mostrar um panorama diversificado do impacto da presença dos soldados – que trouxeram ao Brasil os primeiros eletrodomésticos e a Coca-Cola –, o roteiro pulveriza argumentos que poderiam render, sozinhos, um bom filme.

For All é, assim, uma tentativa honesta de fazer um filme histórico aos moldes das antigas chanchadas brasileiras – mas, ao contrário da influência dos americanos em Natal, não vai ficar para a história.

(Brasil, 1998) Direção: Luiz Carlos Lacerda e Buza Ferraz. Com Betty Faria, José Wilker, Paulo Gorgulho, Luiz Carlos Tourinho, Flávia Bonatto, Alexandre Barros, Daniela Duarte, Caio Junqueira, Cláudio Mamberti, Erik Svane. 95 min.

O elenco de *For All* se diverte bem mais do que o público

Há trinta anos ele faz sucesso como ator, diretor e produtor. Mas, para se sentir em casa, tem de sair da tela e ir para

na trilha

a natureza. "Lá sou mais feliz", conta este astro apaixonado de nascença pela imensidão do Oeste norte-americano

Bem no finalzinho da Grande Depressão, Los Angeles era completamente diferente da gigantesca mancha urbana que hoje se estende por quilômetros e quilômetros no sul da Califórnia. Aprazível, arborizada e voltada ao mesmo tempo para a montanha, o deserto e o mar, era uma cidade relativamente pequena e fortemente dominada pela cultura hispânica na arquitetura e nos costumes. Para quem morava lá nessa época, como o garoto Charles Robert Redford Jr., a indústria do cinema era mais uma curiosidade do que coisa de gente séria. Filho de um leiteiro e de uma dona de casa, o menino passava regularmente diante dos estúdios da Twentieth Century Fox, a caminho da escola, e se impressionava – mas não da maneira como se poderia esperar – com os cenários tão grandes que podiam facilmente ser avistados da calçada, por cima dos muros. "Lembro de ver uma tela imensa pintada como se fosse um céu com nuvens. 'Mas por que eles não filmam o céu de verdade? Que coisa idiota!', eu pensava." Por isso mesmo, recordou o astro décadas mais tarde à revista *Premiere*, é que ele relutou tanto em aceitar o fato de que, adulto, fazia parte dessa mesma indústria – e que se encaixava nela melhor do que em qualquer outro lugar.

Embora tenha nascido em Los Angeles (ou mais precisamente em Santa Monica), em 18 de agosto de 1937, Robert Redford não tardou a romper o namoro com a cidade em que passara a infância: ao final da Segunda Guerra, com a economia do país pisando fundo no acelerador, o sul da Califórnia virou o novo grande sonho americano. Os imigrantes chegavam à maior cidade do estado aos milhares, todos os dias, até ela ir se convertendo no que o ator e diretor, famoso pela dedicação às causas ecológicas quando isso nem era moda, chama hoje de "o pior exemplo de violação do espaço de que se tem notícia nos Estados Unidos". Los Angeles mudou, e Robert também. Foi conhecer os desertos do Sudoeste e os estados das montanhas, como o Colorado e Utah (onde possui uma espetacular propriedade de 7 mil acres), e se encantou. A paixão foi tanta que até hoje é ela que melhor define sua personalidade, ao menos a pública: nenhuma celebridade é tão identificada com o Oeste, o agreste e os grandes espaços quanto Redford. Não por acaso, seu filme mais recente, *O Encantador de Cavalos* (no qual ele acumula as funções de astro, diretor e produtor), é uma homenagem explícita a esse estilo de vida em extinção, aquele que aproxima os homens e a natureza.

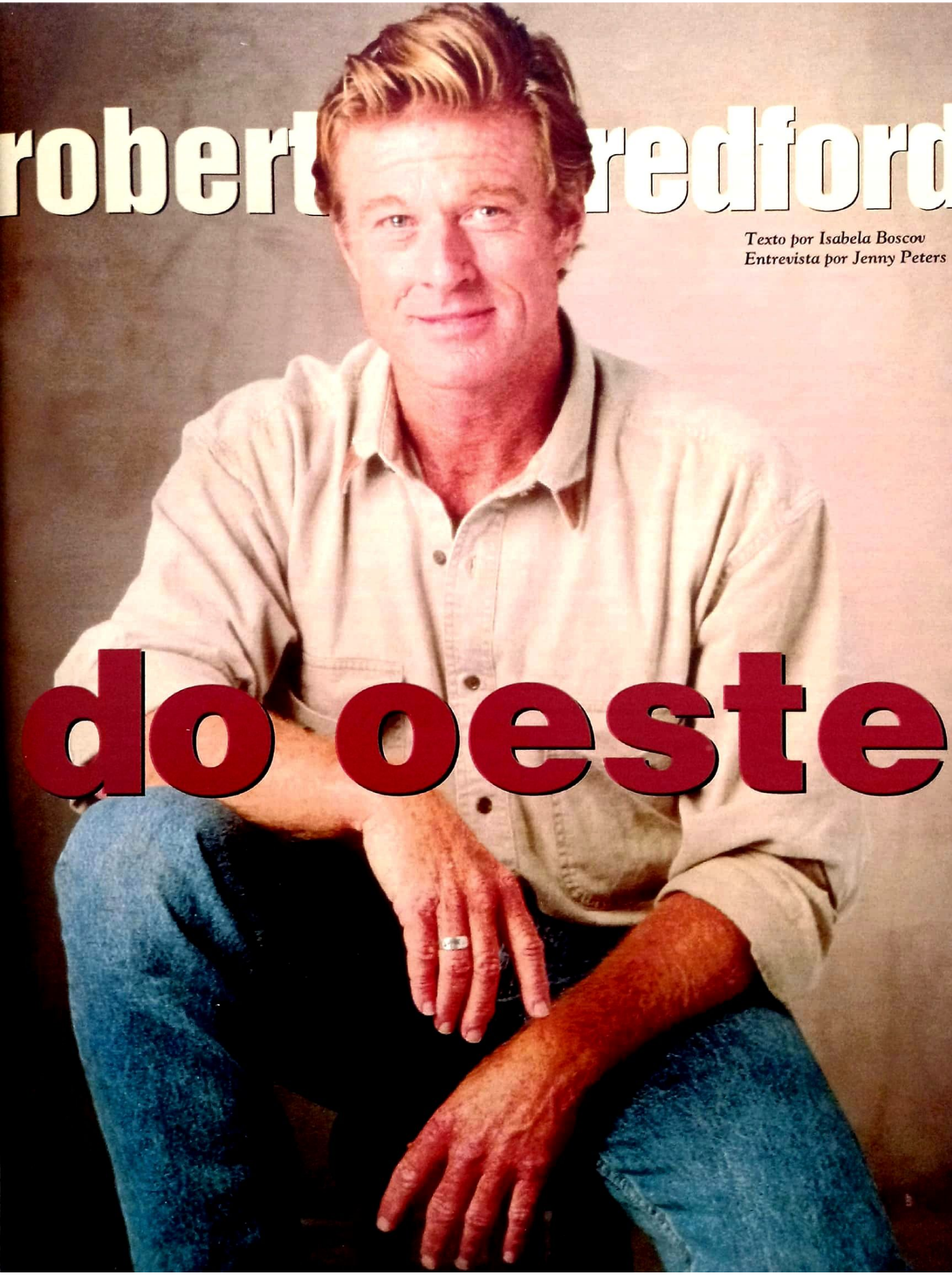
Fazer filmes, porém, esteve longe de ser sua primeira inspiração. Desde os tempos de escola, Redford adorava todo tipo de atividade física e esporte – e foi sua vocação atlética que seduziu os reitores da Universidade do Colorado a lhe dar uma bolsa, já que as notas do boletim não eram de chamar a atenção de ninguém. Como ele deixaria claro nas décadas seguintes, não era um problema de falta de inteligência, e sim de falta de concentração ou de interesse: logo Redford se cansou do time de beisebol e, sem rumo ou perspectiva, começou a beber. Beber mesmo, a ponto de ser expulso do time e, em seguida, da faculdade.

Tomado pela idéia de se tornar pintor, resolveu curar a ressaca de um jeito muito popular entre os jovens cheios de aspirações dos anos 50: embarcou em um cargueiro com destino à França e passou alguns meses vagando pela Europa, fazendo um bico aqui e outro ali e dormindo em albergues, até se estabelecer no ateliê de um artista em Florença, na Itália, de onde só saiu para se matricular no Pratt Institute de Nova York. E, se não virou pintor mesmo, é porque seus talentos certamente não estavam à altura de suas expectativas – que, como →

robert redford

do oeste

Texto por Isabela Boscov
Entrevista por Jenny Peters



o tempo também se encarregaria de esclarecer, são invariavelmente muito ambiciosas.

Foi por causa de um curso de cenografia no Pratt que Redford desembarcou – puramente por acidente – naquela que se tornaria sua carreira de fato. Era uma época, como ele mesmo relembra nesta entrevista, em que um ator só ganhava essa designação depois de demonstrar algum mérito; era preciso insistir, tentar, aprender e, principalmente, encarar o palco. Ser jovem e bonito era um bom começo, mas não uma garantia, e a televisão, na qual ele fez dezenas de pontas no final dos anos 50, não transformava ninguém em astro da noite para o dia. Ainda assim, aos 26 anos ele trombou de frente com a sorte: foi escalado para protagonizar *Calçados no Parque*, uma peça de Neil Simon que virou sucesso absoluto na Broadway. Passados apenas onze meses, porém, causou espanto ao se demitir, cansado da rotina no teatro e de olho em um meio que lhe parecia bem mais interessante – o cinema.

Durante os anos seguintes, Redford teve tempo de sobra para se arrepender da escolha. Seus cinco primeiros filmes foram fracassos completos de bilheteria, e o desânimo bateu tão forte que o ator se retirou com a família – a mulher, Lola Jean Van Wagenen, de quem se divorciaria em 1985, e dois filhos pequenos – para uma temporada em Creta e na Espanha. Quem interrompeu a crise de depressão foi, novamente, o dramaturgo Neil Simon: *Calçados no Parque* estava prestes a ganhar uma versão cinematográfica, e achou-se que o jovem ator californiano tinha tudo para reprisar na tela o sucesso que ajudara a criar no teatro – com razão.

O Robert Redford que se conhece hoje, contudo, só surgiria em 1969. Depois de quase perder o papel de Sundance Kid em *Butch Cassidy* por objeção do produtor, o astro foi salvo pelo aliado Paul Newman e pelos vários outros atores tidos como mais rentáveis que recusaram o trabalho. Como se veria depois, com *Butch Cassidy* Redford conseguiu uma vaga não somente em um dos faroestes mais populares da história, mas principalmente no primeiríssimo time do cinema, no qual se consagraria durante a década seguinte como o mais desejado – e também um dos mais respeitados – astros americanos em atividade. De desagradável, ele afirma, esse sucesso tão duradouro só lhe trouxe uma coisa: a obsessão do público e da imprensa por sua beleza. Não que não goste de ser bonito, concede; o problema, argumenta, é que tanta preocupação com sua aparência repetidas vezes ocupou mais espaço que a apreciação de seu trabalho. "Era como se houvesse uma outra pessoa crescendo e me colocando na sombra", resume.

De suspenses políticos como *Todos os Homens do Presidente* a dramas românticos como *Nosso Amor de Ontem*, Redford jogou em todos os times de Hollywood na década de 70 e marcou mais pontos do que ninguém. Até hoje, prestes a completar 61 anos, mantém seu cacife praticamente inalterado (e, apesar das rugas evidentes, ainda provoca fantasias românticas, como ficou provado em *Íntimo e Pessoal*). Com uma vantagem: por causa da inquietude que sempre o perseguiu, entrou nos anos 80 inaugurando uma fase profissional ainda mais complexa e ambiciosa, cujas ramificações continuam a mantê-lo muito ocupado. Já em sua primeira investida atrás das câmeras, no claustrofóbico drama familiar *Gente como a Gente*, de 1980, levou o Oscar de melhor diretor; e consolidou a reputação de cineasta competente em filmes tão distintos quanto *Rebelião em Milagro*, *Nada É para Sempre*, *Quiz Show* e o novo *O Encantador de Cavalos*.

Se a quantidade não impressiona, é preciso lembrar que Redford dispende uma parte razoável de sua energia promovendo causas ambientais e atuando nas funções de fundador e padroeiro do maior evento do cinema independente, o Festival de Sundance, sediado em sua propriedade nas montanhas de Utah. Além de revelar a cada ano novos atores e cineastas, Sundance provocou um impacto sem precedentes no mundo do cinema; em última análise, não seria incorreto afirmar que Redford tem uma boa parcela de responsabilidade pela festa que os independentes fizeram na cerimônia do Oscar de 1997. Mas, apesar de se dividir entre tantos interesses, ele diz que agora sabe como não ficar estressado por causa do trabalho. A cura? "Trabalhar mais ainda", prescreve.

Para quem olha de fora, sua vida até aqui parece ter sido extraordinária. Você também a vê assim?

Não sei se é extraordinária, mas estou começando a vê-la como uma vida muito cheia e rica, de formas que até há pouco eu mesmo não compreendia. Por ter me mantido sempre tão ativo, buscando seguir em frente e olhar adiante, não tive muito tempo de conferir o espelho retrovisor – ou, em outras palavras, de reconhecer que estava chegando a um lugar e a uma idade em que é possível dizer que tenho uma história. Quando, no íntimo, você ainda acredita ser meio criança, é difícil se ver como alguém que tem uma história para contar – mas essa é a verdade. E acho que só me dei conta dela quando, repentinamente, me vi recebendo o Lifetime Achievement Award (*um prêmio pelas realizações ao longo da vida*) da Liga dos Atores de Cinema. Minha primeira reação foi dizer, "Não quero esse prêmio. Minha intenção não é ofender sua organização, mas acho que ainda não cheguei aonde quero chegar; estou só no meio do caminho". Bem, mas o problema é que um acontecimento como esse convida a fazer um retrospecto – e daí me dei conta de que estou nesse negócio há... já nem sei quanto tempo.

O fato de ter chegado à casa dos sessenta contribui para esse estado de espírito?

Não, não necessariamente. Quando penso em mim mesmo, não penso na idade que tenho. Esse estado de espírito tem mais a ver com os frutos do que fiz. Não estou falando de algo

que eu tenha produzido, e sim de uma espécie de sabedoria, ou experiência de vida, que começa a ficar evidente no trabalho que faço – como se fossem rostos do passado que reaparecem, mas envelhecidos.

Nunca na história o público de cinema foi tão jovem, e nunca houve tantos jovens atores dominando Hollywood. Como, na sua opinião, você se encaixa nesse panorama?

Acho que vou indo bem. Não deixei de fazer algo que quisesse por estar na idade "errada", mas acho que de fato é correta essa percepção de que o público de cinema é hoje predominantemente jovem.

deixando que o público e os críticos decidam se isso é bom ou ruim, se isso os incomoda ou não. Não há nada que eu possa fazer a respeito.

Atribui-se a você a seguinte frase: "As pessoas falam tanto da minha aparência que é um milagre que eu não tenha me tornado uma ameba egocêntrica". Você se lembra de ter dito isso?

Lembro sim – só não me lembro para quem o disse. Mas é verdade.

Bem, mas não é que você não estivesse acostumado a esse tipo de atenção quando começou sua carreira...

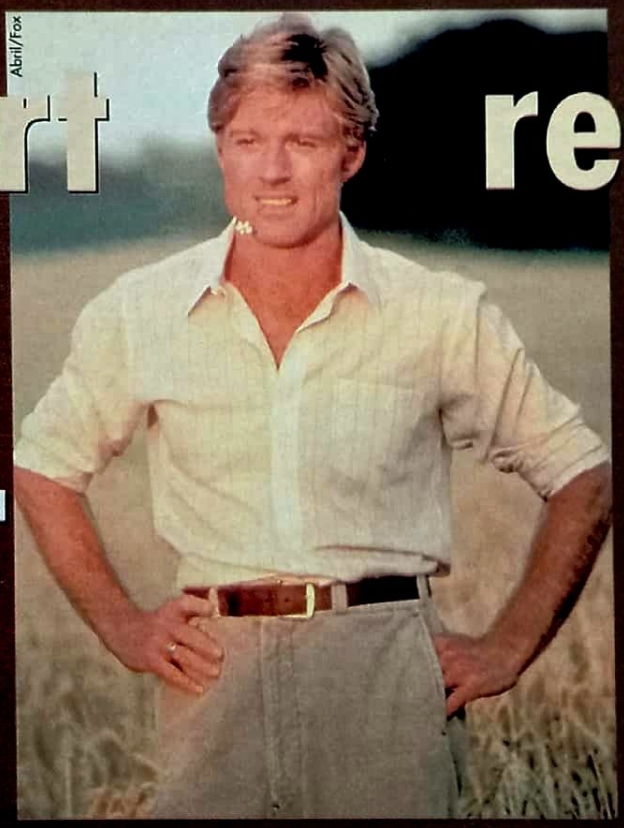
mas não bonito. Isso só aconteceu com o cinema. Foi estranho, e me parece uma certa distorção.

Mas essa fama de bonito é algo que chega a interferir com sua vida pessoal?

Sim, pela simples razão de que juventude e beleza são uma obsessão para a mídia, ao menos nos Estados Unidos. Quando isso é tudo que você ouve falar a seu respeito, ao invés de outros aspectos de seu trabalho, você se vê obrigado a lidar com essa questão, quer queira, quer não. Ou a se distanciar dela. Foi essa a solução que adotei, porque não queria ficar me queixando de algo que é simplesmente um fato da vida.

robert redford

"Essa história de eu ser bonito só começou depois que estreei no cinema. Quando eu era criança, ninguém me chamava de lindo"


Abril/Fox

Em seus filmes mais recentes, sua beleza deixou de ser uma faceta importante dos personagens que você interpreta. Por quê?

Não quero carregar esse fardo de atravessar a vida sendo obrigado a alterar minha aparência a ponto de alterar também quem eu sou – porque isso, quem eu sou, é o que tenho a oferecer. Se este país é obcecado pela juventude, pelo glamour e pela aparência, bem, esse é um dado com o qual tenho de conviver. Mas prefiro mil vezes fazer o trabalho que me proponho a fazer e envelhecer da maneira como todos envelhecemos,

Não, não estava. Juro por Deus que nunca recebi esse tipo de atenção quando criança – ou teria tido uma infância muito mais feliz (*risos*) e teria feito muito mais sucesso na adolescência. Eu era aquele garoto cheio de redemoinhos no cabelo que talvez as pessoas achassem engraçadinho, mas não bonito. Nunca fui chamado de lindo até começar a trabalhar no cinema; fiz teatro na Broadway, trabalhei nos tempos da televisão ao vivo, e nunca fui identificado dessa forma. Talvez atraente,

E, de qualquer forma, há uma vantagem inegável: as pessoas tendem a ser simpáticas a um astro de cinema bem apessoado, não é?

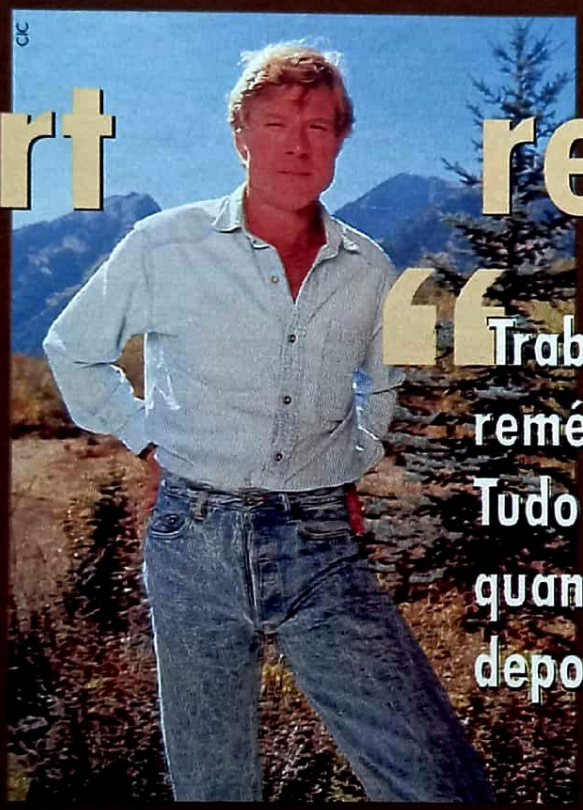
Com certeza. Por isso decidi que não queria parecer ingrato. Não é que eu não seja grato por essa atenção; ela apenas me faz sentir um pouco desconfortável. Então me retirei um pouco de cena. Parei de fazer publicidade dos meus filmes e coisas assim.

Mas você continua a fazer papéis românticos, não é? Como em *O Encantador de Cavalos* ou mesmo em *Proposta Indecente* – que é romântico de um jeito, digamos, diferente.

Era uma questão de dinheiro.

Bem, quase sempre é uma questão de dinheiro. Mudando →

robert redford



> "Trabalhar muito é o melhor remédio contra o stress. Tudo parece mais fácil quando você sabe que depois vai ficar pior"

de assunto: você é o astro americano mais intimamente associado à imagem da natureza e ao Oeste. Como surgiu essa ligação?

Essa ligação começou muito cedo na minha vida – até porque nasci e fui criado no Oeste, em Los Angeles. Venho de uma família muito pobre e não tinha muitos meios para me divertir. Eu costumava então sair para o deserto, para as montanhas. Aprendi a escalar e passava muito tempo em contato com a natureza, porque era uma diversão acessível. Ao mesmo tempo, na adolescência me vi às voltas com um desejo imenso de conhecer Nova York e viver lá. Eu não sabia nem o que gostaria de fazer em Nova York; só sabia que queria ir. Assim, à medida que minha vida foi passando, desenvolvi um interesse intenso pelos dois lugares. Mas, basicamente, sou uma pessoa do Oeste; amo os espaços abertos, e é lá que está meu coração, porque é lá que me sinto mais feliz.

Você começou a atuar com mais de vinte anos de idade. Hoje você acha que foi cedo ou tarde?

Sou muito grato pelo tempo que passei na rua, no mundo, antes de começar a atuar, porque depois fiquei tão atolado em coisas como criar uma família e aprender minha profissão que nem tinha tempo de pensar no que estava se passando à minha volta. É algo que eu recomendaria a qualquer ator; esse tempo para si próprio e essa ligação com a realidade são muito benéficos ao trabalho. Na época em que me tornei ator, a única chave para garantir algum respeito era a capacidade, e portanto o tempo. Era extremamente difícil que um ator muito jovem conseguisse papéis de grande destaque. Esses papéis pertenciam aos atores mais velhos, que já haviam trilhado os caminhos necessários e vencido esse aprendizado. Mas, hoje em dia, isso não é mais importante nem necessário – e a arte não é o único caminho para um jovem ator. Hoje basta ser uma personalidade para começar por cima, especialmente na televisão.

Você diria que o seu estilo como diretor é um reflexo de seu estilo como intérprete?

Essa é uma questão imensa, e nem sei se sou capaz de respondê-la. Então vamos à próxima (*risos*)! Na verdade, não sei se consigo ser tão objetivo sobre meu próprio trabalho. Vejamos... a sutileza é algo que decididamente me interessa. Sinto que é possível construir todo um projeto unicamente a partir da reunião de detalhes, desde que eles estejam encaixados da forma correta. E a sutileza é o que dá força aos detalhes. Mesmo quando eu era pequeno, não gostava que esfregassem as coisas na minha cara; gosto de ter de pensar e chegar às minhas conclusões por conta própria, de me esforçar um pouquinho. Se o resultado desse processo de trabalho também é sutil para quem o vê pronto, não sei dizer. Sei apenas que, para o meu gosto, um bom desempenho é aquele que não é óbvio; a boa interpretação é, sim, aquela em que o ator se coloca numa determinada situação e convida a platéia a vivê-la junto com ele, subjetivamente.

O que a direção pode dar a você que a interpretação não pode?

Mais controle sobre a idéia que tenho na cabeça, claro. E também a oportunidade de empregar outros aspectos da minha personalidade; já fui artista plástico e gosto de usar esse lado no desenho de produção, por exemplo. A desvantagem da direção é que submergir dentro de um personagem é algo que traz uma satisfação enorme. Mas, quando você está atrás da câmera, às vezes é muito cansativo esperar que um ator descubra aquilo que você, como diretor, já descobriu. E aí você corre o risco de interferir demais e estragar um desempenho.

Na sua opinião, o que está diferente na profissão desde

que você se mudou para Nova York para fazer seriados como *Perry Mason* e *Além da Imaginação*?

Pelas barbas do profeta! Não me diga que você via *Perry Mason*? *Além da Imaginação* pelo menos tinha alguma dignidade, mas *Perry Mason*... É como se ver de novo em uma foto do ginásio.

Para falar a verdade, *Perry Mason* era bem legal.

Fico feliz por você pensar assim.

Mas então, o que mudou desde aqueles tempos excitantes da TV ao vivo?

Essa era da informação em que vivemos atrapalhou um pouquinho o lado artístico, eu acho. Desde os anos 80, os membros da profissão de ator vêm dando mais peso ao aspecto dos negócios do que o da arte. Hoje os atores empregam empresários, relações-públicas e assessores pessoais e têm uma consciência extrema do que "funciona" e do que "não funciona", porque esta é essencialmente uma indústria do culto à personalidade. Como eu disse há pouco, quando eu comecei esta era uma indústria mais baseada na capacidade. Agora não é preciso se estabelecer no teatro, por exemplo, para chegar ao cinema; basta ter uma personalidade que venda ingressos. Além disso, a diversidade dos filmes que são produzidos também encolheu sensivelmente. A indústria do cinema está se tornando incrivelmente centralizada. Por isso o Festival de Sundance existe – para manter viva essa diversidade por meio do apoio ao filme independente.

Nos últimos anos, aliás, muito de seu tempo vem sendo tomado pelo Festival de Sundance. O que você acredita já ter realizado com esse projeto?

A idéia inicial, em 1980, era investir muito tempo, muita energia e um tanto do meu próprio dinheiro para fazer com que o projeto decolasse. Achei que levaria de dois a quatro anos para atingir esse estágio; levei oito, e de fato houve um período nesse meio tempo em que me vi enredado. Eu não podia parar, porque isso implicaria desistir da idéia – e não gosto de largar as coisas pela metade. Seguir em frente, por outro lado, significava que tão cedo eu não poderia voltar ao trabalho. Foi uma época tumultuada, de problemas gerenciais e de organização, e era difícil conseguir fundos porque as pessoas pensavam, "esse cara é um astro de cinema e ganha rios de dinheiro. Por que ele mesmo não se financia?" – sem se dar conta de que uma boa idéia deve existir por si, sem depender de uma única pessoa. Hoje, porém, o festival existe por si, sem que eu esteja em seu centro. E isso me deixa feliz.

Durante os anos 70, você fez vários filmes com temas políticos. Hoje, à exceção de Oliver Stone, parece que esse é um assunto do qual Hollywood foge. Por quê?

Usei a política com muita freqüência nos filmes que fiz – e continuarei a fazê-lo –, mas não abertamente, exceto talvez em algumas raras ocasiões, como em *O Candidato* e *Todos os Homens do Presidente*, que era na verdade uma peça histórica (*baseada na revelação do escândalo de Watergate por dois repórteres do jornal Washington Post*). Quanto a Hollywood, ela apóia tudo o que seja um bom negócio. E, se Hollywood botar na cabeça que um assunto não funciona, ela não apostará nele. Lembro que, quando estávamos fazendo *Um Homem Fora de Série*, em 1984, foi uma dificuldade conseguir financiamento, porque todos nos diziam que beisebol não era um tema de apelo comercial. Obviamente, esse conceito mudou desde então. E a atitude quanto à política mudará também quando houver filmes de sucesso sobre esse tema.

Que conselho você daria a um jovem sobre o trabalho?

Sobre o trabalho no cinema?

Não, sobre o trabalho em geral.

É uma pergunta interessante. Acho que a educação é muito importante – até certo ponto. Instrua-se ao máximo, até certo ponto, e a partir dele comece a fazer coisas. Não se eduque de menos nem demais. Por um lado, o nível de desistência escolar é altíssimo porque a educação não recebe a importância que sem dúvida merece; por outro, há uma síndrome que leva as pessoas a prolongar o processo escolar indefinidamente, porque elas têm medo de cair na vida. Entre esses dois extremos deve haver um ponto correto.

Você alguma vez teve a sensação de que o sucesso o isolou?

Olhe, não sou um homem solitário. Você sabe tão bem quanto eu que esse tipo de reputação tem a ver com a necessidade da mídia de cristalizar as coisas em imagens simples. Não sou triste e não sou solitário. A tristeza é algo que aceito como um fato da vida e, em vez de negá-la ou fugir dela, integro-a a meu trabalho. Mas há uma bela diferença entre aceitar a existência da tristeza e ser uma pessoa triste.

Houve algum outro momento em que sua carreira lhe pareceu tão cheia de variedade quanto agora?

Sim. Houve um período, nos anos 70, em que interpretei diversos papéis muito diferentes entre si, começando por Jeremiah Johnson, o protagonista de *Mais Forte que a Vingança*. Jeremiah era um homem que morava nas montanhas por volta de 1860, um personagem bruto e monossilábico. Foi um filme dificílimo, inclusive do ponto de vista físico, sobre como é viver tão junto às leis da natureza. Logo antes eu tinha feito *O Candidato*, que é uma comédia política de humor negro, muito sofisticada. Depois vieram *O Grande Gatsby*, baseado na obra de F. Scott Fitzgerald, e *Nosso Amor de Ontem*, com Barbra Streisand. E daí *Todos os Homens do Presidente*. Sem falar que, ao mesmo tempo, eu estava escrevendo um livro sobre uma trilha de foras-da-lei que é uma peça central da história do Oeste americano. Foi uma época cheia.

Como você lida com o stress de tanto trabalho?

Trabalhando mais (*risos*). Assim o momento pelo qual você está passando não parece tão difícil, porque você sabe que depois vai ficar pior. ■

Por que os astros Charlie Sheen, Robert Downey Jr. e Christian Slater não conseguem separar fama e dinheiro de sexo e drogas

DE HOLLYWOOD PA INFER

Por *Isabela Boscov*

Em fevereiro de 1997, Charlie Sheen chega ao tribunal sob acusação de ter espancado sua namorada, Brittany Ashland, vista aqui com as marcas da agressão

"– Quantos anos você tem, Charlie?"
"– Eu? Trinta e um. Mas a questão não é a idade. É a quilometragem."
Charlie Sheen, 1997

"Meu filho está aqui por causa de uma overdose de drogas." Contendo as lágrimas, mas incapaz de disfarçar a apreensão, o ator Martin Sheen convocou uma entrevista coletiva em 20 de maio para anunciar que o também ator Charlie Sheen, 32 anos, estava internado no centro médico Los Robles, nas imediações de Los Angeles, e estava "muito vivo", ao contrário do que diziam os boatos, embora passasse por um momento extremamente difícil. "Por favor, rezem por ele", pediu Martin – e não pela primeira vez. Em 1995, durante uma entrevista de divulgação do filme *Meu Querido Presidente*, o pai de Charlie contrariou o protocolo dessas ocasiões e surpreendeu os repórteres com um pedido idêntico: "Rezem pelo meu menino. Ele tem apetites que o colocam em encrenca, mas tem um bom coração".

E haja reza. Depois de ser socorrido em caráter de emergência na quarta-feira de 20 de maio, Charlie decidiu deixar o hospital na sexta e se internar em uma clínica cujo nome não foi revelado. Pouco mais de 24 horas depois, já tinha cansado de tantas boas intenções: deu alta a si próprio e embarcou em uma limusine com alguns de seus "amigos".

Assustado, um médico ligou para a polícia e avisou que Charlie necessitava de supervisão por causa dos remédios que vinha tomando para combater sua dependência. Os policiais conseguiram parar a limusine a caminho de Malibu e levaram o fugitivo para o hospital Cedars Sinai, de onde ele saiu para um centro de reabilitação chamado Promises, com o compromisso de passar trinta dias internado. "Ele não gostou da idéia, mas também não resistiu", contou o xerife do condado de Los Angeles, Bob Killeen. Pode parecer uma boa notícia, mas o fato é que ninguém respirou aliviado: juramentos não cumpridos são um ponto forte do ator.

Por isso mesmo Martin Sheen tomou uma atitude radical para um pai. Em 27 de maio, ele se reuniu com a promotoria para requisitar que seu filho fosse indiciado por violação de liberdade condicional. No dia seguinte, acompanhou Charlie ao tribunal, onde se decidiu que ele seria monitorado eletronicamente até uma audiência marcada para 1º de julho – e, claro, ficaria proibido de consumir drogas ou álcool.

Se desrespeitar esses termos, Charlie vai para a cadeia, como aconteceu recentemente com Robert Downey Jr. e Christian Slater, dois outros atores tão famosos por seus problemas pessoais quanto por seus papéis no cinema – mas que, pelo menos até o fechamento desta edição, permaneciam sóbrios e firmes no propósito de se manter afastados das drogas.

Dos três, Charlie parece ser o mais perdido e o mais avesso a tentativas de recuperação. Houve um tempo, no entanto, em que nenhum dos *brat packers* – como era conhecida a geração formada por Rob Lowe, Matt Dillon, Sean Penn, Molly Ringwald, Demi Moore, o próprio Robert Downey Jr. e Emilio Estevez, que é irmão de Charlie – parecia ter mais chances de chegar ao topo. Seus colegas eram conhecidos ou pelo talento ou pelo carisma; elogiadíssimo por sua atuação em filmes como *Platoon* e *Wall Street*, Charlie parecia reunir os dois e estar destinado a se tornar um grande nome.

Os mais íntimos, porém, sabiam que as coisas não seriam tão fáceis. Quando entrou no set de *Platoon*, ele já tinha uma vistosa ficha corrida: perdera a virgindade pagando uma prostituta com o Mastercard de sua mãe, fora pego pela polícia com drogas e uma faca no porta-luvas de seu BMW, fraudara cartões de crédito usando recibos roubados da lata de lixo de um hotel, comprara respostas para um exame de biologia, tivera um filho ilegítimo com uma colega de escola e fora expulso do time de beisebol da Universidade do Kansas, que tratou de lhe retirar também a bolsa.

"Charlie nasceu berrando – e desde então não parou mais", definiu seu pai, que também teve uma juventude algo transviada. Incontrolável e viciado em drogas, Martin Sheen quase morreu de ataque cardíaco durante as filmagens de *Apocalypse Now*, nas Filipinas. Ele tinha apenas 37 anos.

À parte umas poucas recaídas, Martin se emendou. Mas, se alguém achou que as críticas favoráveis a *Platoon* poderiam colocar seu filho rebelde nos trilhos, o tempo se encarregou de desfazer a ilusão. Em vez de converter os frutos de seu trabalho em novas oportunidades, Charlie perdeu de vez as rédeas da situação. "Achei que era isso que as pessoas faziam quando ficavam famosas", foi como o astro explicou os excessos que depois terminariam por derrubar sua carreira. Todas as manhãs, ele chegava se arrastando ao set de *Wall Street* – resultado das intermináveis noitadas passadas em companhia de prostitutas, drogas e álcool. "É, ele me deixava um pouco na mão", confessou o diretor Oliver Stone. →

DE HOLLYWOOD PARA O INFERNO

"Na minha casa, usar drogas para recreação era tão normal quanto beber vinho no Dia de Ação de Graças", diz Downey, que admitiu ser dependente de drogas desde os oito anos de idade

"Charlie é surpreendente", discorda Jon Cryer, que contracenou com ele em *Top Gang!*, um dos poucos sucessos – de público, não de crítica – que o ator estrelou nesta década. "Ele chegava ao set uma hora atrasado, trazendo uma estrela pornô em um conversível, e ainda assim acertava todas as suas falas e marcações já na primeira tomada. E daí ia embora para cuidar da moça", contou Cryer à revista *Neon*. Embora fosse capaz de, sabe-se lá como, manter esse relativo controle durante o dia, à noite o ator soltava a franga.

Fascinado por sexo desde cedo (especialmente pela modalidade remunerada de sexo), nos últimos dez anos Charlie se envolveu em um sem-número de incidentes, pequenos e grandes, por conta de sua predileção. Apelidado de "Vintão" no clube nova-iorquino de striptease Gotham City – em uma única noite, ele dispensou 20 mil dólares em gorjetas para as dançarinas –, ele foi uma das poucas testemunhas famosas obrigadas a depor no julgamento da "Madame Hollywood", como era conhecida a cafetina de luxo Heidi Fleiss. Depois de obter imunidade contra processos, admitiu ter contratado os serviços da madame pelo menos 27 vezes entre 1991 e 1993, esbanjando 53 mil dólares com suas garotas – pagos em cheques de viagem comprados em seu próprio nome.

A essa altura, Charlie já havia perdido mais uma boa chance de sair do buraco. No primeiro ano da década, depois de muita insistência, ele conseguiu ser apresentado ao grande objeto de seus sonhos: a atriz Ginger Lynn Allen, um verdadeiro ícone do cinema pornô. Ginger e Charlie se apaixonaram perdidamente – tanto que, ao lado dela, ele conseguiu estabelecer o recorde de quatorze meses de sobriedade ininterrupta. Não porque quisesse, e sim porque estava sob intervenção familiar. Seu pai, tentando se colocar entre o filho "e a bala que estava para atingi-lo a qualquer momento", como descreveu, usou seu próprio aniversário, em 3 de agosto de 1990, para reunir os parentes e amigos mais próximos e convencer o filho a se internar em um programa de reabilitação de 32 dias.

Charlie não quis nem ouvir; quem ganhou a parada foi Clint Eastwood, chamado por Martin Sheen a acudir o rapaz. Mas o efeito foi apenas temporário, assim como o do puxão de orelha que ele levara de Bono, vocalista do U2, em 1987. "Como você faz o que você faz?", perguntou um Charlie completamente embriagado ao cantor, depois de um show. "Eu não faço isso", respondeu Bono, apontando para o copo de uísque que o ator trazia na mão – e levando-o assim a recusar qualquer bebida durante quatro meses.

O idílio de Charlie e Ginger Lynn também durou pouco. Em 3 de setembro de 1991, seu aniversário de 26 anos, o ator ligou para a namorada para contar-lhe (por "uma questão de amor", justificou) que estava em casa com uma dúzia de prostitutas e um time inteiro de beisebol, e que havia caído na vida novamente. "Perdi o respeito por ele", resume Ginger, que ainda hoje, aos 37 anos, admite que Charlie é o grande amor de sua vida, e

Em dezembro de 1997, Robert Downey Jr. enfrenta a pior das humilhações: sair algemado do tribunal que o condenou a seis meses de prisão

que com ele conheceu o que pode haver de melhor e de pior em um relacionamento. "Acho que ele tem um vazio que não sabe como preencher", disse a atriz à revista *Details*. "Ele tenta preenchê-lo com drogas, álcool, mulheres, carros... Acho que ele é um cara perdido."

Perdido, talvez; organizado, com certeza: durante anos, ele carregou consigo um pedaço de papel coberto com os nomes e números de telefone de todas as garotas com quem havia dormido, listadas segundo uma cotação de uma a três estrelas. Por isso seu casamento com a modelo Dona Peele, realizado em setembro de 1995, terminou cinco meses depois – "Se você compra um carro e descobre que ele está quebrado, o que é que você vai fazer?", explicou o astro, com singular falta de elegância. E por isso também pouca gente se sensibiliza quando ele reclama que "só querem saber das drogas e das putas", como fez em uma tumultuada entrevista para promover o filme *Tudo por Dinheiro*, em agosto do ano passado.

Um dos últimos grandes rebuliços a envolver Charlie aconteceu pouco antes desse episódio, quando a atriz pornô Brittany Ashland, sua namorada havia quatro meses, abriu um processo cível alegando que, em dezembro de 1996, ele a teria agarrado pelos cabelos e atirado contra um piso de mármore, deixando-a inconsciente e fazendo um corte no seu lábio que necessitou de sete pontos – ameaçando-a ainda de morte caso revelasse o ocorrido.

Indiciado por agressão física, Charlie classificou o processo de "tentativa de extorsão", mas preferiu não contestar a acusação diante do juiz Lawrence Mira (que depois julgaria também Robert Downey Jr). Em vez disso, saiu do tribunal em 31 de maio de 1997 com uma pena – suspensa – de um ano de prisão, dois anos de condicional, uma multa de 2,8 mil dólares e a ordem de executar trezentas horas de serviço comunitário. "O senhor não me verá de novo nesta corte", disse Charlie a Mira. "A não ser que eu ordene", retrucou o juiz durão. Pelo que se pode ver, esse tem todo o jeito de ser um encontro marcado.

"– Nem sei descrever o prazer que é poder tomar uma boa chuveirada de novo – e até trancar a porta do banheiro, se eu quiser."

Robert Downey Jr., 1998

Se Charlie Sheen gosta de companhia em suas farras, o mesmo não se pode dizer de Robert Downey Jr. O problema do ator que deslumbrou platéias no mundo inteiro com sua atuação em *Chaplin* não tem nada a ver com prostitutas, clubes de striptease ou "vagabundos e sicofantas", como Martin Sheen descreveu os supostos amigos de seu filho; tem a ver, e muito, com drogas, das quais admitiu ser dependente desde os oito anos de idade. O destinatário dessa confissão foi, mais uma vez, o juiz Lawrence Mira, que desempenhou papel significativo na vida recente de Downey. Foi Mira quem, exasperado, terminou por despachar o ator para a Prisão Central do Condado de Los Angeles, em 8 de dezembro passado: "Você precisa descobrir por que está disposto a suportar tanta dor e tanto tumulto para continuar a usar drogas. Vou mandá-lo para a cadeia, e não ligo a mínima para *quem* você é", sentenciou o juiz, após várias tentativas frustradas de reabilitar o réu por meios mais suaves.

A prisão na qual Downey passou 113 dias, até ser libertado no último 1º de abril, não lembra em nada a amena cadeia municipal de La Verne, onde Christian Slater cumpriu pena por 59 dias, na mesma época. Inicialmente instalado em uma área coletiva, convivendo com 6 mil prisioneiros – um quarto deles condenados por homicídio –, Downey logo se envolveu em um incidente amedrontador: em 13 de fevereiro, ele dormia em seu beliche quando foi cercado por três colegas de xadrez, que puxaram uma briga.

Um deles desferiu um soco, cortando profundamente o rosto do ator. Quando o médico do presídio se preparava para dar os primeiros pontos, o advogado do paciente chegou correndo, a tempo de conseguir uma licença para enviá-lo a um cirurgião plástico – sua aparência, justificou, é uma parte crucial de seu ganha-pão.

Depois do episódio, o prisioneiro de número 5478610 foi retirado da área coletiva e abrigado em uma solitária, não por punição, mas para defendê-lo da animosidade que naturalmente se forma contra um astro de cinema em um ambiente desses. Downey enfrentava o toque de despertar às cinco da manhã, vivia cercado de ratos, tinha direito a apenas dois banhos de chuveiro por semana e podia fazer exercícios somente três horas a cada sete dias; sua cela de 2m75 por 3m50 tinha um colchão, um vaso sanitário sem assento e uma porta de aço com uma janela de 15 por 15 centímetros – nada, portanto, que possa ser qualificado como sintoma de tratamento diferenciado. Pelo contrário.

Ainda assim, a presença do ator na cadeia foi motivo de muita controvérsia: em quatro ocasiões, ele recebeu licença judicial para se ausentar durante algumas horas – uma delas para a visita ao cirurgião, e as outras três para finalizar trabalhos em andamento. O xerife Sherman Block tanto protestou que conseguiu um adiamento na libertação do preso: em vez de sair no dia 29 de março, como previsto, Downey foi libertado em um sugestivo 1º de abril.

Triste é analisar como e por que Downey virou protagonista de sua própria versão de *O Expresso da Meia-Noite*. Filho de Robert Downey, um cineasta udigrudi, Jr. se lembra que, em sua casa, usar drogas para fins "recreativos" era algo tão casual quanto "beber vinho branco para acompanhar o peru do Dia de Ação de Graças". Desde que começou, Downey não parou mais.

Mas sua tumultuada vida pessoal só virou manchete de jornal mesmo em 23 de junho de 1996, quando a polícia de Malibu o deteve por excesso de velocidade – coincidentemente, na mes- →

DE HOLLYWOOD PARA O INFERNO

Durante uma briga, Christian Slater bateu na namorada, mordeu um homem e tentou roubar a arma de um policial. Passou 59 dias preso, lavando carros e banheiros

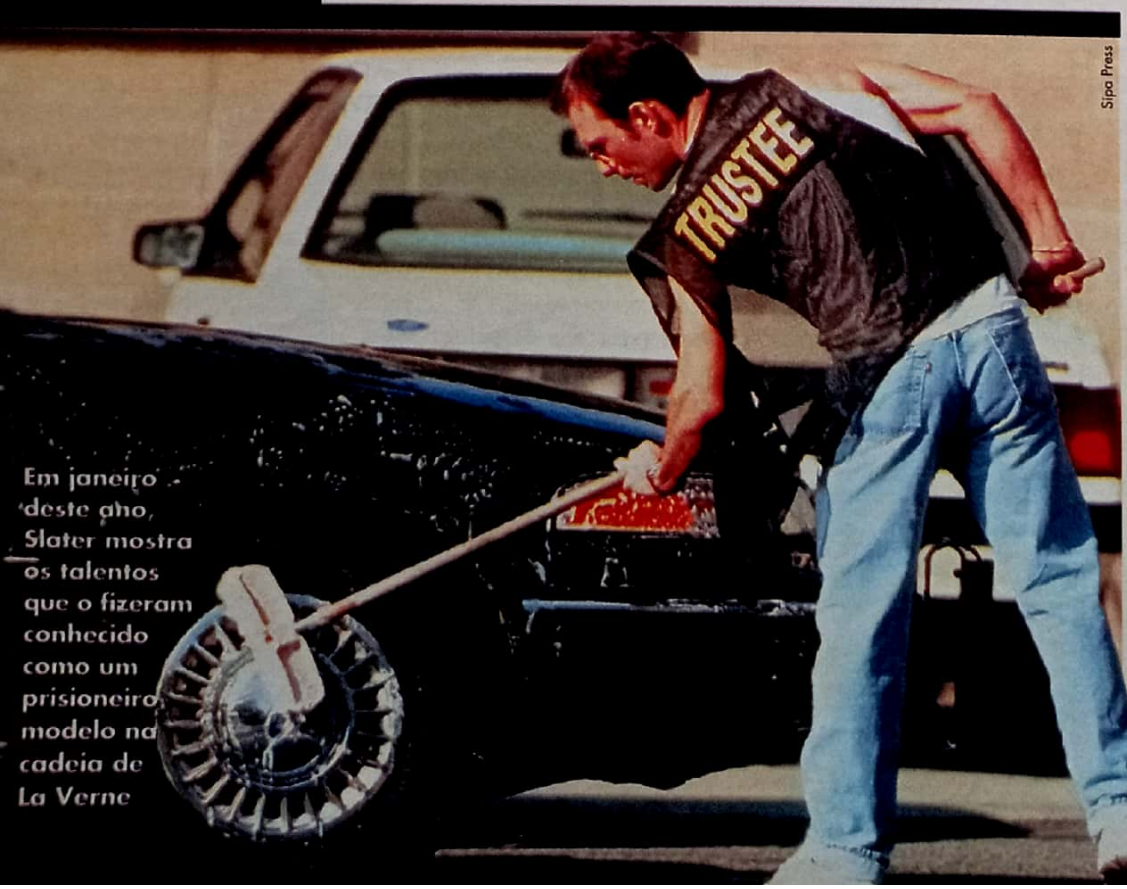
ma rota seguida por Charlie Sheen em sua fuga do hospital, em maio passado. Uma inspeção do veículo revelou que o ator carregava heroína, crack e uma pistola Magnum .357 descarregada. Levado à delegacia, Downey pagou fiança de 10 mil dólares e prometeu tomar jeito – para, menos de um mês depois, ser encontrado desacordado na casa de um vizinho, que provavelmente confudira com a sua própria. Obrigado pelo juiz a se internar em uma clínica para viciados, ele disse aos guardas que não teria dificuldade em escapar. De fato, no dia seguinte pulou a janela e pegou carona até a casa de amigos, onde foi recapturado quatro horas mais tarde.

Aí a coisa começou a pegar: já meio cansado das recaídas do ator, o juiz o mandou por seis meses para uma clínica vigiada; na audiência seguinte, em 6 de novembro, sua pena foi acrescida de mais três meses na clínica, três anos de liberdade condicional e testes periódicos para detectar a presença de drogas no organismo. Dez dias mais tarde, dando mostras de que sua intenção era das melhores, o juiz Mira libertou Downey temporariamente para gravar uma aparição no programa *Saturday Night Live*, acreditando que o trabalho poderia ser benefícial à auto-estima do ator. Estava certo, mas não totalmente: alguns meses mais tarde, Downey começou a fugir dos testes antidoping, até que seu agente de condicional denunciou à corte que ele retomara os velhos hábitos. Foi nesse momento que Mira deixou de ter dó e, sem mais entretantos, condenou o réu a uma temporada de seis meses atrás das grades.

Ao contrário do que aconteceu com a carreira de Charlie Sheen, porém, a de Robert Downey Jr. se encontra em uma de suas melhores fases. Além de sua participação em *U.S. Marshals*, ele poderá ser visto em breve no Brasil em *The Gingerbread Man*, de Robert Altman, no qual tem uma interpretação extraordinária como um detetive bebum e mulherengo. Já voltou às telas americanas também com *Two Girls and a Guy*, no papel de um sujeito que se compromete com duas mulheres ao mesmo tempo; e está escalado para *Blue Vision*, em que fará um psicopata que persegue Annette Bening, e para a comédia independente *Friends and Lovers*.

Embora a maioria desses projetos tenha sido rodada ou concluída durante a maré negra que varreu sua vida, nenhum dos diretores com os quais trabalhou tem queixas a registrar. "Ele talvez seja o melhor ator americano que conheço, e farei de tudo para que esteja no meu próximo filme", declarou Robert Altman. "Ele tem um apetite insaciável por dinheiro, fama e grandes desempenhos; paradoxalmente, não sabe como atingir suas metas de forma construtiva", opina o amigo de longa data James Toback, que escreveu *Two Girls and a Guy* especialmente para Downey, depois de vê-lo algemado na TV.

Toback não está sozinho: Tim Robbins, Oliver Stone, Barry Levinson e Dustin Hoffman estão entre os grandes nomes que têm manifestado interesse em incluí-lo em seus planos, conforme apurou a revista *Time*. Quem sabe então Downey, hoje com 33 anos, ainda tenha a chance de seguir o conselho de seu amigo Sean Penn e escolher a melhor das duas definições que o acompanham – a de ator talentoso ou a de viciado em drogas.



Em janeiro deste ano, Slater mostra os talentos que o fizeram conhecido como um prisioneiro modelo na cadeia de La Verne

"– Não sou uma vítima; odeio vítimas."
Christian Slater, 1998

No dia 8 de dezembro passado, Robert Downey Jr. foi condenado a passar seis meses na Prisão Central do

Condado de Los Angeles; no dia seguinte, era a vez de Christian Slater ouvir sua sentença: noventa dias atrás das grades na cadeia municipal de La Verne, seguidos de um período idêntico em uma clínica de reabilitação.

Comparada à de seu colega, a sorte de Slater foi sopa no mel. Em La Verne não há criminosos barra-pesada e calejados como os que povoavam a prisão de Downey, e os internos têm direito a usar computadores laptop e fornos de microondas em suas celas. Explica-se a diferença: embora seu crime não tenha sido menor que o de Downey, Slater amansou bem mais rápido.

Em 11 de agosto de 1997, a polícia de Los Angeles recebeu um chamado de emergência vindo do condomínio L'Elysee. Chegando lá, encontrou Slater fora de controle: totalmente bêbado, o ator teria dado um soco na cara de sua namorada, a editora de moda Michelle Jonas, de 28 anos. Um morador do local, Jacques Petersen, tomou as dores da moça – e levou uma mordida na barriga. Na confusão que se seguiu à chegada da lei, Slater teria atacado um funcionário do prédio, tentando ainda roubar a arma de um policial, que lhe aplicou uma "gravata" até que ele perdesse os sentidos.

Ao se recobrar, o ator admitiu estar havia vários dias cheirando cocaína e bebendo sem parar. Posto em liberdade até o julgamento – mediante fiança de 50 mil dólares –, Slater agiu rápido para desfazer os efeitos do vexame: internou-se imediatamente em uma clínica e tratou de colaborar ao máximo com os procedimentos judiciais que se seguiram. Depois de lavar muitos carros e limpar uns tantos banheiros em La Verne, foi libertado em 14 de março último, tendo cumprido apenas 59 dias de sua pena, graças ao bom comportamento.

Para sua sorte, também, Slater não foi julgado por Lawrence Mira, que certamente teria analisado com muita atenção a ficha pregressa do ator. Em 1989, ele passou dez dias na prisão depois de ter enfiado seu carro em um poste e chutado a cabeça do policial que acorreu ao local do acidente; em 1994, curtiu uma noite no xadrez ao ser pego com uma arma – descarregada – no aeroporto de Nova York; e desde que estreou no cinema sua fama é a de um sujeito que adora andar sobre o fio da navalha, o que já lhe valeu inúmeras comparações com Jack Nicholson.

Filmes como o recente *Tempestade*, em que contracena com Morgan Freeman, comprovam que Slater, de 28 anos, fica muito a dever a Jack no quesito talento. Mas ao menos em uma coisa ele está à frente de seus companheiros de desventuras. Depois de repetir mil vezes na imprensa frases como "cometi um erro e quero assumir a responsabilidade por ele", não deu mais nem um pretexto sequer para que os tablóides se deliciassem com sua pessoa. Pelo menos até o fechamento desta edição. ■

CANNE'S
VÍDEO

A SUA REVENDA DE FITAS NOVAS E USADAS

• Todos os lançamentos
• Preços sem concorrência no pagamento à vista ou facilitado
• Novas promoções
• Venha aproveitar!

CONFIRA!

• Monte sua locadora conosco e ganhe expositores, estojos, brindes e transporte gratuito
• Garantia e qualidade

Não compre sem antes nos consultar

SOLICITE NOSSO CATÁLOGO E MALA DIRETA

Fone: (011) 290-2788
Fone-fax: (011) 959-3319

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 – Salas 21/22
CEP 02030-100 – Santana – SP – Metrô Carandirú
Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 16:00 horas

PATY'S
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS

NA PATY'S, VOCÊ ENCONTRA TUDO PARA MONTAR OU AMPLIAR SUA LOCADORA

AQUI VOCÊ GANHA BRINDES ESPECIAIS

• ESTOJOS • ACESSÓRIOS • PORTA POSTERS
• REBOBINADOR • EXPOSITORES • MATERIAL PROMOCIONAL

MONTANDO SUA LOCADORA, O FRETE É POR NOSSO CONTA PARA TODO O BRASIL.

TRABALHAMOS COM TODOS OS LANÇAMENTOS E CATÁLAGOS COM PAGAMENTO E PREÇO ESPECIAIS.

O NOSSO MAIOR OBJETIVO É ATENDELO-LO EM 1º LUGAR.

Rua Dr. Zuquim, 70 - Santana - São Paulo - SP - CEP 02035-020
Disk Vendas: (011) 298-1899
Telefax: (011) 298-1822

Oscar

A mais importante festa do showbiz entra no século 21 atravessando o tapete vermelho do novíssimo Premiere Theatre, uma sede própria (e muito hollywoodiana) que faz parte de um ambicioso projeto de reurbanização do Hollywood Boulevard

Luzes e cenários exuberantes: os arquitetos revelam como será a cerimônia do Oscar no luxuoso Premiere Theatre

Por *José Emílio Rondeau* e *Christian Petermann*

de casa nova

Há anos a cerimônia do Oscar vem acontecendo em casa alheia, vagando sem rumo entre o Dorothy Chandler Pavilion – cujo espaço físico é charmoso, mas ficou pequeno demais para o tamanho do evento – e o Shrine Auditorium – que é maior, mas padece de uma terrível falta de glamour. A partir do sugestivo ano de 2001, porém, a festa terá seu próprio lar: o Premiere Theatre, um complexo que inclui estúdios de filmagem e lojas especializadas em cinema, além de um hotel de luxo da rede Mondrian, boates e restaurantes. Ele está sendo erguido no coração de Hollywood, bem na confluência da Highland Avenue com o Hollywood Boulevard, quase ao lado do Chinese Theatre, à frente do qual fica a famosa Calçada da Fama. Parece até uma volta às raízes: a primeira entrega do Oscar ocupou um salão do Roosevelt Hotel, que fica praticamente do outro lado da rua.

A futura sede do Oscar faz parte de um esforço coordenado de recuperação do Hollywood Boulevard, hoje tomado por junkies, prostitutas e até mesmo por templos da cientologia e da Igreja Universal do Reino de Deus (em versão hispânica). O projeto de reurbanização, intitulado Hollywood & Highland e orçado em 350 milhões de dólares, está sendo desenvolvido por David Malmuth, um dos vice-presidentes da empreiteira TrizecHahn, responsável pela edificação dos novos prédios. Malmuth também foi um agente decisivo no recente renascimento da Times Square, em Nova York, que passou de um mocó barra-pesada a um indispensável ponto turístico da megalópole.

A reurbanização do Hollywood Boulevard prevê também a reforma do histórico e belíssimo cinema El Capitán, de propriedade dos estúdios Disney, que, além de exibir filmes, abrigará shows musicais ao vivo. Completando a "recauchutagem", o Egyptian Theatre, fechado há anos e seriamente danificado durante o grande terremoto de 1994, reabrirá todo reformado ainda este ano. Um marco na história de Hollywood – foi lá que se inventou a *première* de gala, em 1922 –, o Egyptian sediará a American Cinematheque, onde serão exibidos filmes de arte, independentes e estrangeiros.

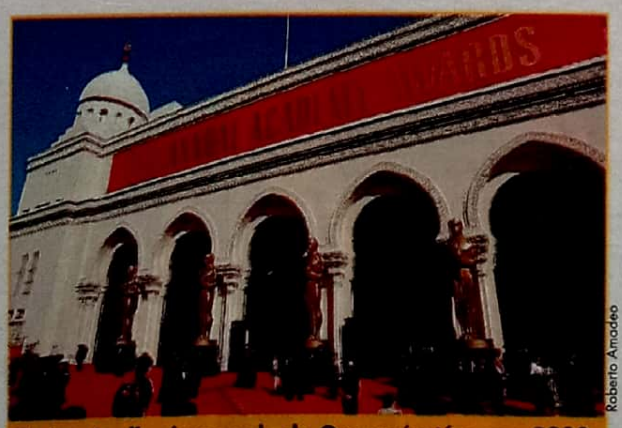
O Premiere Theatre, com um auditório de 3.300 lugares, foi concebido pelo renomado arquiteto David Rockwell, que seguiu as orientações da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, levando em conta as características da cerimônia – um programa de televisão que, exibido ao vivo para cerca de um bilhão de espectadores no mundo todo, emprega dezenas de câmeras e requer a circulação de milhares de convidados, técnicos e jornalistas. O projeto, portanto, prevê um espaço totalmente flexível, que é capaz até de acomodar musicais da Broadway e eventos de grande porte. Segundo Rockwell, desenhar esse complexo assemelha-se a criar um relógio suíço, ou seja, "alcançar um delicado equilíbrio entre design, tecnologia e entretenimento".

Alguns detalhes assumidamente hollywoodianos estão sendo observados no planejamento do Premiere Theatre: a ante-sala do teatro, por assim dizer, é um pátio amplo, descoberto, com sacadas circundantes. E a inspiração para esse conjunto foi o cenário babilônico, com direito inclusive a elefantes, do clássico *Intolerância*, dirigido por D.W. Griffith em 1916. Já a escadaria que dá acesso ao pátio desemboca em um arco que emoldura o famoso e gigantesco letreiro que enfeita as colinas de Hollywood. Durante a entrega do Oscar, o letreiro ficará iluminado, conferindo uma magia toda especial a esta que é uma das mais aguardadas noites do showbiz.

Além disso, os fãs poderão participar ainda mais da cerimônia – pelo menos na teoria. A entrada que leva à escadaria foi planejada de forma que o público, acomodado em fileiras de arquibancadas, possa ver seus ídolos por meio de telões, do momento em que saem da limusine até sumirem em meio ao burburinho das celebridades.

Esse ambicioso projeto cultural recebe o apoio direto da Agência de Desenvolvimento Comunitário da Cidade de Los Angeles, que, este ano, completa cinco décadas na ativa. Com o Premiere Theatre, a agência pretende atrair ainda mais curiosos e superar a marca de 9,5 milhões de turistas ao ano – um número impressionante, considerando-se que a população de Los Angeles é de 14 milhões. Para tanto, o local contará com um estacionamento subterrâneo com capacidade para 3 mil carros e terá linhas de ônibus para visitação pública. Além disso, a atração ficará próxima de uma estação da Metrorail Red Line, que a ligará ao centro da cidade e aos estúdios da Universal. Resta saber, porém, quem é o corajoso que vai se aventurar a andar de metrô em uma região constantemente sacudida por terremotos.

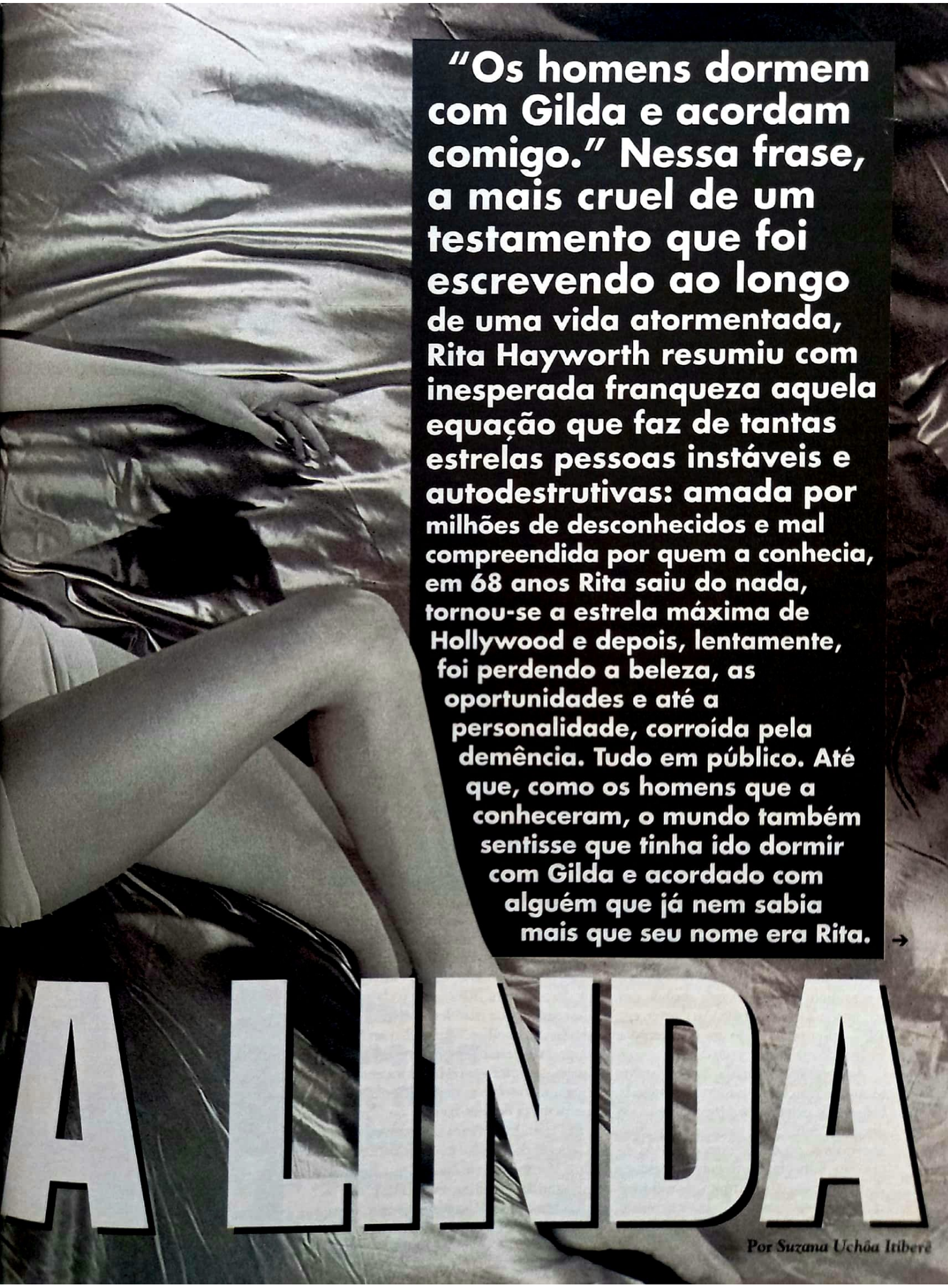
Um dos maiores entusiastas da novidade é, sem dúvida, o prefeito Richard Riordan, que não se cansa de ressaltar que "é impossível calcular a importância da Academia de Hollywood para a cidade de Los Angeles e para sua imagem em nível mundial". Feliz mesmo, porém, está o próprio Oscar, que finalmente terá um espaço que ele poderá chamar de seu.



Roberto Amadeo

Shrine Auditorium: sede do Oscar só até o ano 2000

Rita Hayworth
ELA ER



"Os homens dormem com Gilda e acordam comigo." Nessa frase, a mais cruel de um testamento que foi escrevendo ao longo de uma vida atormentada, Rita Hayworth resumiu com inesperada franqueza aquela equação que faz de tantas estrelas pessoas instáveis e autodestrutivas: amada por milhões de desconhecidos e mal compreendida por quem a conhecia, em 68 anos Rita saiu do nada, tornou-se a estrela máxima de Hollywood e depois, lentamente, foi perdendo a beleza, as oportunidades e até a personalidade, corroída pela demência. Tudo em público. Até que, como os homens que a conheceram, o mundo também sentisse que tinha ido dormir com Gilda e acordado com alguém que já nem sabia mais que seu nome era Rita. →

A LINDA

Por Suzana Uchôa Itiberê

Em 1976, Rita Hayworth esteve no Brasil para visitar seu amigo Jorge Guinle. Hospedada no Copacabana Palace, a estrela, então com 58 anos, passeou de mãos dadas com o anfitrião pela pérgola do hotel e deu entrevistas. Quase sem maquiagem, o cabelo solto, ela ainda irradiava glamour, embora o envelhecimento precoce fosse visível. Mais do que a beleza serena, porém, o que impressionou os jornalistas foi a falta de memória. Rita não se lembrava de seu último filme. "Quantos casamentos?", perguntaram. A memória falhou novamente. Não se perturbou e pediu ajuda à secretária, Judy. "Cinco, mas haverá sempre um homem em minha vida." Pouco antes, a atriz dera vexame em um vôo na Inglaterra. Parecendo embriagada, insultara passageiros e comissários de bordo – atitude que não condizia com uma mulher que fora a síntese do glamour.

Cinco anos depois, Rita parecia definitivamente envolta em um nevoeiro que a impedia de reconhecer as pessoas mais íntimas. Não se lembrava dos filmes que fizera, da fama e da fortuna que alcançara, das duas filhas que tivera ou das paixões que despertara. Às vezes, não recordava nem o próprio nome. Nos quase quinze anos que durou esse torpor, creditaram sua decadência física e mental ao excesso de bebida. "Ela tinha explosões e ficava histérica de uma hora para outra; eu achava que era por causa do álcool", conta Yasmin, sua filha com o príncipe Ali Khan.

Quando sua doença foi diagnosticada como o incurável mal de Alzheimer, Yasmin sentiu alívio. "Pelo menos aquilo tinha um nome", explica. O Alzheimer é uma forma de demência, uma disfunção do sistema nervoso que evolui da perda de memória à incapacidade de falar ou andar, até levar ao estado vegetativo. "Era horrível", lembra a filha. "Ela parecia saber que sua mente estava sendo roubada. Dizia 'eu te conheço, eu te conheço', mas seu cérebro não lhe dava respostas." Rita viveu os últimos anos sob os cuidados de Yasmin, que assumiu a tutela da mãe quando um juiz julgou-a incapacitada. Ao morrer, em 1987, seu aspecto físico era uma paródia sinistra do que ela fora um dia.

Ao contrário de estrelas como Marilyn Monroe e Jean Harlow, mortas no auge da beleza e da fama, ou de Greta Garbo, que declarou "deixem-me sozinha" e congelou sua imagem no tempo com uma vida de clausura, Rita Hayworth jamais se escondeu. Enfrentou os infortúnios da velhice e trabalhou até a saúde não mais permitir. "Nunca fico parada. Entre um filme e outro, tenho roteiros para ler", afirmou, já no outono de sua formosura. "Não tenho queixas, a não ser que todos sempre insistiram em me ver como um símbolo sexual, quando sou uma atriz. E, como atriz, não preciso ser jovem para representar."

Para os fãs, foi doloroso vê-la partir em tal estado de senilidade. Para quem a conheceu de perto, havia o conforto de que Rita tivera uma vida das mais intensas. De todas as deusas da época de ouro de Hollywood, provavelmente nenhuma foi tão invejada. As pernas longilíneas, os vivazes olhos castanhos, os sedosos cabelos ruivos e o sorriso sedutor formavam um conjunto imbatível. "Ela tinha calor no olhar e no andar. Havia mulheres mais bonitas, mas em nenhuma tudo caía tão certinho", definiu Rouben Mamoulian, que a dirigiu em *Sangue e Areia*. Mas a inveja não vinha só da beleza fora do comum ou do êxito de seus filmes; vinha, e muito, do poder de despertar paixões. Era um tempo em que as estrelinhas sonhavam com grandes casamentos – talvez com um milionário de meia-idade, com um gênio do cinema, com um príncipe de verdade ou com um ídolo popular. Rita teve todos esses, e sem muito esforço. Para as rivais, a constante troca de homens era sintoma dos caprichos de uma mulher volúvel. Na verdade, o que Rita buscava era proteção e segurança. Uma necessidade profunda, cujas raízes vinham de um doloroso segredo.

"Quando comecei minha carreira, já era dançarina e tinha um certo talento de atriz. Mas logo fui absorvida pela engrenagem dos contratos. Fabricaram, então, uma Rita Hayworth que pouco se parecia comigo", foi como descreveu sua ascensão. Essa Rita desconhecida chamava-se Margarita Carmen Cansino. Nascera no Brooklyn, Nova York, em 17 de outubro de 1918, e era uma menina tímida ao extremo. Em suas veias corria o sangue quente do pai, Eduardo Cansino, um dançarino espanhol que fazia sucesso com o grupo The Dancing Cansinos, atuando ao lado da irmã, Elisa. A desenvoltura, Rita herdou da mãe, a descendente de irlandeses Volga, corista do Ziegfeld Follies. "Aprendi a andar e a dançar ao mesmo tempo", brincava. "Aos quatro anos, meu pai já havia me ensinado quase tudo sobre as danças ibéricas, e eu participava de seus recitais no Carnegie Hall fazendo números com castanholas." Como os dois irmãos mais novos, Eduardo Jr. e Vernon, não levavam jeito, Eduardo apostou tudo na filha. Em vez de passar os dias brincando, Rita treinava com o pai, um professor exigente e dominador.

Rita Hayworth

Rita já tinha perdido a beleza da juventude quando um repórter lhe perguntou como ela se sentia ao se ver no espelho pela manhã. "Não tenho esse problema, querido, porque nunca acordo antes do meio-dia", retrucou

A jovem Margarita, contudo, parecia-se muito pouco com a futura Rita. Tinha 1m60, cabelos negros e sobrancelhas grossas. Os braços eram roliços, e ela tinha uma forte tendência para engordar. Era, enfim, uma figura tipicamente latina. Nessa época, a família morava em Los Angeles, onde Eduardo iniciara uma prestigiada escola de dança – entre seus alunos estavam James Cagney e Jean Harlow. "Um dia, olhando Margarita, tomei um susto ao notar que ela já era uma bela e talentosa dançarina de quatorze anos", lembra o pai. "Era a parceira perfeita para um novo show."

A lei da Califórnia, porém, não permitia que menores de idade trabalhassem em clubes noturnos. Os Cansinos mudaram-se então para o México, onde Eduardo e a filha se exibiam nas boates de Água Caliente e Tijuana. Os estudos, ela teve de abandonar. "Eu sentia que o sustento da família era minha responsabilidade", dizia. Os shows terminavam à uma da madrugada, mas ela não ia para cama antes das duas. Ao meio-dia, fazia a primeira apresentação, seguida pelos ensaios das novas coreografias. Às quatro da tarde, outro show. Então descansava até as exibições seguintes, às oito e às onze e meia da noite.

Se os irmãos ou parentes viessem visitá-la, o pai permitia que saísse para brincar, nadar ou fazer compras. "Quando ela estava sozinha, meu pai a mantinha fechada no camarim", revela o irmão Vernon. Rita nunca escondeu a frustração, mas obedecia. "Se eu pudesse controlar a timidez e a insegurança, talvez não tivesse sido tão maleável", admitiu. Em público, ela nunca o chamava de pai, e não raras vezes Eduardo a apresentou como esposa. Os pretendentes, esses não podiam nem chegar perto. Na única vez que permitiu à filha sair com um paquera, Eduardo sentou-se à mesa ao lado, vigiando. O garoto desistiu – claro.

Muitos anos depois, em 1935, a colunista Louella Parsons era uma das convidadas de Winfield Sheenan, executivo da Fox, em uma noitada no Caliente Club. Entusiasmado pela sensual "chicana", Sheenan chamou Margarita à mesa após o show. "Ela era retraída e dolorosamente tímida", observou Louella. "Olhava o tempo todo para o chão e falava tão baixo que era difícil escutá-la." Apesar do encanto e da sensualidade que exibia no palco, os testes de fotografia mostraram apenas uma garota gordota, cujos cabelos nasciam quase no meio da testa. Mas os olhos de Sheenan não se enganaram: "Ela tem alguma coisa... É aquele sorriso", ponderou. Contratada pela Fox como Rita Cansino, ela voltou para Los Angeles, enquanto o pai reassumia a escola de dança. Marcando presença em filmes como O *Inferno de Dante*, *Amor de Gaúcho* e *Charlie Chan no Egito*, a novata enfrentava uma rotina extenuante, com aulas de interpretação e dicção, além de seguir uma dieta rigorosa.

"Eu ficava horas praticando na frente do espelho", lembrou. "Estavam investindo em mim, e eu pretendia devolver cada níquel na forma de trabalho." O conto de fadas durou pouco. Quando Darryl F. Zanuck substituiu Sheenan, decidiu se livrar de todos os projetos do antecessor – entre eles Rita. "Chorei feito louca e decidi provar que estavam cometendo um →

erro." Cinco anos depois, ela já era a Rita Hayworth da Columbia, e Zanuck teve de pagar para que o estúdio concorrente emprestasse a atriz para *Sangue e Areia*, que a lançou no estrelato. "Não é preciso ser vingativo para sentir o sabor delicioso daquele momento", ela provocou.

Rita tinha dezenove anos e ainda era uma estrelinha da Fox quando conheceu o quarentão Edward Judson. Homem de vendas com contatos em Hollywood, ele disse que poderia transformá-la em estrela. Antes, porém, Rita precisava de um legítimo trato. Seu agente comprou-lhe um novo guarda-roupa, intensificou sua dieta e a mostrou em festas badaladas. Seu rosto sofreu a mudança mais radical. Utilizando o doloroso processo de eletrólise, em que os pêlos são destruídos por meio de uma corrente elétrica, levantaram a linha de seu cabelo, aumentando sua testa, e trocaram o tom marrom escuro pelo avermelhado. Quando Harry Cohn, o chefão da Columbia, pôs os olhos sobre a nova Rita, entendeu por que Judson acabara de propor casamento à protegida – que, para desespero dos pais, aceitou. "Que noiva poderia receber presente melhor do que sete anos de contrato?", alfinetou Cohn ao assinar a papelada. "Parece-me que o senhor acaba de adquirir refeições grátis por sete anos." Foi Judson quem sugeriu que adotassem o sobrenome de solteira de sua mãe, Haworth. "Pronuncia-se Hayworth; vamos escrevê-lo assim", determinou Cohn.

Nascia Rita Hayworth, a maior epidemia dos anos 40. A "deusa do amor", como era chamada, conquistou os fãs em filmes como *Paraíso Infernal*, *Anjos da Broadway*, *Minha Namorada Favorita* e *Modelos*. Aplicando os ensinamentos do pai, ganhou a preferência de ninguém menos que Fred Astaire, tão encantado com sua graça em *Ao Compasso do Amor* que insistiu em repetir a parceria em *Bonita como Nunca*. "Ela sabia tudo de dança e aprendia os passos num instante", elogiou Astaire. A crítica concordou e elegeu Rita melhor do que Ginger Rogers.

"Nunca houve mulher como Gilda", dizia o cartaz do filme de Charles Vidor que a transformou em símbolo sexual e eternizou sua imagem. Os homens saíram do sério com a sensual mulher de cabelos soltos, violão em punho, cantando "Amado Mio" – ou ainda recheando um vestido preto e sugerindo um strip-tease, enquanto tirava a luva negra e sussurrava maliciosamente os versos de "Put the Blame on Mame". Seu parceiro, Glenn Ford, fecha o inesquecível momento com a bofetada de um amante descontrolado. A química entre eles, aliás, funcionou muito bem dentro e fora das telas. No futuro, seriam vizinhos de casa.

Por causa de *Gilda*, Rita tornou-se a pin-up incendiária cuja imagem foi estampada na bomba atômica que os americanos testaram em 1946 no atol de Biquíni. Mais tarde, vieram outras produções que buscavam seguir a mesma fórmula, como *Os Amores de Carmem* e *Uma Viúva em Trinidad*, também com Glenn Ford. Embora nenhuma delas tenha repetido o estouro de *Gilda*, a estrela estava erguida. E, a partir de então, Rita teve de lidar com o fim da privacidade e aprender a aceitar o assédio da imprensa. A essa altura, Judson já fazia parte do passado.

Gene Kelly, seu colega no musical *Modelos*, comentou: "Ela nunca compreendeu a dimensão da própria celebridade". Tudo indica que Rita nunca planejou ser uma deusa do cinema; apenas foi satisfazendo as vontades do pai e, depois, de Judson. "Casei com Ed por amor. Mas ele casou por investimento", declarou ao fim da união de seis anos, em 1943. A coisa era um pouco mais complicada. O homem que a resgatara do pai superprotetor acabou entregando-a para outros, em troca de negócios. O milionário Howard Hughes foi um dos felizardos. Judson era autoritário e controlava o quê, como e quando ela podia falar. Quando Rita anunciou a separação, ameaçou mutilar seu rosto com ácido. Não satisfeito, iniciou um processo milionário de divórcio. Mas Rita não guardava rancor, ao menos aparentemente. "Agradeço o que fez por mim. Ed lutou muito para eu chegar onde estou."

Orson Welles filmava *It's All True* no Brasil quando decidiu que iria se casar com Rita Hayworth. Nem sequer a conhecia. O *enfant terrible* já tinha dirigido o revolucionário Ci-

"Ela dizia que era feliz comigo", contou o cineasta Orson Welles. "Mas, se aquilo era felicidade, não gosto nem de imaginar o que seria a infelicidade"

dadão Kane e era o novo gênio de Hollywood. Quando a conheceu pessoalmente, contudo, foi surpreendido pela sensação do momento. Deparou com uma figura doce, carente e inibida – e apaixonou-se de imediato. "Orsie foi meu grande amor", afirmaria Rita. O casamento, em 1943, selou a união apelidada de "the Beauty and the Brain" ("a Bela e o Cérebro"). Mas o marido nunca fez pouco de seu intelecto; sabia que Rita não tinha estudado e tratou de fornecer-lhe os livros que julgava fundamentais. Welles venerava Rita. Apostou alto e escalou-a para ser a inescrupulosa Elsa Bannister de *A Dama de Shangai*. Para desespero de Harry Cohn, mandou tosar o cabelo da esposa e tingi-lo de loiro, um processo de desglamourização visto de perto pela mídia. Desse encontro, restam momentos folclóricos. Durante uma tomada, o calor dos refletores deixou o rosto de Rita molhado, e o maquiador pediu a Welles que interrompesse a cena para que passassem uma esponja em sua testa. "Ela está suando muito, mestre." O diretor sentenciou: "Saiba, meu caro, que os cavalos suam, os seres humanos transpiram e miss Hayworth fulgura". Hoje, o filme é cultuado. Na época, só queriam saber de Gilda, e a visão daquela Rita loira foi um trauma para a platéia.

Ao lado de Welles, Rita sentia-se especial. Para ele, revelou seu maior drama, que guardara em segredo a vida toda. Desde adolescente, sofrera abusos sexuais do pai: a superproteção, a dominação e as danças sensuais que faziam no palco eram sinais sutis do que acontecia nos bastidores. "É a história mais triste que já ouvi", comentou o cineasta. A mãe sabia de tudo, mas preferiu afundar-se na bebida e fechar os olhos. Welles entendeu, então, por que ela tinha uma necessidade incontrolável de sexo, de sentir-se amada fisicamente. Rita só parecia segura de si quando estava na cama.

Durante o casamento, Welles conheceu outra faceta de Rita: o ciúme doentio e imprevisível. Não podia olhar para o lado que ela o acusava de infidelidade. "Rita era neurótica e exigia atenção 24 horas por dia", reclamou. Welles, por sua vez, também era complicado. Com a carreira em baixa depois de sua desastrosa passagem pelo Brasil, ele entrou para a política. Deixou a esposa grávida em Los Angeles e foi para Nova York participar da campanha de Roosevelt. Quando Rebecca nasceu, mostrou-se um pai relapso e ausente – e logo começaram as traições. Uma noite, ele esqueceu no carro as flores que levava para Judy Garland. Não fosse a rapidez da secretária, Rita veria um cartão endereçado à amante. "Orsie era devotado a Orsie", ela lamentou.

Rita nunca escondeu a paixão por Welles e tentou a reconciliação diversas vezes. Chegou a engravidar novamente, mas fez um aborto que acabou em infecção. Quando estava prestes a se casar com o paquistanês Ali Khan, ligou para o ex-marido e pediu sua presença urgente. No hotel, ele encontrou um jantar à luz de velas, com champanhe e Rita de lingerie. "Estou pronta. Vamos casar de novo?", convidou. Ele recuou, explicando que estava namorando a atriz italiana Lea Padovani. Rita ficou arrasada. "Ela disse que era feliz comigo", contou Welles. "Se aquilo era felicidade, não gosto nem de imaginar o que é a infelicidade."

Desprezada, a atriz embarcou em seu terceiro casamento, dessa vez com a realeza. Filho do milionário Aga Khan, o príncipe Ali Khan era um playboy bonitão. Ficou fascinado por *Gilda*. Separado da mãe de seus dois filhos, Khan pediu para uma conhecida arranjar um encontro logo que soube da presença de miss Hayworth na França, onde morava. O que não imaginava era que Rita estava lá atrás de Welles, em nova tentativa de reconciliação. De qualquer forma, ela foi apresentada a Ali em uma festa – mas recusou o assédio e voltou para casa, junto da filha Rebecca. Ali Khan foi atrás, →

hospedando-se perto da mansão da atriz. Todo dia, ela recebia dúzias de flores, além de jóias e um poodle. Quando ia visitá-la, Ali passava horas brincando com Rebecca. Rita não resistiu. Iniciou um romance polêmico com o homem que, legalmente, ainda era casado. O caso foi considerado indecente, e uma liga de senhoras incitou o boicote aos filmes da "desavergonhada". Mas bastou sair o divórcio e Aga Khan aprovar a união para ela ser oficializada.

Satisfeito com a conquista realizada, Ali logo voltou à antiga forma de mulherengo. Nem o nascimento da princesa Yasmin o acalmou. Foram dois anos de casamento, nos quais Rita ficou longe do cinema. Quando Ali propôs uma viagem à África, ela se encheu de esperança. Mas não foi bem uma lua-de-mel. Junto com o casal havia uma penca de convidados e empregados, e o marido marcara um sem-fim de compromissos. Rita fez as malas e partiu – e, com um medo irracional de que Aga Khan, ao saber do fim do casamento, raptasse a neta, voltou com as filhas para Hollywood. Ali tentou reconquistá-la, mas ela estava decidida a reassumir a carreira. Antes, exigiu do marido um fundo de 3 milhões de dólares para a educação da princesa. Começaria um longo processo de divórcio, marcado por ameaças de morte à filha (um grupo exigia sua volta para o príncipe e a criação de Yasmin como muçulmana) e pela trágica morte de Ali em um acidente de automóvel.

Enquanto Rita estava fora, Hollywood tratou de descobrir outras beldades. Nos anos 50, ela já não reinava absoluta. Filmes como *Uma Viúva em Trinidad*, *Salomé* e *A Mulher de Satã* não atraíram o público esperado. Sua carreira entrou em franca decadência, enquanto Ava Gardner, Elizabeth Taylor, Marilyn Monroe e Kim Novak despontavam. "Seja como for, é um consolo saber que foi preciso um quarteto de damas para me substituir", resignou-se.

Para piorar a situação, Rita decidiu se casar com o ator e cantor Dick Haymes, um ídolo popular em crise e à procura de autopromoção. Viveram dois anos de problemas constantes – em parte pela recusa de Haymes em lutar na Guerra da Coréia, que quase resultou em sua expulsão do país. A dedicação ao novo companheiro rendeu acusações de negligência. Rita deixou as filhas na casa de uma tal senhora Chambers enquanto ia com Haynes para Manhattan. Um fotógrafo registrou as meninas brincando sozinhas no jardim sujo e cheio de latas de lixo. As fotos causaram escândalo, e Rita quase perdeu a custódia das filhas. No futuro, Rebecca revelaria que se sentia preterida em favor de Yasmin e que Rita nunca fora uma mãe muito atenciosa. O casamento acabou mal. Durante o divórcio, Rita foi flagrada com um olho roxo. Acusou o marido de beberrão e processou-o por violência física e mental. Ele retrucou que quem bebia era ela – o que também não era falso.

O produtor James Hill foi o quinto e último marido – e por pouco tempo. Rita passou então por uma fase de afirmação como atriz. Era uma beleza em processo de fenecimento quando ressurgiu ao lado de Kim Novak e Frank Sinatra em *Meus Dois Carinhos* ou como a mãe de Claudia Cardinale em *O Mundo do Circo*, fazendo par com John Wayne. Em 1972, emitiu seu derradeiro lampejo em *A Ira Divina*.

Rita sempre fora admirada pelo profissionalismo. Decorava os textos no prazo e era prestativa. Nos últimos filmes, porém, os colegas notaram sua falta de concentração. Ninguém sabia, mas eram os primeiros sinais da doença que a consumiria. Nesse meio tempo, ainda fez aparições na TV, mas disse ter se chocado com a própria aparência. Os críticos, impiedosos, aproveitaram a má fase para rotulá-la de "grande ilusão" e acusá-la de ter sido dublada nos musicais. "Sempre quis ter aulas de canto, mas Cohn não permitia e eu o odiava por isso", justificava. "Posso ter sido uma escrava dos estúdios, mas nunca fui uma invenção de Hollywood."

Rita sempre foi uma vítima fácil da vontade alheia. Mas, se os maridos dominadores entraram e saíram de sua vida, houve um homem que a perseguiu até o fim. Harry Cohn era um ditador de ferro, e poucos se lembram dele com prazer. "Meço a qualidade de um filme pela minha bunda: se ela doer durante a projeção, ele é ruim", declarava. Cohn era obcecado por Rita e não a deixava em paz. "Ele nunca encostou um dedo em mim, mas queria fazer todo mundo crer que isso acontecia."

Cohn achava que era dono de Rita e irava-se quando ela aparecia com um novo namorado. Durante as filmagens de *Gilda*, ele grampeou os camarins de Rita e Glenn Ford para monitorar os dois. "Um dia demos a ele o que queria ouvir", ela brincou. "Era uma praga, mas sabe de uma coisa? Se um dia Cohn foi capaz de amar alguém, acho que essa pessoa fui eu." Rita nunca teve poder de escolha, e a culpa por muitos de seus filmes ruins pode e deve ser debitada na conta de Cohn.

Diziam que sua personalidade não tinha magia, que não sabia decidir por si só,

"O sr. acaba de adquirir refeições grátis por sete anos", disse o chefão da Columbia ao marido de Rita enquanto assinava a papelada do contrato da atriz

que era passiva e letárgica. Na verdade, Rita era vulnerável e sincera, uma candidata das menos preparadas para a fama e a antítese de tudo o que representava nas telas. James Cagney, seu parceiro em *Uma Loura com Açúcar*, observou: "Assim que terminava a cena, ela sentava em sua cadeira e ficava quietinha. Mas, quando os refletores a iluminavam, ela se transformava: era um brilho só". Será, então, que por meio do cinema Rita deixava vir à tona a mulher forte, poderosa e determinada que reprimia dentro de si? É provável. Ou então atuar poderia ser uma forma de viver algo diferente, mais feliz do que a realidade. Foi uma carreira farta, com sessenta filmes em que, de uma maneira ou de outra, ela foi a mulher mais desejada do mundo. "Sempre gostei de ser 'a deusa do amor'. É melhor do que muitos dos títulos que as atrizes de hoje recebem", dizia.

Um dia um repórter perguntou quantos maridos ela ainda pretendia ter, e Rita provocou: "Não sei, mas dezesseis sempre foi meu número de sorte". Casamentos foram cinco. As paixões, inúmeras. Entre elas, David Niven, Victor Mature, Glenn Ford e Kirk Douglas. Quando já era cinqüentona, outro jornalista inoportuno indagou como se sentia quando se olhava no espelho pela manhã. "Esse é um problema que não tenho, querido, porque nunca levanto antes do meio-dia", devolveu.

Rita nunca concorreu ao Oscar e nunca teve seu talento consagrado; mais do que por seus filmes, ganhou espaço pela beleza e a atribulada vida pessoal. O que ela não queria era ser esquecida – e nisso foi bem-sucedida. "Tive tudo o que uma mulher pode ter", garantiu, deixando claro que não tinha arrependimentos. "É como Mae West disse certa vez: eu não mudaria nada, apenas faria mais do que já fiz. Não posso pensar em nada melhor do que isso." Nós também não. ■

AS VÁRIAS FACES DE RITA

Há poucos filmes de Rita Hayworth disponíveis em vídeo. É o que basta, porém, para conferir o carisma transbordante dessa deusa de Hollywood

1941
Ao Compasso do Amor (*You'll Never Get Rich*)
1942
Bonita como Nunca (*You Were Never Lovelier*)
1944
Modelos (*Cover Girl*)
1946
Gilda (*idem*)
1948
A Dama de Shangai (*The Lady from Shanghai*)
Os Amores de Carmen (*The Loves of Carmen*)
1952
Uma Viúva em Trinidad (*Affair in Trinidad*)
1953
A Mulher de Satã (*Miss Sadie Thompson*)
1957
Meus Dois Carinhos (*Pal Joey*)
1964
O Mundo do Circo (*Circus World*)

UMA VISITA AO SET DE

Os americ
diretor est

UM SONHO NO CA

Fotos: Divulgação

nos Elliot Gould e Talia Shire protagonizam o trabalho do eante Lucas Amberg, e SET confere de perto o resultado

roço do Abacate

Por *Roberto Sadovski*

O amor é lindo: os jovens atores Edward Boggiss e Tais Araújo protagonizam, ao lado dos americanos Elliot Gould e Talia Shire (*no canto, à direita*), o filme de estréia do diretor Lucas Amberg (*abaixo*)

Primeiro de maio, Dia do Trabalho, *ninguém* trabalha. Ou melhor, quase ninguém. Nos corredores de um colégio da capital paulista, o movimento é intenso. Mas não de alunos atrasados para a próxima aula, e sim de técnicos com câmeras nos ombros, auxiliares carregando refletores e atores empenhados em fazer com que o filme *Um Sonho no Caroço do Abacate* se torne realidade. No comando da algazarra está o diretor Lucas Amberg, orquestrando seu primeiro longa-metragem.

O Liceu Coração de Jesus é um dos mais tradicionais colégios paulistas – tanto que fica nas imediações da Estação da Luz, no velho centro da cidade. Em pleno feriado, e com as ruas praticamente vazias, o diretor e os técnicos ocupam a calçada, rodando uma cena com os atores principais – os americanos Elliot Gould e Talia Shire e o jovem Edward Boggiss, que apesar do nome é brasileiro mesmo e há treze anos atua nos palcos cariocas, fazendo aqui sua estréia no cinema. A agitação é grande, e com motivo: a equipe está correndo contra o relógio, já que todas as cenas ambientadas no colégio têm de estar prontas em três dias. Como logo fica claro que será impossível conversar com o diretor ou com um de seus protagonistas no Liceu, as entrevistas ficam marcadas para o comecinho da tarde da segunda-feira seguinte.

O primeiro a aparecer no saguão do hotel no qual a equipe está hospedada é Elliot Gould. Veterano de alguns clássicos do cinema americano da década de 70 – como M.A.S.H., de Robert Altman –, Gould é a imagem da tranqüilidade. Ele conta que trabalhar no Brasil, em um filme de baixo orçamento, é exatamente a mesma coisa que participar de uma produção nos Estados Unidos ou na China. "Um filme é um filme em qualquer lugar", justifica. "Não importa quanto dinheiro é gasto, ou quem está no elenco." Mas, antes de começar a falar sobre *Um Sonho no Caroço do Abacate*, Elliot engata um papo zen sobre a união dos povos, as relações humanas, a natureza, o canibalístico cinema hollywoodiano – "preocupado mais com o lucro do que com a arte" –, e como ele está mais interessado em sua realização profissional do que num salário polpudo. Tudo muito lindo.

É quando chegam o diretor Lucas Amberg e o produtor americano Alan Amiel. Visivelmente entusiasmado com os rumos que seu primeiro filme está tomando, Amberg discorre sobre a gestação de *Um Sonho no Caroço do Abacate* – uma adaptação da obra homônima do escritor Moacyr Scliar. Tanto o livro quanto o filme mostram a chegada do casal Samuel e Ida Stern (Elliot e Talia) ao Brasil, em fuga da Europa durante a Segunda Guerra Mundial por causa de sua origem judia. Eles se estabelecem em São Paulo e, quase duas décadas depois, enfrentam outro tipo de crise: a da adolescência. Seu filho Mardoqueu (Edward Boggiss), rebelde e indisciplinado, é obrigado a estudar num colégio católico depois de ser expulso de uma escola judia. Para desespero de sua mãe, ele se apaixona por uma garota negra e muito politizada – interpretada por Taís Araújo, que estreou na televisão ano passado como a protagonista da novela *Xica da Silva*. Tudo isso em 1963, com o Brasil prestes a sofrer o golpe militar que mergulhou o país na ditadura.

Apesar da dificuldade que os cineastas brasileiros costumeiramente enfrentam para trabalhar, Amberg conseguiu finalizar *Um Sonho no Caroço do Abacate* em tempo recorde: foram trinta dias de filmagem, com um orçamento de pouco mais de 1 milhão de dólares. E mais: falado em dois idiomas – português e inglês –, para que *Abacate* seja lançado tanto no Brasil quanto no mercado internacional. De olho na repercussão que isso pode trazer, os produtores querem o filme pronto em agosto, para exibi-lo →

UMA VISITA AO SET DE Um Sonho no Caroço do Abacate

durante o Festival de Gramado.

Trabalhar com prazo apertado, entretanto, não é nenhum problema para o produtor Alan Amiel – em 1987, ele rodou o terror *Moon in Scorpio* em seis dias, ao custo de 112 mil dólares. Amiel construiu sua carreira produzindo uma dezena de filmes de artes marciais na década passada, como *Ninja, a Máquina Assassina*, protagonizado por Franco Nero. Com *Um Sonho no Caroço do Abacate*, o produtor se volta para filmes mais intimistas, "que falam ao coração", como descreve. "Acredito que *Abacate* tem grandes chances de sucesso no mercado internacional, em especial junto ao público jovem", comenta. "São temas universais, como família e rejeição, além da história de amor que conduz a trama."

A atriz Talia Shire surge logo depois, recuperando-se de uma gripe repentina e com um prato de frutas tropicais nas mãos. Ela parece pouco preocupada em conversar sobre o filme e muito mais interessada em descobrir quais os mecanismos que movem o cinema nacional. Explica-se: além de atriz, Talia é produtora e diretora de filmes independentes nos Estados Unidos e ficou fascinada com a habilidade e o talento dos profissionais que fazem cinema no Brasil. "Meu irmão esteve aqui há alguns meses e me disse que os técnicos brasileiros são muito competentes", comenta. O "meu irmão" a que ela se refere não é nenhum mané, e sim o diretor e produtor Francis Ford Coppola, um dos mais influentes cineastas em atividade nos Estados Unidos, que visitou o Brasil no final do ano passado na qualidade de provável produtor da adaptação para a tela grande do romance *Chatô*. Ele também dirigiu sua irmã na trilogia *O Poderoso Chefão*, que garantiu a Talia uma indicação ao Oscar. "Tenho alguns roteiros que poderiam facilmente ser adaptados para a realidade brasileira", ressalta a atriz, interessada de verdade em fazer cinema no Brasil. "O que preciso é saber onde encontrar os profissionais para começar a trabalhar." O cinema brasileiro agradece.

Dois dias depois das entrevistas, é hora de arregaçar as mangas e voltar a trabalhar. Toda a equipe de *Um Sonho no Caroço do Abacate* está reunida em uma casa numa rua tranqüila do Alto da Lapa, um arborizado bairro residencial de São Paulo. As filmagens serão concluídas em apenas quatro dias, e somente os atores Elliot Gould, Talia Shire e Edward Boggiss – além da também estreante Mariana Ximenes, que interpreta a outra filha do casal – participam das próximas cenas. Boggiss recebe a equipe de SET e, sempre bem-humorado, mostra como uma casa térrea ganhou um andar a mais com a cenografia. "Essa escada não leva a lugar algum", conta, apontando para uma peça acrescentada pela produção à residência emprestada para as filmagens. "Isso é demais! Acho que agora me apaixonei de vez pelo cinema."

O diretor Lucas Amberg chega ao set descansado, mas consciente de que ainda tem muito trabalho pela frente. Ele posiciona seu elenco numa mesa de jantar, ensaia a cena algumas vezes e começa a rodar. Uma tomada, duas, três. Satisfeito com as imagens, é hora de fazer tudo de novo, dessa vez em inglês – curiosamente, os atores brasileiros terão suas vozes dubladas para o lançamento internacional, o mesmo acontecendo com Elliot Gould e Talia Shire na versão brazuca. A noite cai, e *Um Sonho no Caroço do Abacate* vai tomando forma. Elliot continua a demonstrar sua calma habitual, sempre brincando com os técnicos a seu redor. Talia, cada vez mais determinada em trabalhar no Brasil como produtora, volta a conversar com o repórter sobre a renascida indústria cinematográfica brazuca – isso ainda vai dar samba. E o diretor vai se animando com o resultado de seu trabalho. "Está ficando bom?", pergunta. Jóia, Lucas.

É quando, antes de começar a rodar a última seqüência do dia, Lucas Amberg desaparece. Os técnicos estão em posição, os atores se encontram em suas marcações, e o elemento mais importante de um filme – o diretor, é claro – não está à vista. É quando um técnico escuta um som abafado, vindo do banheiro. É o próprio Amberg, preso no toalete, com a porta emperrada. Ele passa a chave por debaixo da porta e, depois de algum esforço, está livre, com um sorriso de orelha a orelha. "Você não vai colocar isso na matéria, não é?", pergunta ao repórter de SET. Bom, Lucas, sabe como é... ■

Prontos para a ação: Edward Boggiss e Mariana Ximenes no set de filmagem

O filme foi realizado em tempo recorde: trinta dias, com um apertado orçamento de 1 milhão de dólares

Tudo o que você quer saber sobre saúde mas não sabia onde encontrar.

O que diminui o stress? Qual o alívio para as cólicas? Aqui você tem 500 respostas para as principais dúvidas sobre saúde. Um guia elaborado por especialistas. Simples e objetivo. Para consultas sem hora marcada. Bem estar de A a Z.

Nas bancas

edição especial
Saúde!
É VITAL

Editora Abril

Dulce Damasceno de Brito

COMO VENCER EM Hollywood

Qual o segredo para entrar pela porta da frente de Hollywood? A história confirma que muitas vezes é preciso passar pelo clássico teste do sofá

Carmen Miranda sorri satisfeita: "Nunca fiz o teste do sofá!"

A nossa Carmen Miranda afirmava com orgulho: "Nunca precisei ir para a cama com Darryl Zanuck para conseguir meu contrato de sete anos com a Fox". Enquanto *starlets* disputavam uma chance submetendo-se ao chamado "teste do sofá" com os chefões dos estúdios, o estúdio foi até Carmen – que brilhava na Broadway com o musical *Streets of Paris* e não tinha tempo para ir a Hollywood fazer um teste. Zanuck, então, mandou uma equipe a Nova York filmar quatro números especiais para o filme *Serenata Tropical*, ao mesmo tempo que oferecia a Carmen um contrato de exclusividade. Ela só conheceu Zanuck quando foi a Los Angeles estrelar seu segundo filme americano, *Uma Noite no Rio*.

Casos como esse eram raros. As aspirantes a atriz precisavam mostrar muito talento antes mesmo de fazer os testes, que custavam milhares de dólares, já que analisavam fotogenia, postura, dicção e personalidade. Um bom exemplo é Audrey Hepburn. Mesmo consagrada na Broadway com a peça *Gigi*, ela precisou fazer um teste na Paramount para protagonizar *A Princesa e o Plebeu*, pelo qual levou o Oscar de atriz em 1954.

Outros talentos, como Anne Bancroft, penaram muito antes de atingir o estrelato. Contratada pela Fox nos anos 50, Anne estreou ao lado de Richard Widmark e Marilyn Monroe em *Almas Desesperadas*, mas ficou mofando no estúdio por se recusar a paparicar os diretores de elenco. Decepcionada com o cinema, foi tentar a sorte no teatro. Só depois de vencer na Broadway ela voltou a Hollywood e recebeu seu merecido Oscar por *O Milagre de Anne Sullivan*, em 1963. Caso insólito, porém, foi o de Jean Harlow e Jane Russell, que, em diferentes épocas, fizeram o teste do sofá com o mesmo produtor – Howard Hughes – e depois se tornaram popularíssimas estrelas independentes.

Nos tempos áureos, os contratos das atrizes exigiam exclusividade com os grandes estúdios. Agora, a cliente é encaminhada aos *casting offices* de determinadas produções. Os diretores de elenco (*casting directors*) não podem contratar a candidata, mas é sua avaliação que prevalece na escolha final. Nesse processo, a aspirante pode enfrentar vários tipos de cantada. Um detalhe curioso é o fato de a maioria dos *casting offices* ser, atualmente, dirigida por mulheres, muitas delas lésbicas.

Como se vê, passam-se os anos, mas alguns costumes permanecem. Goldie Hawn e Kim Basinger, por exemplo, poderiam não ter tido a chance de provar que são talentosas caso não tivessem sido "acessíveis" – e não teriam recebido, por tabela, o Oscar de coadjuvante (Goldie por *Flor de Cacto*, em 1970, e Kim por *Los Angeles – Cidade Proibida*, em 1997). Goldie foi inteligente porque, reparando na competição dentro dos estúdios, decidiu abrir caminho na televisão. É notório que seu, digamos, mentor foi o comediante Chevy Chase, que a colocou em destaque nos programas *Laugh In* e *Saturday Night Live*. Mais tarde, já vitoriosa no cinema, foi a atriz quem insistiu em ter Chase como o galã de *Golpe Sujo* e *Parece que Foi Ontem*. Goldie dirige, atualmente, sua própria produtora, onde esse tipo de teste certamente não é praticado.

Já Kim Basinger começou a carreira como garota-propaganda de algumas marcas de xampu, passando depois a ser modelo da famosa agência Ford. Seu currículo não teria se ampliado tanto caso não freqüentasse as comentadas festas do milionário jornalista Hugh Hefner, "pai" da *Playboy*, revista para a qual Kim fez um ensaio de oito páginas em 1983 – uma experiência que deve ter sido de grande valia na hora de enfrentar *9 1/2 Semanas de Amor*.

Jane Russell e Jean Harlow: rivais no sofá de Howard Hughes

Warner

Al Pacino seduz o espectador e esbanja charme no melhor lançamento do mês

ADVOGADO DO DIABO

Nas ruas de Nova York, o demoníaco Al Pacino revela os segredos do poder ao pupilo Keanu Reeves

Não é preciso ser um gênio para perceber que um filme que traz Keanu Reeves no papel de um jovem, agressivo e ambicioso advogado não vai fazer fama pela seriedade – principalmente se quem está atrás da câmera é Taylor Hackford, cujo título mais famoso até hoje é o melô *A Força do Destino*, febre romântica em 1982. É verdade que a presença de Al Pacino no elenco pode criar uma certa confusão, mas por pouco tempo: depois de cinco minutos em cena, o grande ator americano deixa claro que está nessa parada para se divertir, e não para dissecar as implicações filosóficas da luta do bem contra o mal. O espectador esperto, então, deve pegar a dica de Pacino: *Advogado do Diabo* em alguns momentos é absurdo, em outros é assustador e nunca é sério – mas é, com freqüência, escandalosamente divertido.

A história é uma velha conhecida do público. Keanu é Kevin Lomax, uma estrela em ascensão na advocacia. Pena que sua fama esteja restrita aos limites da provinciana cidade de Gainsville, na Flórida – algo que definitivamente não combina com sua ambição e a de sua jovem e deliciosamente linda mulher, Mary Ann (a ótima novata Charlize Theron). Por isso Kevin não pensa duas vezes ao receber uma proposta de um influente escritório de advocacia de Nova York: contra todas as expectativas, ele acabou de libertar um repugnante acusado de abuso sexual e está pronto para vôos mais altos.

E eles chegam rápido. Seu patrão e benfeitor, John Milton (Al Pacino), instala o casal em um espetacular apartamento de frente para o Central Park, abre a carteira com generosidade inaudita e entrega ao protegido todos os casos mais vistosos. Mas, quando a esmola é demais, o santo desconfia – ou deveria desconfiar. O roteirista, o diretor, a platéia e os outros personagens sabem que Milton é, na verdade, o diabo encarnado; o que ele quer de Kevin não é uma vitória no tribunal, e sim sua alma. Até Mary Ann, deprimida com seu novo posto de peça decorativa do luxuoso apartamento, sente que seu marido está correndo perigo, mas suas súplicas caem no vazio: Kevin está mais do que disposto a usar a corda que Milton vem lhe dando para se enforcar.

O resultado dessa intriga é um cruzamento de *Wall Street* e *O Bebê de Rosemary*, mas sem o moralismo-denúncia de Oliver Stone ou a sinistra angústia de Roman Polanski. Apoiado na belíssima fotografia de Andrzej Bartkowiak e na intrigante cenografia de Bruno Rubeo, o diretor Taylor Hackford revela aqui um senso de humor que ninguém familiarizado com seu trabalho suspeitava existir, recorrendo sem vergonha ao exagero, às reviravoltas dramáticas e ao *camp* para passar por cima das eventuais falhas do roteiro. Mas o show é mesmo de Al Pacino: livre para utilizar todo aquele seu arsenal de canastrices que cairiam mal em outro tipo de história, ele conquista suas vítimas cantando Frank Sinatra, contando piadas, esbanjando charme e exibindo uma sensualidade estridente, mas nem por isso menos sedutora. "Eu sou o dono do século 20!", regozija-se Milton. Do filme, pelo menos, ele é.

Isabela Boscov

★★★

(The Devil's Advocate, EUA, 1997) Direção: Taylor Hackford. Com Al Pacino, Keanu Reeves, Charlize Theron, Jeffrey Jones, Judith Ivey, Craig T. Nelson, Heather Matarazzo, Delroy Lindo. 144 min. Warner.

Abril

George dialoga com seu "professor"

GEORGE, O REI DA FLORESTA

infantil ★★★

Esta adaptação para a tela grande do desenho animado *George of the Jungle* não foi feita para os fãs saudosistas da série; na verdade, *George, o Rei da Floresta* é uma aventura exclusivamente infantil, que deixa a molecada com os olhos grudados na telinha por uma hora e meia. George é o único sobrevivente de um acidente aéreo e, perdido na selva, é criado por um macaco falante e intelectualizado. Já adulto, esse Tarzan bobão se apaixona por uma expedicionária, desperta a fúria do noivo da jovem e é levado para a cidade grande. O filme dá direito a piadinhas infames e violência de mentirinha, bem ao gosto infantil. Depois do sucesso alcançado nos Estados Unidos – mais de 100 milhões de dólares –, é só sentar e esperar pela inevitável continuação.

Roberto Sadovski

(George of the Jungle, EUA, 1997) **Direção**: *Sam Weisman.* **Com** *Brendan Fraser, Leslie Mann, Thomas Haden Church, Richard Roundtree, Greg Cruttwell, Abraham Benrubi e a voz de John Cleese. Legendado ou dublado. 92 min. Abril.*

O NOVIÇO REBELDE

infantil ★★

O reconhecimento de Renato Aragão junto ao público infantil continua em alta, mesmo depois de trinta anos de exposição na TV e no cinema. O sucesso de bilheteria de *O Noviço Rebelde* é a prova mais recente. O comediante, porém, é prejudicado por um roteiro mal estruturado, que gasta boa parte do tempo mostrando as inquietações de Márcia e Júnior, interpretados pela dupla de cantores Sandy & Júnior. Eles são filhos de um rico viúvo carioca (Tony Ramos). O famoso personagem Didi (Aragão) chega do Ceará, de onde fugiu ao ser ameaçado por um típico coronel rural (Roberto Guilherme), e passa a cuidar dos filhos do viúvo. Há bons achados no humor visual e pastelão praticado pelo ator e na delicadeza natural de Patrícia Pillar, no papel de Maria. No geral, porém, a montagem fragmentada enfraquece as piadas.

Alfredo Sternheim

(Brasil, 1997) **Direção**: *Tizuka Yamasaki.* **Com** *Renato Aragão, Dedé Santana, Tony Ramos, Patrícia Pillar, Sandy & Júnior, Claudio Corrêa e Castro. 91 min. Columbia TriStar.*

Columbia TriStar

Patrícia acha graça das peraltices de Didi

ESQUECERAM DE MIM 3

infantil ★★

Se há um filme completamente desnecessário, é *Esqueceram de Mim 3*. Sem a menor sombra do charme do original, que tinha um Macaulay Culkin cativante como protagonista, esta nova aventura não passa de uma tentativa desesperada do produtor John Hughes de ganhar mais alguns trocados. Aqui, Mac é substituído pelo chatinho Alex D. Linz, que, sozinho, tem de defender sua casa de quatro ladrões. Para crianças bem pequenas.

(Home Alone 3, EUA, 1997) **Direção**: *Raja Gosnell.* **Com** *Alex D. Linz, Olek Krupa, Rya Kihlstedt, Lenny Von Dohlen. 106 min. Legendado ou dublado. Abril/Fox.*

KULL, O CONQUISTADOR

aventura ★★

Esta adaptação para o cinema do personagem de Robert E. Howard tem pouco a ver com as empolgantes histórias do bárbaro Conan. O resultado é uma aventura cômica e pouco emocionante: depois de matar o despótico rei Borna, Kull é coroado rei da antiga Valúsia. Ele enfrentará a inveja de outros pretendentes ao trono e a ameaça de uma bruxa milenar. Por onde anda Schwarzenegger quando ele é tão necessário?

(Kull, the Conqueror, EUA, 1997) **Direção**: *John Nicolella.* **Com** *Kevin Sorbo, Tia Carrere, Thomas Ian Griffith, Litefoot. 95 min. CIC.*

BUDDY

INÉDITO NO CINEMA

infantil ★★

Baseado em fato real, o filme narra a trajetória de uma milionária excêntrica que, nos anos 20, criou um zoológico particular e chegou a adotar um gorila, o Buddy do título. Apesar da impecável reconstituição de época, o filme é levado em banho-maria, e o humor não funciona. O gorila, um forte chamariz para as crianças, prova que os recursos técnicos avançaram desde *King Kong*, de 1976, embora o animal nem sempre convença.

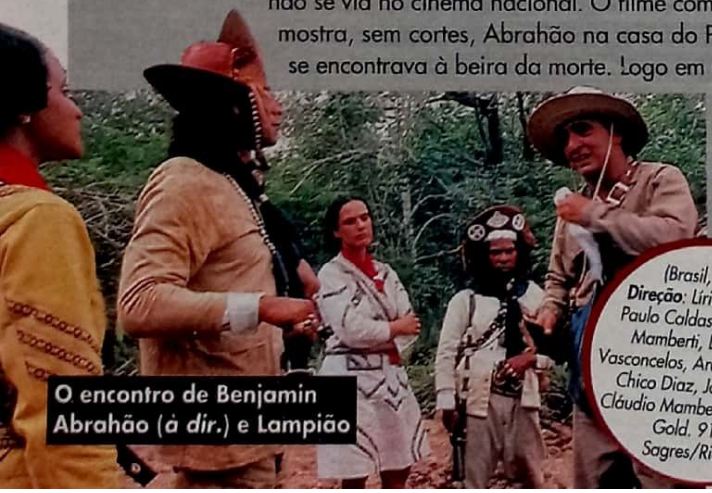
Columbia TriStar

(EUA, 1997) **Direção**: *Caroline Thompson.* **Com** *Rene Russo, Robbie Coltrane, Alan Cumming, Paul Reubens. 83 min. Columbia TriStar.*

BAILE PERFUMADO ★★★★

drama Se o Nordeste brasileiro é, para o espectador, aquele retratado de forma caricata pelas novelas televisivas, uma boa pedida é o excelente *Baile Perfumado*, filme de estréia da dupla pernambucana Lírio Ferreira e Paulo Caldas. Demonstrando um vigor invejável, os diretores colocaram em celulóide um Nordeste riquíssimo em cores, personagens e vida, resgatando do fundo do baú uma curiosa passagem da história local: o documentário realizado pelo libanês Benjamin Abrahão (o surpreendente Duda Mamberti) sobre o bando do cangaceiro Lampião. O filme segue a trajetória de Benjamin, mostrando o começo de sua pesquisa e o encontro com o perigoso bandido até a intervenção do governo, que proibiu a exibição do filme por acreditar que ele fazia uma apologia do banditismo. Apesar de ser às vezes ingênuo e padecer de um ritmo claudicante, o trabalho de Ferreira e Caldas esbanja uma força criativa que há muito não se via no cinema nacional. O filme começa com a longa cena que mostra, sem cortes, Abrahão na casa do Padre Cícero, quando este se encontrava à beira da morte. Logo em seguida, o silêncio dá lugar ao som das guitarras envenenadas de Chico Science, acompanhando o vôo da câmera por um rio em pleno sertão pernambucano. Um começo de tirar o fôlego; um filme obrigatório.

Roberto Sadovski


O encontro de Benjamin Abrahão (*à dir.*) e Lampião

(Brasil, 1997) **Direção**: *Lírio Ferreira e Paulo Caldas.* **Com** *Duda Mamberti, Luís Carlos Vasconcelos, Aramis Trindade, Chico Diaz, Jofre Soares, Cláudio Mamberti, Giovanna Gold. 91 min. Sagres/Riofilme.*

MAX

INÉDITO NO CINEMA

drama ★★

"Aburguesado" depois dos trinta anos, um casal de ex-hippies se abala ao descobrir que o filho caçula tem uma doença incurável. Desesperado, o marido leva a família para uma fazenda em busca da cura pela felicidade. Ecos de *O Óleo de Lorenzo*, substituindo a ciência pela fé (não religiosa), e de *Kramer x Kramer*, com o triunfo do amor ao final. Nas entrelinhas, um brado: viva a sociedade alternativa!

(Canadá, 1994) **Direção**: *Charles Wilkinson.* **Com** *R.H. Thomson, Denise Crosby, Walter Dalton, Garwin Sanford. 94 min. Flashstar.*

Abril

AMORES E DESENCONTROS

INÉDITO NO CINEMA

drama ★★

Os impasses afetivos são o tema deste filme um tanto arrastado. Na década de 60, Reece tenta consolidar sua relação com a viúva Carol. A falta de coragem, porém, o sufoca. Nos anos 80, ele vê a situação se repetir quando seu filho se apaixona pela filha de Carol. A história só comove quando a dor pela oportunidade perdida é expressa por Sam Shepard, em uma atuação marcante como Reece.

(The Only Thrill, EUA, 1997) **Direção**: Peter Masterson. **Com** Diane Keaton, Sam Shepard, Diane Lane, Robert Patrick. 105 min. Top Tape.

MARIDOS DE ALUGUEL

comédia romântica ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Este é um filme de e para mulheres, orquestrado por uma diretora e com uma história tipicamente feminina. As espectadoras, portanto, se divertirão – mas sozinhas, já que são poucas as chances de algum homem gostar do roteiro. Eles são meros joguetes nas mãos de três amigas balzaquianas, que vão a Las Vegas com o objetivo de casar com um desconhecido e pedir a separação no dia seguinte, acabando assim com a fama de solteironas.

(Wedding Bell Blues, EUA, 1996) **Direção**: Dana Lustig. **Com** Illeana Douglas, Paulina Porizkova, Julie Warner, Debbie Reynolds. 97 min. Abril.

ENDLESS SUMMER

documentário ★★★

Este documentário agradece "ao rei Netuno por providenciar as ondas deste filme". É ingênuo, mas honesto: ao acompanhar dois surfistas que perambulam pelo mundo, o diretor-fotógrafo-montador-narrador Bruce Brown fez um tratado sobre a arte da prancha. O espectador que não gosta de um pouco de sol e parafina pode achar enfadonho – exceto se o interesse for o de analisar, como um antropólogo, um ícone pop dos anos 60.

(The Endless Summer, EUA, 1966) **Direção**: Bruce Brown. **Com** Mike Hynson, Robert August. 93 min. Europa/Carat.

BERNARDO E BIANCA NA TERRA DOS CANGURUS

VENDA DIRETA

desenho ★★★

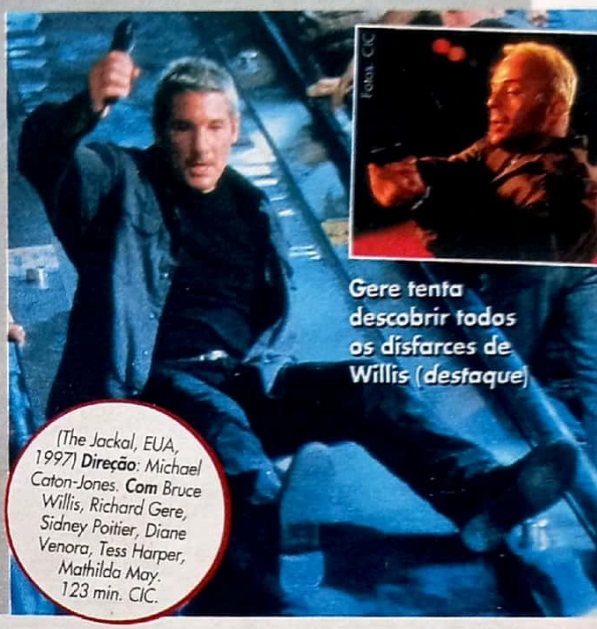
Um ano depois de *A Pequena Sereia*, o desenho que inaugurou a nova fase áurea no departamento de animação dos estúdios Disney, foi lançada sem estardalhaço esta continuação do simpático e modesto sucesso de 1977, *Bernardo e Bianca*. Desta vez, o casal de ratos vai à Austrália resgatar um garoto. O filme já inclui efeitos por computador – repare no perigoso trator. Para ser assistido sem maiores ambições.

(The Rescuers Down Under, EUA, 1990) **Direção**: Hendel Butoy, Mike Gabriel. Legendado ou dublado. 75 min. Abril.

O CHACAL ★★

ação **Virou moda: depois que Tom Cruise filmou *Missão Impossível* em Praga, várias superproduções pegaram carona na idéia e levaram seus atores a outros países – Val Kilmer varreu a Rússia em *O Santo*, enquanto George Clooney e Nicole Kidman pularam de Viena para o Oriente Médio em *O Pacificador*. *O Chacal* segue a cartilha do gênero. O FBI e a polícia soviética são alvos da vingança do irmão de um mafioso russo, que contrata um assassino profissional – conhecido como Chacal (Bruce Willis) – para eliminar uma importante celebridade norte-americana. Os EUA contra-atacam e libertam um terrorista irlandês (Richard Gere), que tenta localizar o criminoso, um especialista em disfarces. A perseguição tem início na Rússia, e o contrato de morte é feito em Helsinque, na Finlândia. Já o plano do Chacal é arquitetado em Montreal, no Canadá, e o desfecho acontece em Washington. Milhões de dólares investidos, locações internacionais e dois astros de ponta não significam nada aqui. A primeira cena empolgante acontece depois de uma hora de filme, e o subtexto político é tratado superficialmente. Com o fim da Guerra Fria, o roteirista, inspirado no personagem de *O Dia do Chacal* (produção de 1973 baseada em livro de Frederick Forsyth), apostou nos vilões da máfia russa, fez sua média com os integrantes do Exército Republicano Irlandês e, para não variar, colocou um negro – Sidney Poitier – defendendo as cores da bandeira americana. Com raras seqüências de ação, suspense morno e um duelo frustrante, salva-se apenas a trilha sonora pontuada por grupos de tecno.**

Miguel Barbieri Jr.



Gere tenta descobrir todos os disfarces de Willis (destaque)

(The Jackal, EUA, 1997) **Direção**: Michael Caton-Jones. **Com** Bruce Willis, Richard Gere, Sidney Poitier, Diane Venora, Tess Harper, Mathilda May. 123 min. CIC.

VIVA A RAINHA!

INÉDITO NO CINEMA

infantil ★★★★

Não é sempre que um filme infantil agrada também aos adultos, como aconteceu com *A Princesinha* e agora com *Viva a Rainha!*. Doce e inocente, esta premiada produção holandesa invade o mundo do xadrez para contar a história de uma menina à procura de seu pai desconhecido. Presa a uma realidade nada feliz, Sara (Tiba Tossijn) encontra consolo no tabuleiro que comprou escondido da mãe. Misteriosamente, a mãe não pode nem ouvir falar nesse esporte. Mergulhando no mundo mágico e colorido dos contos de fada, Sara aprende que a vida é como o xadrez: simples, mas ao mesmo tempo complicada. Palmas para o diretor, que criou uma trama cativante, na qual realidade e fantasia se alternam com a mesma sutileza com que o cineasta explora a importância da solidariedade, da amizade e da família.

Suzana Uchôa Itiberê

(Lang Leve de Koningin, Holanda, 1996) **Direção**: Esmé Lammers. **Com** Monique van de Ven, Tiba Tossijn, Derek de Lint, Jack Wouterse. Legendado ou dublado. 90 min. Alpha.

Sara "entra" no tabuleiro de xadrez

As "spicies" posam ao lado de Elton John

O MUNDO DAS SPICE GIRLS

comédia musical ★★

O cotidiano de um grupo musical de sucesso e sua relação com o empresário, a mídia e os amigos – nas mãos do veterano Richard Lester, esse argumento virou *Os Reis do Iê-Iê-Iê*, a clássica estréia dos Beatles no cinema; nas de Bob Spiers, diretor da série cult *Absolutely Fabulous*, surge *Spice World*, um retrato pálido do fenômeno Spice Girls. Realizado durante a febre de popularidade do quinteto, o filme tem um problema básico: não se define entre ser um musical ou uma simples comédia. Ao tentar equilibrar as duas opções, Spiers realiza um musical fraco, com piadas sem graça. Mesmo com várias participações especiais (Bob Hoskins e Elton John, entre outros), faltou tempero.

Sérgio Martins

(Spice World, Inglaterra, 1997) **Direção**: Bob Spiers. **Com** Richard E. Grant, Roger Moore, Elvis Costello. 92 min. Columbia TriStar.

GRITOS E SUSSURROS ★★★★

drama Neste mês de julho, o cineasta Ingmar Bergman completa oitenta anos. Para comemorar, ele anunciou seu retorno ao cinema: dirigiu um filme, que estreou no Festival de Cannes deste ano, e escreveu um roteiro, que será dirigido por sua ex-mulher, Liv Ullmann. Ela também protagoniza um de seus filmes mais famosos, *Gritos e Sussurros*, que está sendo relançado em vídeo, agora em cópia restaurada – a mesma que foi exibida nas telas brasileiras no final do ano passado. Com isso, o espectador recupera o prazer de assistir às nuances cromáticas (basicamente vermelho e branco) que conferiram o Oscar de fotografia a Sven Nykvist – *Gritos* chegou a ser indicado aos Oscar, entre outros, de filme, direção e roteiro adaptado. Revisto hoje, ele tem menos fôlego que, por exemplo, *O Sétimo Selo*, por se tratar basicamente de um exercício de linguagem, um filme conceitual. Nessa "sinfonia de vermelho", pontuada por constantes silêncios, Bergman narra a convivência um tanto forçada de três irmãs, sendo que uma delas está em seu leito de morte. O filme é um retrato intimista da incomunicabilidade, sufocando o espectador com um clima de ar rarefeito: é difícil respirar aliviado em um ambiente que cultiva a dor, o sofrimento e a automutilação. Investigação perturbadora da alma humana e uma experiência cinematográfica exasperante, o filme registra o passar do tempo e o esgotamento do prazer de viver em um mundo marcado pela rispidez das relações. O roteiro de Bergman é cruel, mas a realidade também não é sempre cor-de-rosa.

Christian Petermann

Harriet Andersson é alvo da atenção das irmãs e do carinho da governanta (*ao fundo*)

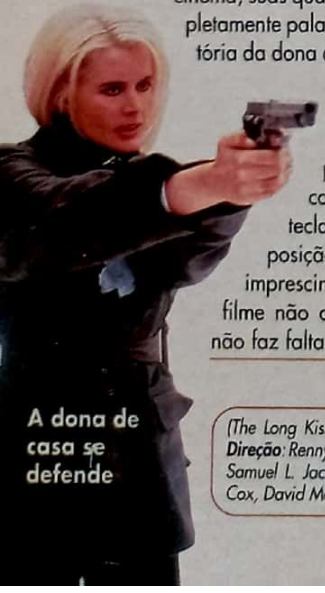
(Viskingar Och Rop, Suécia, 1972) **Direção**: *Ingmar Bergman.* **Com** *Liv Ullmann, Ingrid Thulin, Harriet Andersson, Kari Sylwan, Erland Josephson, Georg Arlin. 95 min. Reserva Especial.*

DESPERTAR DE UM PESADELO

ação ★★★

Este novo tiro n'água do diretor Renny Harlin teria sido mais bem recebido se lançado no final dos anos 80. O filme tem a cara das pancadarias típicas dos Van Dammes e Seagals da vida, mas, perto da virada do milênio, já parece datado. Na verdade, Harlin deveria saber disso mais do que ninguém, já que dirigiu no começo dos anos 90 dois filmaços de ação – *Duro de Matar 2* e *Risco Total* –, que resumiram com perfeição a fórmula da década passada. Se *Despertar* é, portanto, supérfluo no cinema, suas qualidades o fazem completamente palatável em vídeo. A história da dona de casa que descobre ser uma assassina profissional com amnésia foi feita para ser degustada no conforto do lar, com a tecla *pause* sempre à disposição para aquelas visitas imprescindíveis à cozinha. O filme não ofende, mas também não faz falta alguma.

Roberto Sadovski


A dona de casa se defende

(The Long Kiss Goodnight, EUA, 1996) **Direção**: *Renny Harlin.* **Com** *Geena Davis, Samuel L. Jackson, Yvonne Zima, Brian Cox, David Morse. 120 min. Warner.*

Alpha
Imogen Stubbs sobrevive ao naufrágio

NOITE DE REIS

comédia ★★★

É Noite de Reis e um naufrágio separa Viola de seu irmão, levando-a a acreditar que ele está morto. Isolada na costa da Ilíria, ela passa por homem para se infiltrar na corte do conde Orsino. Este só pensa em conquistar o amor de Olivia. Desesperado por ajuda, ele põe seu novo valete para cortejá-la em seu nome – e tudo dá errado. Viola se apaixona por Orsino; Olivia cai de amores por Viola; nenhum deles suspeita que "ele" é "ela"; e por aí vai, em um delicioso crescendo de enganos e simetrias que só mesmo Shakespeare saberia engendrar. Esta versão só não fulgura como deveria porque o diretor Trevor Nunn demora a achar o tom certo. O elenco de primeira linha, porém, cuida quase sozinho de tocar para um final feliz esta trama que, de ligeira, tem só a aparência.

Isabela Boscov

(Twelfth Night, Inglaterra/EUA, 1996) **Direção**: *Trevor Nunn.* **Com** *Imogen Stubbs, Helena Bonham Carter, Ben Kingsley, Nigel Hawthorne, Richard E. Grant, Imelda Staunton. 133 min. Alpha.*

RETORNO SANGRENTO

policial ★★★ INÉDITO NO CINEMA

O cinema italiano não tem tradição no gênero policial, mas não raro provoca impacto ao abordar um tema como a máfia. Esta produção modesta é, ao mesmo tempo, vigorosa e humana. Sem apelar nas cenas de ação, o filme retrata a difícil missão de um grupo de agentes que precisa proteger uma importante testemunha (Giancarlo Giannini) dos chefões mafiosos. Apesar da versão dublada em inglês, a tensão não esmorece.

(Palermo-Milano Solo Andata, Itália, 1995) **Direção**: *Claudio Fragasso.* **Com** *Giancarlo Giannini, Raoul Bova, Valerio Mastandrea, Stefania Sandrelli. 103 min. Paris.*

O DESAPARECIMENTO DE GARCIA LORCA

drama ★★

Nos anos 50, um rapaz retorna à sua Espanha natal para apurar quem executou seu ídolo, o poeta Garcia Lorca, em 1936. Logo se percebe que o suposto protagonista não passa de mero coadjuvante, e que a investigação não levará a lugar algum. Vale por Andy Garcia, que defende o vigoroso Lorca como pode, e pela intenção de relembrar esse magnífico poeta no centenário de seu nascimento.

(Lorca, Espanha/Porto Rico, 1997) **Direção**: *Marcos Zurinaga.* **Com** *Andy Garcia, Esai Morales, Giancarlo Giannini, Jeroen Krabbe, Edward James Olmos. 114 min. Columbia TriStar.*

ÁREA DE RISCO

aventura ★ INÉDITO NO CINEMA

Após doze anos de exílio nos EUA, um jovem africano retorna à sua pequena tribo para acompanhar o funeral do pai. Ao descobrir que seu irmão, viciado em crack, está desaparecido, penetra no submundo de Johannesburgo para resgatá-lo. Oportunismo é a palavra-chave para definir esta incursão leviana do *rapper* e ator Ice Cube, também co-produtor do filme, nos conflitos raciais da África do Sul. O filme cai na mesmice.

(Dangerous Ground, EUA, 1997) **Direção**: *Darrell James Roodt.* **Com** *Ice Cube, Elizabeth Hurley, Ving Rhames, Sechaba Morajele. 95 min. Warner.*

UM LANCE DE MESTRE

suspense ★★ INÉDITO NO CINEMA

O filme começa e termina imitando Quentin Tarantino. Há muito clima e um erotismo bastante acentuado, graças às belas e inexpressivas presenças de Casper Van Dien (de *Tropas Estelares*) e de Camilla Overbye Roos. O miolo da trama, porém, é letárgico. Na fronteira do Texas com o México, o segurança de um banco envolve-se com mulheres adúlteras, banqueiros corruptos e milhões de dólares. A ambição dos personagens será fatal.

(On the Border, EUA, 1998) **Direção**: *Bob Misiorowski.* **Com** *Casper Van Dien, Camilla Overbye Roos, Bryan Brown, Daniel Baldwin, Pedro Armendariz Jr. 105 min. Top Tape.*

Abril/Fox

GIA – FAMA E DESTRUIÇÃO

drama ★★★

No final dos anos 70, a jovem Gia Carangi era uma modelo das mais requisitadas – mas mergulhou fundo no mundo das drogas e do sexo e morreu pobre e esquecida, aos 26 anos. Sua vida trágica é mostrada nesta pesada produção em tom documental. O filme é arrastado e pinta um quadro feio da vida das modelos, mas ganha pontos com a fúria de Angelina Jolie – filha de Jon Voight – no papel da protagonista.

(Gia, EUA, 1997) **Direção**: *Michael Cristofer.* **Com** *Angelina Jolie, Mercedes Ruehl, Faye Dunaway, Kylie Travis. 120 min. Warner.*

HOMENS DE HONRA

suspense ★★

Al e Nicky são dois moleques do Brooklyn que convivem com mafiosos. Ao se tornarem adultos, Al é o único que tenta fugir da violência, mesmo fomentando um desejo de vingança por causa do assassinato de seu pai, há muitos anos. A história ganha rumo com a chegada de Gabriela, uma cinegrafista que pesquisa os podres do gângster Danny Parente. É muito pouco, porém, para um filme no qual quase nada acontece.

(A Brooklyn State of Mind, EUA, 1997) **Direção**: *Frank Rainone.* **Com** *Danny Aiello, Vincent Spano, Maria Grazia Cucinotta. 88 min. Abril.*

JULIAN PO – O CONTADOR DE MENTIRAS

INÉDITO NO CINEMA

drama ★★

Perambulando pela estrada a caminho do mar, Julian Po decide parar em um vilarejo. Vítima de fofocas, ele inventa que o motivo de sua estada ali é o próprio suicídio. Julian Po agita o cotidiano entediante de curiosos, solidários e oportunistas. Sem muito fôlego, o roteiro parte literalmente do nada, aborda temas relevantes – igualdade, liberdade e fraternidade –, mas não chega a lugar algum.

(Julian Po, EUA, 1997) **Direção**: *Alan Wade.* **Com** *Christian Slater, Robin Tunney, Bruce Bohne, Zeljko Ivanek. 84 min. Warner.*

AMBIÇÃO DESENFREADA

INÉDITO NO CINEMA

suspense ★★

Ned e Jude roubam uma fortuna em jóias, matam três pessoas e saem em uma fuga desesperada; no meio da estrada, Ned cai do carro – ou é empurrado. Dá para entender que ele fique com raiva da destrambelhada Jude e jure encontrá-la de novo, nem que seja no inferno. Mas por que esse acerto de contas demora tanto a chegar? Por sorte, o diretor de fotografia e os coadjuvantes se empenham em conferir algum ânimo à história.

(Cold Around the Heart, EUA, 1997) **Direção**: *John Ridley.* **Com** *David Caruso, Kelly Lynch, Stacey Dash, Pruitt Taylor Vince. 96 min. Abril/Fox.*

O FANTASMA DO FUTURO

desenho ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Carente de opções desde *Akira*, o mercado de vídeo coloca agora à disposição um novo título inspirado em um *mangá* (quadrinhos) japonês. Há menos ação e muito mais diálogos que no antecessor, dirigido por Katsuhiro Otomo, mas o visual é de queimar os chips. Trabalhando tanto com a animação clássica quanto com gráficos computadorizados, o desenho elabora uma concepção futurista estonteante. Em alguns anos, indivíduos que sofrerem graves acidentes serão recuperados ciberneticamente, podendo então ser plugados na rede mundial de informações. Agentes secretos precisam localizar o misterioso Projeto 2501, uma entidade que se criou no computador e que exige um corpo real. Se a história parece mirabolante, o resultado gráfico é agressivo e espetacular.

Christian Petermann

A agente plugada na rede

(Ghost in the Shell, Japão, 1995) **Direção**: *Mamoru Oshii. Legendado ou dublado. 85 min. Flashstar.*

ORGASMO

comédia INÉDITO NO CINEMA

★★★

Heróis de linha dura

Dirigida, escrita e protagonizada por Trey Parker e coproduzida por Matt Stone, esta comédia marca a estréia em carne e osso da dupla de criadores dos desenhos cult *South Park*. Assim como a série que fez a fama e a fortuna dos dois emergentes do humor americano, o filme tem como principal característica as piadas politicamente incorretas. Parker é Joe Young, um mórmon que, por ironia do destino ateu, aceita estrelar uma produção pornográfica no papel do capitão Orgazmo. O veterano pornô Ron Jeremy está no elenco, e há pontas de estrelas desnudas, como Jeanna Fine. O espectador brasileiro, com toda sua ginga latina, poderia esperar uma sátira ainda mais venenosa aos bons costumes. De qualquer forma, é uma diversão indispensável para turmas que querem tirar um bom sarro.

Christian Petermann

(Orgazmo, EUA, 1997) **Direção**: *Trey Parker.* **Com** *Parker, Dian Bachar, Michael Dean Jacobs, Ron Jeremy. 90 min. Califórnia.*

JULES E JIM – UMA MULHER PARA DOIS ★★★★★

drama Terceiro longa-metragem de François Truffaut (1932-1984), *Jules e Jim* deveria ter sido o primeiro. O cineasta leu o romance assim que foi publicado, em 1955, atraído pelo fato de o autor, Henri-Pierre Roché, ter estreado na literatura aos 76 anos. A adaptação, porém, pareceu-lhe complexa demais, e coube a *Os Incompreendidos* inaugurar sua carreira nos longas-metragens. Truffaut voltou à carga quando se julgou capaz de chegar a "uma forma intermediária de adaptação, que alterna diálogos e leitura de trechos em voz alta". Dois aspirantes a artistas, o alemão Jules (Oskar Werner) e o francês Jim (Henri Serre), se conhecem em Paris, em 1910. A amizade cresce quando Catherine (Jeanne Moreau) forma com os dois um triângulo que sobrevive à Primeira Guerra e às duas décadas seguintes. Ninguém usa truques de maquiagem para envelhecer: a passagem do tempo é marcada, entre outros recursos de cenografia, por quadros de Picasso. Um dos maiores ícones da Nouvelle Vague, *Jules e Jim* mantém ainda hoje seu charme intacto, fruto de um argumento moralmente subversivo tratado "com toda a doçura", segundo o cineasta. Com Jeanne Moreau criando uma personagem dotada de força e fascínio incomuns, o filme pode ser visto também como um precursor (involuntário) do movimento de liberação feminina que ganharia as ruas no final dos anos 60. Truffaut voltou a adaptar um romance de Roché em *As Duas Inglesas e o Continente*, de 1971, também sobre um triângulo amoroso – tema capital para o cinema, que encontra aqui uma de suas mais ricas variações.

Sérgio Rizzo

Este triângulo francês sabe o que é aproveitar o que a vida tem de bom

(Jules et Jim, França, 1961) **Direção**: *François Truffaut.* **Com** *Jeanne Moreau, Oskar Werner, Henri Serre, Marie Dubois, Vanna Urbino. 105 min. Em p&b. Alpha.*

ACADEMIA DE GINÁSTICA, CONSELHEIRA FAMILIAR E CENTRAL DE FOFOCAS. MAS PODE CHAMAR DE BANCA DE REVISTAS.

A banca de revistas é o seu portão de embarque para uma vida mais saudável. Lá estão as dietas, os cuidados e exercícios que vão mexer com você. Lá estão as reportagens que vão aumentar seu jogo de cintura e os debates que vão alargar os horizontes da família. Mas lá também estão os bastidores da televisão, as fofocas do momento e as amenidades para você relaxar, por que ninguém é de ferro. Entre numa banca e sinta-se à vontade para saber de tudo!

O jornaleiro ficará feliz com sua visita.

ANER ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS EDITORES DE REVISTAS

mais TAKES

Dois alunos de cinema transformam um sonho em realidade com os curtas *O Maior* e *O Melhor*

Divulgação

O ator mirim Alan Pontes em uma cena de *O Maior*. No destaque, os diretores Luís Petzhold e Daniel Camargo

Curta um Nacional

Cinema se aprende na escola. Luís Fernando Petzhold e Daniel Camargo, atores de televisão e estudantes de cinema da Universidade Federal Fluminense, provaram isso na marra com os curtas *O Maior* e *O Melhor*. Inicialmente, os dois projetos haviam sido idealizados como um exercício para os novos autores e técnicos de cinema que aprendem seu ofício na sala de aula – mas cresceram até figurar entre os trabalhos mais comentados da história da faculdade. Ponto para Petzhold e Camargo.

Os curtas foram realizados em conjunto em um shopping center carioca, na mais explícita camaradagem. *O Maior*, dirigido por Petzhold, é uma comédia que mostra duas crianças em busca do maior chiclete produzido por uma máquina maluca. Já *O Melhor*, de autoria de Camargo, é um filme policial, protagonizado por um assassino profissional – interpretado por Petzhold – disposto a tudo para realizar seu serviço.

Com pouco dinheiro no bolso e idéias sólidas na cabeça, a dupla reuniu um elenco de amigos – como as atrizes Leandra Leal e Rita Guedes –, conseguiu patrocínio com empresas privadas e foi à luta. O resultado pode ser conferido em dois filmes bem-acabados, que deixam para trás o conceito de que, para fazer cinema, é preciso apenas "uma idéia na cabeça e uma câmera na mão".

"Nossa preocupação foi fazer um trabalho o mais profissional possível", diz Petzhold. Como as filmagens foram feitas no mesmo dia e nas mesmas locações, os personagens de um curta chegam a invadir o outro. "Até pensamos em montar tudo como um filme só", brinca Camargo. *O Maior* e *O Melhor* têm sido exibidos em circuitos universitários e ainda não encontraram espaço na tela grande. Mas a dupla chega lá. ■

JOHNNY DEPP

BILIONÁRIO EXCÊNTRICO

Johnny Depp até que se esforça, mas não consegue ficar longe dos tipos esquisitos que costuma encarnar no cinema. Depois de protagonizar a adaptação do romance *Fear and Loathing in Las Vegas*, que foi dirigida por Terry Gilliam, Depp pode levar às telas a vida do excêntrico bilionário Howard Hughes, sob o comando dos irmãos Allen e Albert Hughes. O filme será adaptado da biografia *Empire: The Life, the Legend and the Madness of Howard Hughes* e mostrará a vida do jovem que se tornou bilionário aos dezoito anos e morreu solitário e ensandecido depois de ter sido inventor, produtor de cinema e piloto. Para o maluquinho Depp, o trabalho será moleza.

Divulgação

Depp: vivendo Howard Hughes

DURO DE MATAR 4

PERDIDO NO ESPAÇO

Parece que o longo braço da lei alcança qualquer lugar – que o diga o policial John McClane, que pode vir a caçar terroristas no espaço. Os rumores divulgados na Internet sobre um quarto *Duro de Matar* sugerem que o novo filme seria baseado no livro *Ignition*, de Kevin Anderson. A história mostra um astronauta que, após perder o vôo do ônibus espacial por causa de um acidente, é obrigado a enfrentar terroristas que planejam sabotar a espaçonave. Em *Die Hard: Ignition!* o protagonista do livro seria completamente alterado para acomodar o personagem de Bruce Willis. Até o momento a Fox não se pronunciou sobre o assunto.

Bruce: terrorismo espacial

Rusty e o Big Guy: heróis animados

Reprodução

BIG GUY AND RUSTY THE BOY ROBOT
DESTRUIÇÃO EM MASSA

A Columbia TriStar vai investir pesado na televisão e foi buscar nos quadrinhos a inspiração para seus novos projetos. O estúdio fechou um contrato de exclusividade com a editora Dark Horse Comics para produzir filmes e séries em animação, e o primeiro especial a chegar às telinhas será a bem-humorada ficção científica *Big Guy and Rusty the Boy Robot*, criada pelo mesmo Frank Miller que revolucionou os quadrinhos com seu *O Cavaleiro das Trevas*. A revista *Big Guy* é uma homenagem aos monstros japoneses e mostra um herói americano que combate uma horrenda criatura assassina ao lado do robozinho Rusty. Parece que, depois de produzir o monstrengo *Godzilla*, a TriStar tomou gosto pela destruição em massa.

Woody e Buzz: fisgados por um videogame

Reprodução

TOY STORY 2
PRIMEIRA IMAGEM

O caubói Woody e o astronauta Buzz Lightyear estão de volta em grande estilo. Depois do assombroso sucesso de *Toy Story*, a Disney está com a segunda parte das aventuras dos atrapalhados brinquedos quase pronta para invadir os cinemas. Desta vez Buzz terá de resgatar seu companheiro Woody das mãos de um maléfico colecionador de brinquedos – o que não os impede de encarar um videogame enquanto Andy, o moleque que é dono da dupla, está de férias. Um dos produtores do *Toy Story* original disse que o primeiro filme foi "sem dúvida o pior", já que a tecnologia está em constante evolução. O que poderemos, então, esperar de *Toy Story 2*?

PALAVRA DE REI

"Acho que ele vai descobrir que é bem mais fácil ser o rei de Hollywood do que da Inglaterra."

Do herdeiro do trono inglês, **Príncipe William**, *sobre seu colega de adoração adolescente Leonardo DiCaprio*

MATTHEW BRODERICK
SEM PÉS NEM CABEÇA

Nada como combater bandidos normais depois de um quebra-pau com um gigantesco lagartão verde. Que o diga o ator Matthew Broderick, que, depois de protagonizar o arrasa-quarteirão *Godzilla*, foi convidado para fazer a versão para o cinema do desenho animado *Inspector Gadget*, um detetive biônico capaz de substituir os braços, as pernas e até a cabeça por aparatos malucos para lidar com os vilões. Seu arquiinimigo, o maléfico Dr. Claw, também estará no filme na pele de Rupert Everett, enquanto a gracinha Cameron Diaz pode ficar com o papel da namoradinha do herói. Broderick receberá 5 milhões de dólares para fazer *Inspector Gadget*, que começa a ser filmado este mês.

Matthew: o rosto de Gadget nos cinemas

Universal

Mundo Mágico

A IMAGEM DO MÊS

UIP

O PRÍNCIPE DA DREAMWORKS

A Disney que se prepare. Quando os outros estúdios de Hollywood começaram a produzir desenhos animados em longa-metragem para competir com o camundongo, ninguém imaginava que pudesse existir uma ameaça verdadeira à sua supremacia. Mas o estúdio DreamWorks surge como um sério candidato ao trono – e sua arma é *O Príncipe do Egito*, uma adaptação para as telas de um dos mais belos contos do Velho Testamento: a vida de Moisés, que levou seu povo para a Terra Prometida. Quarenta minutos do desenho foram exibidos numa reunião para licenciadores da DreamWorks, e todos deixaram o local com o queixo no chão. Ainda é cedo para os executivos da Disney perderem o sono – mas é bom eles ficarem espertos. *O Príncipe do Egito* chega ao Brasil no Natal.

MALDITO

BIOGRAFIA TRASH

Zé do Caixão está de volta – não na tela do cinema em mais uma produção trash, mas sim nas páginas de *Maldito – A Vida e o Cinema de José Mojica Marins, o Zé do Caixão*, uma biografia escrita a quatro mãos pelos jornalistas André Barcinski e Ivan Finotti. A dupla pesquisou a vida de Mojica durante três anos, e o resultado é um retrato fascinante de um dos cineastas mais corajosos do Brasil, que se atreveu a desafiar a censura da ditadura com dezenas de filmes de terror. O livro mostra a infância do diretor, suas primeiras experiências atrás das câmeras e a consagração no exterior, já na década de 90. O texto leve e agradável de Barcinski e Finotti transforma *Maldito* num daqueles livros impossíveis de largar enquanto não se chega ao final.

INDIANA JONES 4

A AVENTURA QUE NÃO SAI DO PAPEL

Enquanto os roteiristas de Hollywood não se cansarem de escrever mais e mais roteiros para um quarto *Indiana Jones*, a gente se diverte lendo as novas idéias – e esquentando as cadeiras de tanto esperar que o filme seja feito. O novo script a circular em Los Angeles é *Indiana Jones: The Law of One*, que mostra o arqueólogo favorito do cinema em busca de um antigo amuleto responsável pela destruição de Atlântida. A história se passa em 1953, e mostra Indy como um professor universitário que já deixou suas aventuras de lado há muito tempo, mas que é obrigado a voltar à ação, para desespero de sua relutante noiva – um personagem que cairia como uma luva para Rene Russo. Agora é só esperar a boa vontade de George Lucas, Steven Spielberg e Harrison Ford para que o filme saia do papel.

CIC

Indy: um roteiro novo por mês

KIM BA

Tudo o que eu amo...

1 Ser mãe: "Minha filha, Ireland (*nascida quando Kim tinha 42 anos*), é a melhor coisa que fiz na vida. Eu realmente queria ser mãe – e adoraria ter mais filhos. Meu marido (*o ator Alec Baldwin*) tem um monte de irmãos, como eu, e acho que foi muita sorte ter encontrado alguém tão absolutamente devotado à família".

2 Nova York: "Adoro estar em Nova York, e mais ainda quando é para uma filmagem. Esta cidade é como uma mulher temperamental; viver nela é uma luta, mas sempre há algo de excitante acontecendo. Alec e eu moramos no West Side de Manhattan, em um apartamento, mas estamos construindo uma casa em Amangasett, no extremo de Long Island. Quero que minha filha more mais perto da natureza, numa chácara com ovelhas, cabras e porcos, e que vá para uma escola pública e aprenda a conviver com todo tipo de pessoa".

3 Animais: "Adoro bichos. Tenho nove cachorros e milito pelos direitos dos animais, com muito orgulho. Atualmente sou uma das porta-vozes de uma organização chamada Liberte os Elefantes, que se dedica principalmente a fiscalizar circos – onde esses animais muitas vezes são mantidos em condições deploráveis e submetidos a sofrimentos terríveis em nome do entretenimento".

4 Compaixão: "Acho que não existe virtude mais importante do que essa".

5 Estudar: "Eu adoraria voltar para a faculdade e me formar, provavelmente em Literatura Inglesa".

6 *Los Angeles – Cidade Proibida*: "Fazer esse filme (*pelo qual Kim ganhou o Oscar de coadjuvante*) foi uma oportunidade muito rara em minha carreira, ainda mais porque adoro os filmes dos anos 40 e 50 e sou fã de carteirinha de atores como Katharine Hepburn, Spencer Tracy e Cary Grant. À exceção, talvez, de *Louco de Amor*, de Robert Altman, nunca tive chances desse calibre. Além disso, contracenar com atores como os de *Los Angeles* é uma honra e um desafio. É como Bette Davis costumava dizer: não quero saber de atores piores do que eu – só melhores".

7 *9 1/2 Semanas de Amor*: "Gostei muito de fazer esse filme, e Adrian Lyne e eu tínhamos um relacionamento maravilhoso. É triste que ele tenha sido obrigado a reduzir todo o material que rodamos a essa coisa meio videoclip que foi lançada, porque os personagens eram bem escritos e a história era muito verdadeira. Ainda assim, tenho orgulho do resultado e do fato de ele ter ficado tantos anos em exibição".

8 Woody Allen: "Adoro os filmes de Woody e adoraria também saber que tal é trabalhar com ele, entender como ele consegue sempre desempenhos extraordinários de seus atores".

9 Michael Keaton: "Na minha opinião, Michael foi o melhor de todos os Batman (*Kim interpretou a loiraça Vicky Vale no primeiro filme da série*). Ele é um ator excelente e tem muito humor. Na pele dele, Bruce Wayne e Batman de fato eram pessoas completamente diversas".

10 Roupas largas e confortáveis: "Gosto de vestir jeans dois números acima do meu, com uma camiseta e um suéter bem largão. Também uso bonés e sapatos baixos – mocassins são os meus favoritos".

11 Óculos: "Alec não enxerga muito bem e por isso começou a usar óculos. Fiquei com inveja e arrumei um par para mim também, embora não precise realmente deles".

12 Cabelos curtos: "Sempre tive cabelos compridos, mas, para *Los Angeles – Cidade Proibida*, tive de fazer uma tintura platinada e, diariamente, pentear os cabelos com ferros quentes – até que eles começaram a quebrar aos chumaços. Quando as filmagens terminaram, fiz um corte 'joãozinho'. E adorei: me sinto como se tivesse passado a vida inteira escondida debaixo do meu cabelo. Agora Alec me chama de Jim Basinger".

...e

1 Meus problemas com minha mãe: "Para mim, família é o que há de mais importante – e eu verdadeiramente adorava minha mãe, e ela a mim. No entanto, faz anos que nos falamos pela última vez. Minha mãe é uma mulher extremamente talentosa, mas que nunca chegou a usar seu talento. Por isso, ver a filha de dezessete anos sair de casa para ser modelo em Nova York... é complicado".

2 Ser um *sex symbol*: "Bem que eu tentei fazer as pazes com essa história de ser símbolo sexual, porque acho que isso tornaria minha vida muito mais fácil. Mas não consegui".

3 Maus investimentos: "Me dei mal com os planos de investimento que fiz para Braselton, uma cidade da Geórgia que comprei nos anos 80. Meus sócios e eu tínhamos idéias ótimas, como uma reserva para animais e um centro de artes. Por causa de problemas financeiros, tive de vender minha parte na sociedade em 1995, mas ainda vivo recebendo propostas para comprar cidades. Até gostaria de fazer esse tipo de negócio de novo – mas trataria de ser bem mais esperta".

4 A confusão em que me meti por causa de *Encaixotando Helena*

SINGER

odeio!

(depois de romper um acordo verbal para estrelar o filme, Kim foi processada pelos produtores): "Em termos financeiros, essa história quase me varreu do mapa. Tive de decretar falência".

5 Derrotismo: "Passei por momentos difíceis na vida, mas, no final das contas, eles foram o melhor presente que eu poderia receber. São esses momentos que tiram de você todas as ilusões sobre você mesma e te obrigam a se reerguer".

6 Fracassos: "Lamento pelo que aconteceu com filmes como *Uma Loira em Minha Vida*, *Encontro às Escuras* ou *Mundo Proibido*, mas acredito que não tive muitas oportunidades de, ahh, substância em minha carreira".

7 Fazer *Prêt-à-Porter* *(no qual Kim interpreta uma não muito inteligente repórter de moda)*: "Trabalhar nesse filme foi um pesadelo: nada de roteiro, nada de história, nada de ensaios. A única instrução que recebi de Robert Altman é que, não importava o que acontecesse, eu não deveria em hipótese alguma 'sair' da personagem *(o filme foi feito, em boa parte, em desfiles verdadeiros e com pessoas reais do mundo da moda, a quem Kim tinha de 'entrevistar')*. Nem sei quantas vezes tive de passar por grossa ou por louca".

8 Ter medo de atuar: "Sempre fico nervosa, ou mesmo apavorada, quando começo a fazer um novo filme. Nessas horas, tento me lembrar de Jack Lemmon; ele diz que o dia em que parar de sentir medo será também o dia em que deixará de atuar".

9 Ter fama de difícil: "E eu lá tenho tempo para me preocupar com uma coisa dessas?"

10 Enjôos: "Quando eu estava grávida de minha filha, passei sete meses terrivelmente enjoada, a ponto de ficar de cama. Se via alguém despejando líquido em um copo já tinha de vomitar".

11 Jóias "aparecidas": "Alec já me deu algumas jóias bonitas, mas peças extravagantes não fazem minha cabeça. No Natal retrasado pedi – e ganhei – um multiprocessador. Esse é mais meu estilo".

12 A vida ser tão curta: "Nunca vou ter tempo para tudo o que quero e preciso fazer em uma vida apenas – por isso não pretendo desperdiçá-la".

Susan Granger

Abril

Cartas

SUBLIME!

Gostaria de parabenizá-los pelas entrevistas da edição de maio, especialmente aquelas com James Cameron, Matt Damon, Woody Allen e Emma Thompson, que estavam sublimes!

Luciana Mattos
(Rio de Janeiro – RJ)

A Nº 1 !

Elogios e parabéns à SET, que se tornou a nº 1 na sua categoria e se firmou como a mais dinâmica para todos os que são amantes do cinema.

Mardonio Morais Barbosa
(Fortaleza – CE)

"Vocês acertaram em cheio com a capa da edição 131. Jovens, bonitos, inteligentes e cheios de energia, Matt Damon e Ben Affleck são a revelação que todos nós esperávamos. Com certeza, o cinema só tem a ganhar com a participação de pessoas desse nível. Parabéns!"
Nicole Débia
(São Paulo – SP)

RAZÃO DE VIVER

Se não soubesse que, no próximo mês, haverá uma SET novinha esperando por mim, eu realmente não teria razão para viver. Definitivamente, SET é demais!

Adriana C. Medeiros
(Belém – PA)

ATENDIMENTO NOTA 10

Gostaria de agradecer ao Atendimento ao Leitor pela atenção que nos é dada. É gratificante saber que SET preocupa-se com seus leitores.

Cândido Augusto R. Silva
(Rio de Janeiro – RJ)

Desde que comecei a ler SET, não perco nenhuma edição. Posso afirmar que vocês fizeram de mim um autêntico cinéfilo e um voraz videomaníaco. O Atendimento ao Leitor também está de parabéns.

Jansen Geobasi
(Lavras – MG)

Agradeço do fundo do meu coração por saber que minhas cartas são lidas e que meus pedidos são quase sempre atendidos. Fiquei feliz em ser lembrado por SET!

Rafael F. Pinto
(Mococa – SP)

TINTIM!

Me orgulho de receber em casa, todos os meses, uma revista que honra o cinema e traz reportagens magistrais.

Tatiana Colasante
(Londrina – PR)

BRONCA

A edição 131 estava sem conteúdo. As dez entrevistas foram uma infelicidade para os leitores. Lamentável!

Alexandre Messias
(Aracaju – SE)

ONDE ESTÃO AS MULHERES?

Novamente, mais uma reportagem sobre os belos e famosos atores. Por onde andam as atrizes? Nas capas da revista SET com certeza é que não.

Jean Paulo Pontes
(Joinville – SC)

OPINIÃO

Não consegui engolir o comentário de Roberto Sadovski sobre o filme *Ameaça Subterrânea* – ele não elogiou nem mesmo a trilha sonora! Quem assistiu a *Homem das Sombras* e *Ameaça Subterrânea* pôde constatar que Steven Seagal está tentando diversificar. Pode ser que ele não concorra a nenhum Oscar, mas, neste último filme, ele abriu espaço para um romance e continua respeitando seus fãs.

Cândido Augusto R. Silva
(Rio de Janeiro – RJ)

entre leitores

Adoro Matt Damon, Jon Bon Jovi e Billy Zane e gostaria de me corresponder com interessados em trocar material sobre eles.
Tineza Dacol
R. Marechal Floriano, 12,
CEP 95520-000 (Osório – RS)

Compro fitas com a cerimônia completa do Oscar de 1991, 1993 e 1994, bem como as edições 69 e 80 de SET. Tudo em ótimo estado.
Carla Cosme
R. Antenor Martins, 767,
CEP 25555-310 (São João do Meriti – RJ)

Gostaria de me corresponder com fãs do filme *ABBA – The Movie*, chamado no Brasil *ABBA – O Grande Show*.
Ronan Rangel Bahia
Av. Juscelino Kubitschek, 36,
CEP 36880-000 (Muriaé – MG)

Se você é fã de Sandra Bullock e de Leonardo DiCaprio, escreva-me para montarmos um fã-clube. Responderei a todas as cartas e enviarei as carteirinhas.
Rodrigo Ferreira Alves
R. dos Dourados, 164,
CEP 13403-370 (Piracicaba – SP)

Quero me corresponder com fãs de William Hurt e compro qualquer material sobre ele.
Sandy
R. Roquete Pinto, 162, CEP 93530-090 (Novo Hamburgo – RS)

Compro materiais sobre o filme *Assassinos por Natureza* e edições de SET do número 89 ao 108, em bom estado de conservação.
Wellington Marx
Caixa Postal 78,
CEP 84990-000 (Arapoti – PR)

Gostaria de me corresponder com admiradores do diretor David Lynch e dos filmes *A Estrada Perdida*, *Twin Peaks* (série), *Twin Peaks* (longa) e *Coração Selvagem*.
Igor Leoni Maluf
R. México, 161,
CEP 13465-000 (Americana – SP)

Você que está com a "febre" *Titanic* e Leonardo DiCaprio, escreva para um fã-clube em formação. Seremos o maior da capital paulista.
Admilson Nunes
R. Anhaia, 339,
CEP 01130-000 (São Paulo – SP)

Se você ama Madonna, escreva. Além de formarmos uma grande amizade, poderemos trocar todos os materiais possíveis e impossíveis.
Jeferson D. Silva
R. Pedro da Silveira, 59,
CEP 08461-430 (São Paulo – SP)

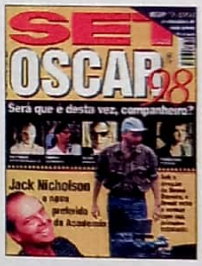
Escreva para a SET, Avenida Nações Unidas, 7221, CEP 05425-902, São Paulo – SP. Se preferir, envie um fax para o número (011) 3037-4706 ou via Internet: set.azul.atleitor@email.abril.com.br

ÚLTIMAS edições

Nº 132
JUNHO 98
Os dez atores que dão as cartas no cinema; o charme de Sean Connery; o camelô alagoano que virou diretor; Kevin Costner dá azar em *O Mensageiro*; Meg Ryan diz que não é romântica: em vídeo, *Força Aérea Um*.

Nº 131
MAIO 98
Entrevistas com Matt Damon, Ben Affleck, Jim Cameron, Woody Allen, Sharon Stone, Emma Thompson, Clint Eastwood, Jeff Bridges, Peter Fonda e Paul Newman; em vídeo, *Los Angeles – Cidade Proibida*.

Nº 130
ABRIL 98
O fenômeno Leonardo DiCaprio; o sucesso de *Central do Brasil*; Martin Scorsese e *Kundun*; o terror de *Alien* e *Esfera*; Audrey Hepburn, a princesa de Hollywood; em vídeo, *Teoria da Conspiração*.



Nº 129
MARÇO 98
O Brasil disputa o Oscar com *O Que É Isso, Companheiro?*; Jack Nicholson diz o que pensa; a estréia de *Ou Tudo ou Nada*, *Amistad*, *Wag the Dog* e *Boogie Nights*; um passeio por NY; em vídeo, *Contato*.

Nº 128
FEVEREIRO 98
Quentin Tarantino e as 62 pessoas que fazem Hollywood ser mais legal; a estréia de *Jackie Brown* e de *Tropas Estelares*; a estrela-revelação Matt Damon em *Gênio Indomável*; em vídeo, *A Outra Face*.

Nº 127
JANEIRO 98
James Cameron e a incrível saga de *Titanic*; Pierce Brosnan em *007 – O Amanhã Nunca Morre*; Stallone vira ator em *Cop Land*; o estranho mundo de Alfred Hitchcock; em vídeo, *Homens de Preto*.

COMPLETANDO A COLEÇÃO: se você estiver interessado em qualquer uma das seis edições exibidas nesta página, entre em contato direto com a nossa distribuidora, a Dinap. Os pedidos de números atrasados podem ser feitos por carta (Caixa Postal 2505, Osasco, SP), fax (011/8 68-3018) ou pelo telefone (011/810-4800), ao preço de R$ 7,41 por exemplar (R$ 5,70 do preço normal de capa, mais 30% para despesas de postagem, caso você deseje receber a encomenda em casa, pelos Correios). O pagamento pode ser feito com cartão de crédito (Visa, Credicard ou Diners) ou cheque nominal à Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações. Embora a distribuidora só mantenha em estoque as seis últimas edições de SET, eventuais consultas sobre a disponibilidade de números ainda mais antigos podem ser feitas pelo próprio telefone 011/810- 4800.

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Egberto de Medeiros
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor Editorial Adjunto: Matinas Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Milton Longobardi

SET

Diretor Superintendente: Carlos R. Berlinck

Editora-Chefe: Isabela Boscov
Editora de Arte: Marcia Mayumi Chicaoka
Editora-Assistente de Arte: Denise Gerbasi
Editores: Christian Petermann, Roberto Sadovski
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Soraia Gama Francisco
Colaboraram Nesta Edição: Alfredo Sternheim, Dulce Damasceno de Brito, Francisco Marcelino, Marcos Smirkoff, Miguel Barbieri Jr., Sérgio Martins, Sérgio Rizzo, Suzana Uchôa Itiberê (texto), Rogério Vilela e Octavio Cariello (ilustração)

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo
Abril Press: José Carlos Augusto
Nova York: Grace de Souza; **Paris:** Pedro de Souza

Comercial
Gerente: Silvia Campos
Gerente de Produto de Assinatura: Luciene Lauriano

Comunicação
Gerente de Promoção e Propaganda: Sandra Galli Ponsoni

Publicidade
Diretora: Ana Serra
Executivas de Negócios: Andréa Madri, Maria Rosaria Pires
Supervisora de Publicidade: Ana Maria Lobo
Supervisora de Especiais: Malú Marot
Executivas de Contas: Marília Hindi, Mônica Nicolau, Nilda Sperandeo (agências), Alessandra Alves, Marlene S. de Araújo (diretos)
Coordenação: Igor Ismael Assan (supervisor), Cláudio J. da Silva, Tieko Kuniyuki (coordenadores jr.)

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritório Regionais: Marcos Venturoso
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões

Grupo Abril

Presidência: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Fatima Ali, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

PRÓXIMAS *atrações:*

o que você vai ver na SET de agosto

ARMAGEDDON

O veterano Bruce Willis e o novato Ben Affleck lideram o time encarregado de salvar a humanidade da maior ameaça que ela já enfrentou: um asteróide em rota de colisão com a Terra. Conheça os bastidores deste esperadíssimo filme-catástrofe

Editora Abril

SET

Em São Paulo:
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 7221, 5º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (011) 3037-2000, fax: (011) 3037-4706

Representantes no Brasil
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - Rio de Janeiro, RJ, CEP 20020-080 - Tel.: (021) 220-3762
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, s/401 - Pituba, Salvador - BA - CEP 41820-021 - Tel/fax.: (071) 341-4996/4992/1765
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed. Bacarat - conj. 1701/6 - Brasília - DF - CEP 70309-900 - Tels.: (061) 223-21347/ 321-0305 - Fax: (061) 323-5395
Campinas: Lumina Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 26º andar - Sala 2604 - Campinas - SP - CEP 13010-050 Tel.: (019) 233-7175 - Fax: (019) 232-7975
Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - Sala 103 - Fortaleza - CE - CEP 60050-000 - Tels.: (085) 254-1666 / 6045 - Fax: (085) 231-4761
Minas Gerais: M.A.M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Contorno, 8000 - Ed. Wall Street - sala 1101 - Belo Horizonte MG - CEP 30110-907 - Tel.: (031) 335-8789 / 292-5657
Paraná: M.L.C Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-905 - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Recife: MultiRevistas Publicidade - Av. Dantas Barreto, 1186 - 15º andar - sala 1501 - Ed. San Rafael - Bairro São José - Recife - PE - CEP 50020-000 - Tel: (081) 424-3210
Ribeirão Preto: Intermídia Repres. de Publicidade S/C Ltda. - Rua João Penteado, 164 - Ribeirão Preto - SP - CEP 14025-010 - Tel.: (016) 635-9630 - Fax: (016) 635-9233
Rio Grande do Sul: Print Sul - Al. Coelho Neto, 40 - 3º andar - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-340 - Tel./Fax: (051) 328-1344
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 131 - Cond. Village II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianópolis - SC - CEP 88062-210 - Tel./Fax (048) 232-0519

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • INFORMÁTICA EXAME
VIP EXAME • GUIA ABRIL DO ESTUDANTE
Economia e Negócios
EXAME
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
Esportes
PLACAR • FLUIR
Masculinas
PLAYBOY
Femininas
CLAUDIA • ELLE • NOVA • MANEQUIM
PONTO CRUZ • CAPRICHO • BOA FORMA
ANA MARIA • HORÓSCOPO • CARÍCIA • SAÚDE
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
ARTE & DECORAÇÃO
Entretenimento
CONTIGO • SHOWBIZZ • SET

SET edição 133 (ISSN 0104-1592), julho de 1998, é uma publicação mensal da Editora Abril S.A. **Assinatura:** sua satisfação é a sua garantia. Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Rua do Curtume, 769 - Lapa - CEP 05066-900 - São Paulo - SP. **Números atrasados** (as seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque): ao preço da última edição em banca, mais custo de postagem, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Dinap S/A - Caixa Postal 2505, Osasco - SP, tel.: (011) 810-4800, fax: (011) 868-3018, dinap.na@email.abril.com.br. Horário de atendimento: de 2ª a 6ª, das 8h às 19h. O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal ou pelos cartões Visa, Credicard, Diners, American Express e Solo.

Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **SET** não admite publicidade redacional.

ANER **Central de Atendimento ao Assinante:** **IVC**
Grande São Paulo: 3990-2112
Demais localidades: 0800-55-2112

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

A VOZ SE CALA

No dia 14 de maio, um dos artistas mais completos do século deixou de partilhar sua bela arte com o público. O cantor, ator, produtor e diretor Frank Sinatra, cuja saúde vinha se deteriorando desde o final de 1996, deixou órfãos milhões de fãs no mundo todo. Ele estava com 82 anos. Conhecido como "A Voz" por ter sido um dos melhores intérpretes da música popular americana, Sinatra sempre usou com muito charme seu timbre de barítono meloso. Seus inigualáveis olhos azuis – ele também era chamado de Ol' Blue Eyes – certamente facilitaram seu ingresso no cinema. Sem formação acadêmica, foi um ator instintivo, mas se transformou num dos maiores ícones de Hollywood. Impossível esquecer sua marcante atuação como Angelo Maggio em *A Um Passo da Eternidade*, trabalho que lhe conferiu o Oscar de coadjuvante. Com uma filmografia memorável – destacam-se *O Homem do Braço de Ouro*, *Sob o Domínio do Mal* e *Alta Sociedade* –, ele foi uma das mais perfeitas traduções da Babilônia hollywoodiana, com uma vida repleta de escândalos, rumorosos casamentos com as atrizes Ava Gardner e Mia Farrow, misteriosas ligações com o submundo do crime e uma fortuna sem tamanho. Agora que não lhe falta mais nenhum passo para atingir a eternidade, ele volta a dançar e a cantar com Bing Crosby e Louis Armstrong na altíssima sociedade dos imortais.

NÃO QUEBRE A CABEÇA VIAJANDO POR AI, VÁ DIRETO A WN VIDEO.

MONTE SUA LOCADORA COM A WN VIDEO.
OBSERVE COMO É FACIL: A WN VIDEO ESTÁ VENDENDO
270 FITAS COM VÁRIOS LANÇAMENTOS E ACESSÓRIOS PARA A

MONTAGEM DE SUA LOCADORA POR APENAS:

R$ 2.700,00

RPZ/262-7518

APROVEITE! É POR TEMPO LIMITADO.
SEJA O SEU PRÓPRIO PATRÃO, MAS COMPRE NO LUGAR CERTO.

VENHA NOS CONHECER E COMPROVE TUDO O QUE PODEMOS LHE OFERECER COM A MAIOR TRANQUILIDADE

- ESTACIONAMENTO PARA CLIENTES AO LADO DA LOJA.
- FITAS COM A QUALIDADE WN VIDEO.
- FACILIDADES NO PAGAMENTO COMO VOCÊ NUNCA VIU.
- TRANQUILIDADE DE RECEBER A MERCADORIA EM QUALQUER LUGAR.

SÓ A WN VIDEO PODE OFERECER ESSAS VANTAGENS AOS SEUS CLIENTES.

BRINDES
1 ESTOJO
EXPOSITORES
DE PAREDE E CENTRAL
PAPELARIA
SUPORTE PORTA POSTER
KIT WN
POSTER A VONTADE
ACESSÓRIOS COMPLETOS
E MUITO MAIS!

SE VOCÊ PENSA QUE JÁ VIU PREÇOS BARATOS, É PORQUE NÃO VIU OS PREÇOS DA WN VIDEO.

COLECIONADOR
NÃO DEIXE DE CONHECER A WN VIDEO. TEMOS MUITAS RARIDADES PARA VOCÊ.

LIGUE JÁ: 6959-7959
E SOLICITE A NOSSA LISTAGEM.

WN

TELEVENDAS: 6959-7959
RUA DR. GABRIEL PIZZA, 334 - 02036-010
SÃO PAULO - SP - (AO LADO DO METRO SANTANA)
SEGUNDA À SEXTA DAS 9 ÀS 19h
SÁBADO DAS 9 ÀS 16 h
TELEFAX: (011) 290-8143

DPZ

alcatrão: 11 mg
nicotina: 0,9 mg
monóxido de
carbono: 12 mg

* Carlton. Um raro prazer.

**O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR PODE CAUSAR DOENÇAS DO
CORAÇÃO E DERRAME CEREBRAL.**